



le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

OS
TRES DIAS DE UM NOIVADO

POEMA

QUE

À MEMORIA DE SEUS PAES

DEDICA

Antonio Goncalves Teixeira e Sousa

NATURAL DE CABO-FRIO.

..... I. secundo

Omne.....

HOR. OD. VIII, l. 3.



RIO DE JANEIRO

TYP, IMPARCIAL DE PAULA BRITO.

—
1844.

MONUMENTO

À MEMORIA DE MEUS PAES.

—

Omni aut cui multum datum est,
multum quaeretur ab eo: cui com-
mendaverunt multum, plus petent
ab eo.

S. LUCAS CAP. XII, V. 48.

Muito me destes: nada me exigistes; e tudo
Vos devo.

Um sentimento de respeito, uma recordação
de amor, uma lembrança de ternura, e uma la-
gryma de saudade, jamais desempenhar podem
o alcanço em que estou para com Vosco: mas
Vós acceitareis sem duvida o meu desejo, como
um doce sacrificio offertado pelo Genio lidador,
que será um incenso queimado aos Vossos Nomes
sobre as aras do meu coração!

O amor, que ás letras tributo, obra é Vossa;
poderei ser por ellas immortal sobre a terra?
Deos Vol-o terá dito: si o for, em quanto Vos-
sas bemaventuradas almas velam por mim ante
o Antigo dos Dias na suprema Jerusalem, deixae
que Vossos Nomes vão com o meu á eternidade
dos genios, que não nasceram para o ócio.

A lapida do sepulchro collocou entre Vós, o meus olhos uma barreira inacessivel ás dôres, ás lagrymas, e ás saudades da humanidade!.... maõ fraca em demasia ante minhas meditações, cede, e cahe de vencida, aniquilada por meu espirito!

As religiosas contemplações do amor filial são um bemaventurado extasis para minha alma; ella se arrouba até Vós! Vós estaes com Deos, e minha alma está com Vosco!

Para Deos toda a minha alma! Para Vós todo o meu coração, ó meus Paes!

Senhor, glorificae-Vos com os sublimes Canticos dos Justos da Celeste Siam: acceptae as humildes preces dos peccadores da miseranda terra!

A MEU FALLECIDO'PAE

MANUEL GONSAVES.

—

Ah ! elle, que expirando, co'um suspiro
Atravessou minha alma, onde calára
Pungente, agudo espinho,
Que um sentir doloroso da saudade
Apura na minha alma a todo instante!...

CANT. LYRIC. VOL. II., CANT. 7.º MED. 3.ª

Quando os ainda incertos fundamentos
Lancei do meu Poema, a fixa estrella,
Que de longe alvo fiz, que busquei firme,
Foi a crença de um Deos que os mundos rege,
Foi a crença de uma alma incorruptivel !

Sagrada Religião, divino enlevo,
Augusto sentimento, amor do Bardo,
Tu n'alma lhe plantaste, e florencendo,
Quaes fructos anhelaste, os fructos dêra !

Haurido da desgraça o copo tenho,
Chorado tenho assaz, assaz gemido,
E, si não foras tu já não vivêra,
Que a propria dextra contra o peito alçára !

.....

vj

Quanto Tu me diceste hei tudo visto :
Succede a ingratidão ao beneficio,
Per entre os corações pullulam crimes,
N'oceano do mal o bem naufraga....
Onde a virtude ? apenas a esperança :
Essa mesma se perde em mar de angustias!...
Não ha na terra bem, debalde o busco ;
Só Deos é todo Bem, só Deos é grande !

No meio dos desgostos, que me opprimem,
Só me resta um consolo, um só refugio :
É minha Religião, são Teus Conselhos.

Em vão choro por Ti, por Ti saudoso,
E grande dor o peito me espedaça :
Mas quando a minha dor geme em Teu Tumulto
Reflecte a luz do Altar sobre minha alma :
Consolo á minha dor : paz aos teus Restos !

A' MINHA FALLECIDA MÃE

ANNA TEIXEIRA DE JESUS.

Ah! ella tão gentil, tão virtuosa,
Tão bella, tão affavel,
Tão meiga, tão amada, e tão amante,
Mãe carinhosa, e esposa terna, e fida...
Ella, que se revia
Nos filhos inda tenros, inda Infantes,
Amando o contemplar do esposo a copia
Nos tenros pequeninos...
Definhou-se inda em flor : tragou a terra
Esse amavel thesouro de virtudes,
Esse jardim d'encantos,
Onde apenas abrir viram-se as rosas
De trinta e sette lindas primaveras!...
CANT. LYRIC., VOL. II. CANT. 7.º MEDIT. 3.

Movendo incertas mãos, entre os vagidos
Da milindrosa infancia, mal parece
Que nos dubios gemidos,
Com que á mãe enternece,
Diz o infante — Mamã —, e entre os escassos,
Molles esforços lhe destende os braços.

Mamã!... Que doce nome ! Ao doce appello,
Por um tão santo amor extremecida
Ella, que corre a vel-o !
Seu filho ou sua vida
Mal que o materno seio reconhece
Um sorriso ensaiar nelle parece !

viii

Mamã... diz elle ainda soluçando,
Como que da demora entre-sentido,
E alegre se queixando !
Oh gozo o mais subido !
Foi a dor do momento de não vel-a,
É o doce prazer de estar com ella !...

Ella então fita no filhinho amado
Os amorosos olhos meio-abertos ;
Elle lhe ergue, pasmado,
Os bracinhos incertos !
Da mãe ao filho affagos mil ardentes,
Do filho á mãe sorrisos innocentes.

Não ha palavras neste gozo ameno ;
Só carícias, affagos, e sorriso,
Como em dia sereno
O mar pacato, e liso,
Que das celestes cores se decóra,
E molle balouçando o ceo namora.

Assim aura da noute susurrando
Embala meigamente a flor corada,
Suave a enamorando ;
E a flor enamorada
Ao nocturno bafejo adormecida
As azas lhe perfuma agradecida !

Vós, escravas do luxo abominaveis,
Que outra mãe daes ao filho... oh crueldade !

Para sempre agradaveis
Serdes á sociedade....

Miseras... não sabeis quanta riqueza,
Quantos bens traz consigo a natureza !

Inda bem : não gozaes suas delicias,
Seu riso, e sua doce sociedade ;
E de mãe as caricias
Só fruies em metade :
Não affagaes o filho, si elle chora,
Nem elle em vosso seio vos namora.

Dest'arte no amado ninho
Uma avesinha com as pennas
Aquece o tenro filhinho ;
E nas manhãs mais serenas,
De sobre um ramo defronte
Solta brandas cantilenas.
Adejando ao prado, ao monte
Vae-lhe o sustento buscar,
Ou junto ás margens da fonte.
Depois de ao ninho voltar,
Junto do filho querido
A vida vem-lhe animar
Com sustento appetecido.

Nesta união tão querida,
Destes dous bicos ligados
Não pende mais que uma vida.

E quando em tempos marcados
 O filhinho um vôo intenta,
 Inda humilde pelos prados,
 A mãe em seu dorso o assenta,
 E os leves ares cortando
 Seu vôo debil sustenta :
 Assim sempre o amparando
 Nesta empreza terna, e doce,
 O filho só vae deixando
 Tendo dos ares a posse.

Vós, que não comprehendéis a natureza ;
 Á quem não foi legado tanto gosto...
 Oh ! em vossa baixaza
 Curvae vexado o rosto ;
 Vós não sois mães... crueis, olhae p'ra as aves,
 Vós não tendes encantos tão suaves.

Não, minha Mãe, mil graças ao meu fado !
 Vil, mercenario leite, em minha infancia,
 Por mim não foi libado !
 Com que ardor, e com que ancia
 O teu rosto risonho me affagava,
 Quando eu com debil rir te enamorava !

Sim, porque em minhas dores, e alegrias,
 Mal expressadas na primeira edade,
 Só tu me comprehendias !
 Pois da necessidade

Esta lingoagem, que ninguem entende
É somente uma mãe quem a comprehende.

Póde a amada por nós romper muralhas,
Póde a esposa vencer arduo perigo,
 Póde vencer batalhas
 Por nós fiel amigo :
Mas nossa mãe, de um coração mais terno,
Por nós té soffrerá penas do Inferno !

Morre a amada, outra amada nos occorre ;
Substitue outra esposa á que se perde ;
 O amigo, si morre,
 Um outro lhe succede !
Mas nossa doce mãe, quando perdida,
Outra mãe não se encontra em toda vida.

E eu perdi-te, minha santa amiga,
O' meu supremo bem, augusto encanto....
 A terra, que te abriga,
 Regada por meu pranto,
Si flores desse, em tanta soledade,
Eu chamaria as flores da saudade !

Quem sobre a terra em nossos bens tem parte,
Quem conosco partilha as nossas dores,
 Quem metiga sem arte
 Os nossos dissabores,
É nossa mãe ; e nella nós gozamos,
Nella vemos um Deos, e um Deos amamos !

xij

Ah ! quanto á sua mãe um filho deve

Certo bem não pensou... elle avalia

Seu dever por mui leve !

Alma rude, alma impta...

Não digas mais... Mentiste, ó voz maligna,

Nero não era filho de Agrippina !

O' mãe, ó filho, extremos da belleza !

Vê-se o filho na mãe a mãe no filho !

Eis, eis a natureza !

Eis da virtude o trilho !

Ou ardendo as paixões, ou paixões calmas,

Ferve um só sentimento em duas almas !

Oh ! quando *Minha Mãe* eu te chamava,

Neste amor sacrosanto, puro, immenso,

Nos labios te queimava

Caro, e divino incenso,

Que do altar do meu peito em doce calma

Ia, em teu coração, ungir tua alma.

Quando tu rias sobre mim de gosto

Um celestes reflexo luminoso

Cahia no meu rosto,

Revelando amoroso

Os dons de um Seraphim, dons de um Archanjo !

E amor tão puro, como amor de um Anjo !

Porque este amor, que só no ceo se aprende,

Que no ceo, só no ceo é que se forma,

Só no ceo se compre'nde,
Pois Deos só delle é norma :
Ah ! tal mysterio, que no ceo só cabe,
É somente uma mãe quem delle sabe !

O' Deusa para mim, ó Anjo, ó Santa,
O' minha Mãe, recebe o meu Suspiro....
Na dor que me aquebranta
Quasi já nem respiro.
Vive com Deos, ó minha mãe, na gloria,
E no meu coração Tua Memoria !



ALGUNS PENSAMENTOS.

—

LEDE.

Si tout doit finir avec nous, si l'homme ne doit rien attendre après cette vie, et que ce soit ici notre patrie, notre origine, et la seule félicité que nous pouvons nous promettre, pour quoi n' y sommes nous pas heureux ?

MASSILLON — IMMORTALITÉ DE L'ÂME.

Leitor, ahí tendes versos meditados no fundo de mil desgostos: nelles deparareis nao poucas vezes com os traços de meus soffrimentos, e com os signaes de minha dôr !

No centro de minhas angustias eu meditava; em minhas meditações minha alma se engrandecia, e se levantou até Deos !

Da idéa deste Grande Ente minha alma embebeu-se nas idéas, que em minha infancia meus paes me haviam inspirado, isto é, nas idéas de Religião !

Eu era o caminhante, que morto de sede, abrasado de calma, viaja por arenosos páramos, como os dos aridos desertos d'adusta Arabia, que anhela por alcançar um oasis, onde uma sombra

o abrigue, uma fonte o sacie, e uma aura o refrigerere.

Os meus soffrimentos eram os desertos de Sennaar ! no meio deste insociavel ermo eu encontrei um *elonah*, a Religião; neste *elonah* uma sombra, a constancia filha da Religião; no meio desta sombra uma fonte, a esperança filha da constancia; e sobre as margens desta fonte uma brisa tão salutar, e refrigerante, como a suave viração da minha terra, isto é, a idéa de Deos !

Ah ! que então minha alma respirou de animada ! e este respirar de resignado eram dulcissimos fructos das primeiras impressões, essas, que um amor quasi divinal havia engastado em minha alma; não eram pois os fructos de uma eschola philosophica, ardentemente espiritua-lista, onde a voz magestral de um lente se esforce em fazer com que seus ouvintes, quasi onthologicamente, concebam a alma humana, suas faculdades, sua immortalidade, sua communicação com a materia; e até mesmo as perfeições da propria Divindade ! esforços, que se baldam d'encontro a corações desgarrados pela libertinagem, ou uma educação negligente.

E de facto os nomes pomposos de — Influxo Physico, de Mediador Plastico, de Causas Occasionaes, de Harmonia Preestabelecida etc. — podiam enriquecer a minha imaginação, mas não augmentar as convicções vivas de minha alma,

porque Euler, Descartes, Cudwort, Malebranche, Leibnitz, Wolf, etc., poderiam a tal respeito instruir-me, mas não inspirar-me; assim como Locke, continuando a revolução antes encetada por Bacon, e Gassendi, não era sufficiente para aniquilar a fé robusta, que por ventura meus paes me inspirado tinham nos meus primeiros annos!

Certo quem ler o meu Poema dirá que nelle sobresaem idéas religiosas, e philosophicas, que começaram de apparecer no fim do seculo passado, que tanto vingado teem no presente, idéas de opposição ás idéas, que no fim da idade media com tanto ardor se levantaram, e que Condillac mais que muito requintára no proximè preterrito seculo.

É bem verdade que as ondas do materialismo, que nos procelosos mares da methaphysica havia erguido, e perturbado o celebre philosopho inglez pelos fins do 16.º seculo, ou principios do 17.º. e que mais fortes se acapellaram no 18.º, apezar de sua vehemencia iam fremindo esbarrar seus furores, e delir seus esforços d'encontro ao rochedo da—*Critica da Razão pura*— que nos mares do espiritalismo Kant por ventura lhes havia collocado! Mas segunda vez devo ainda dizer, que as minhas idéas Theologicas, e Psychologicas não eram uma reacção escholar, cujos fundamentos bebidos fossem nas paginas de Cousin, ou de Damiron.

Não; que no fundo de minhas mais encontradoras idealidades, no fogo de meus melhores annos, no mais intenso de meus prazeres, eu escutava uma voz interna, que de minha alma partia, cujo era o retumbante accentto:—Eu sou immortal, Deos vela sobre mim!—Será isto illusão? talvez: mas quem explicar poderá o doce encanto desta suave illusão?

Como pois seria possível que Lucretio em sua obra *De Rerum Natura*, *Holbach* em seu *Système de la Nature*, *Dupuis* em sua obra *l'Origine de tous les Cultes*, etc., abalar podessem a viva crença de meu espirito, arruinando a fé inabalavel, que meus paes me ensinado haviam, arrancando de meu coração as esperanças mais caras, que sobre a terra eu tenho?

E pois, a base de meu Poema não é uma reacção de seculo á seculo; é o fructo de uma crença sobremaneira firme!

Todavia, não sahiu um Poema bello, é verdade, mas sahiu sentimental... a dôr o inspirou, a Religião o presidiu.

É pois um Poema nascido de minha dôr, cujos deleneamentos não tiveram outras regras, que não fossem minhas inspirações!

Vae pois, ó querido, e beijado filho de minhas meditações; si te ousaste de apparecer á luz do mundo, ó suado fructo de minhas lucubrações, vae, afouta-te a esse mundo, e nelle aguarda os definitivos juizos, que deverão decidir dos teus

destinos. Não sejam as reprovações dos zoilos quem te faça voltar cara. Vae; tu encontrarás opposições, satyras, e mordacidades, mas não importa. No meio de um mundo empestado, insensivel, e surdo ás mais tocantes, e sagradas vozes da natureza, e da humanidade, tu encontrarás talvez uma alma terna, e compadecida, de algum mortal, que soffra, ou, ao menos, que, si não por si, tenha por outro comprehendido os soffrimentos da vida! Tu acharás talvez uma idéa, que per entre as minhas exaradas em ti te aprofunde até descobrir as notas dolorosas de meu despedaçado coração! Vae; tu depararás talvez com uma idéa, que te comprehenda, e faça dizer á aquelle, que a formar: « Este homem era sensivel, e elle soffria descommedidamente!» Tu serás lido talvez por uns olhos, que em ti devorando os traços, que compõem os signaes das minhas idéas, deixem cahir sobre ti uma lagryma de ternura! lagryma, que irá humedecer aquella mesma pagina, antes humedecida pelas minhas! Tu abalarás talvez um coração á quem farás derramar um suspiro sobre aquelle mesmo logar, que os meus suspiros deixaram quasi abrasado! Tu encontrarás talvez uns labios, que deixem escorregar um osculo sobre ti, n'aquelles mesmos versos nos quaes minha alma estampou as suas mais caras, e mais idolatradas idéas, e tão amargamente adquiridas á custa de tão dolorosas experiencias! Vae: e depois de

moveres a ternura de alguma alma, apresentalhe por fim uma idéa sublime, e maior do que todas as idéas possíveis! É no meio do clarão dessa idéa immensa que vae consolar-se, e esclarecer-se uma alma afflicta, e mais que muito saturada dos desgostos do mundo! É essa idéa de sublime religião, e de verdadeira moral, que revela uma alma, que elevada acima de si propria, isto é, que lançando para longe de si as dores da humanidade elevando-se a esse mundo mystico, e todo psychologico, quasi que se colloca em um intimo contacto com a Divindade!

Ha uma idéa, que o homem não ouviu da voz do trovão, nem tão pouco foi estampada em sua alma pelo golpe do raio, nem alli sellada pela sua chamma! É uma idéa em que não teve menor parte o terror! É uma idéa tão espontanea no coração, como o suave nome de mãe nos labios dos innocentes, entre seus prazeres, e dores infantis! É uma idéa, que pura, como a propria pureza, grande, como ella mesma, tem vingado o septicismo, o mais revoltante dos seculos mais impios, e illesa de todas as impiedades, intacta no meio de todo o eelectismo, e ovante, como uma emanação do Eterno, será Eterna!

Tudo poderão os homens destruir, e no meio de seus estragos não ficará talvez pedra sobre outra pedra! mas, si no centro desses homens impios, como os demonios, houver um só, que

de resto possua de homem uma leve nota, esse, que no meio dessas ruínas colloque, de um lado, a sua alma, d'outro, esses destroços, e entre uma, e outros a razão; depois pesquise essas moles dispersas, falle a esses antigos, e derrotados monumentos, converse com esses estragos, e interrogue a esse montão de ruínas; em cada uma pedra achará uma idéa, e cada uma dessas idéas revelará um sentimento de religião, e cada um desses sentimentos apregoará a existencia, a grandeza, e providencia de um Deos. É dessa idéa sublime, que dimanam as idéas de uma religião benefica, de uma moral santa, e de uma virtude inhabalavel! e essas são as idéas, que mais quiz eu que sobressahissem, e esplendessem no meu Poema!

Vae pois: dize ao mundo, que teu auctor, parando, um dia, diante de um rio, sobre cujas margens volveram, ha longos seculos, as livres plantas dos independentes filhos do deserto, as contemplou, e teve então uma idéa triste, a dos primeiros habitantes do novo mundo! Dize, que teu auctor parou diante de uma arvore secular, e que quando a sua cortiça lhe attestou a passagem de gerações, que desapareceram de sobre a superficie dessa terra da primitiva liberdade, elle teve uma reminiscencia dolorosa, das historiadadas desgraças de tantas familias, que habitavam o terreno americano; e que essa idéa, e essa reminiscencia, arrancaram á sua melan-

cholica dôr uma poesia sentimental; mas que no meio dessa poesia de sentimentos, elle quiz ser útil á seus semelhantes, aconselhando-lhes o fugirem de duas paixões, tão perigosas, quam vulgares! de duas paixões, que transformadas em uma, tornam o homem, o mais virtuoso, em um bruto de ferocidades!

Leitor, si por ventura viajardes algum dia á pequena cidade de Cabo-Frio, a uma legoa, pouco mais ou menos de distancia della para parte occidental, achareis o pequeno bosque chamado—Capão—das Laranjeiras—onde notareis algumas destas arvores, que vos attestarão a sua antiguidade. —Aqui (dizeis vós) foi o tragico acontecimento de Corimbaba, e de Miry'ba; aqui foi a Narandy'ba do trovador brasileiro. Distante deste logar nove, ou dez leguas talvez, caminhando para o occidente, parae sobre a praia do oceano, no logar chamado —Itauna—Ahi cruzae os braços: sobre vós ha um céu puro, vós o sabeis, o céu do Brasil; com a frente para o rochedo da Itauna, ante vossos olhos vereis esse quadro immenso do oceano, que ondulando sobre si proprio vem quebrar seu iroso respirar nessa arenosa praia junto de vossos pés; alongae então a vista por sobre esse immenso plano, ella se perde ávida, e desconso-lada nesse longinquo horizonte cheio de melancholia! Sobre vossas costas ha um terreno coberto de fugitivas arvores, reliquias desses virgi-

naes sertões, doação primitiva da natureza agreste, desde seus dias infantis até o seculo das grandes profanações humanas, isto é, o seculo XVI! A' vossa esquerda se desdobra uma praia nua, sobre a qual por espaço de onze, ou doze legoas o vento remove em suas turbulentas azas médas de finissima arêa tão branca, como a ligeira espuma com que o mar deixa fimbrada a rocha da Itauna: e no fim deste despido espaço lá se alevantam, as vezes carregadas de pluviosas nuvens, as serras, que põe remate ao Cabo-Frio.

A' vossa direita, por sobre uma pequena praia ao fim de uma legoa, encontram vossos olhos uma elevada collina, guarneçada de viva rocha, soberba pela sacra corôa, que lhe adorna a frente, como diadema de rainha; convém saber, o lindo templo de N. S. de Nazareth de Saquarema! Agora prestaes attenção... esse estrondo melancholico, e rouco, que ouvis, é o mar, que medonho se despeja no fundo da caverna da Itauna, ou Pedra-negra, si assim o quereis, e que escoando-se pelas suas fendas, lá deixa um novo vasio, onde nova onda virá dar nova queda, produzindo nella um novo, e medonho estampido.

Contemplae agora esse bello céu, que vos cobre; esse mar immenso, que oscila ante vós; esse vasto horizonte, que limita vossas desejosas vistas; esses campos, que vos recordam a vida isempta dos primeiros filhos da natureza, antes

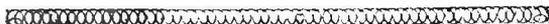
que o profano machado do polido agricola viesse insultar os sagrados altares da primitiva liberdade do homem da natureza! essa nua praia terminada por essas magestosas serras; essa collina em cuja corôa, no templo do Eterno, resoam os hymnos do peccador ao Deos de todas as gerações, e á Virgem de todas as edades! essa rocha côncava, que em frente tendes, em cuja gruta o mar se quebra mugindo, trazendo aos vossos ouvidos um echo gemebundo, e melancolico! contemplae; tudo vos obriga a meditar! Vós entrareis em vós proprio, e direis—» Eis o universo! este grande oceano! e que sou eu no meio delle? uma gotta no meio deste grande mar! — Assim meditando onde vos achareis vós? sem duvida — *Na Caverna sagrada das meditações* — isto é, dentro de vós mesmo, em vossa consciencia!

Então, si ahi vos lembrardes de meus melancolicos cantos, vós direis: — Eis aqui a Itauna, onde o trovador dos Indigenas collocou a — *Caverna sagrada das meditacões*.

AVE.

FIM.

OS TRES DIAS DE UM NOIVADO.



CANTO I.

Vem, ó santo Hymeneu, desce dos ares
Coroado de lírios, e de rosas.

.....

.....
Destes bosques os Deuses tutelares
Ornando as tranças negras, e formosas,
Iráo co'as nuas graças, e os amores
P'lo chão espalhando as brancas flores.

J. B. DA GAMA.

I.

Os Altares do Deos dos povos cultos,
Sobre o dorso do mar, d'Europa vindos,
Ja nas terras do Atlante se elevavam
Entre selvagens povos. Incruentos,
Mais puros sacrificios recebiam

CANTO I.

1

As Aras do Senhor. Que homem primeiro
 Entre gentes idólatras ousára,
 Hardido propagar, sem medo á morte,
 Os Mysterios do Deos, morto no Golgotha?
 Assaz o sabe a Historia, e nem disputa
 Aos padres de Jesus a palma egregia! (1)

II.

La do seio das ondas, legoas muitas,
 Sobre a Brasilea costa, do terreno,
 Onde, da Redempção, Cabral plantára
 O augusto signal, p'ra parte do austro,
 Das vagas despontando, avista o nauta,
 Em linha, um grupo de pequenas ilhas
 Distinctas entre si, formosas todas.
 Julgais terdes em frente insulas sette?
 Embalde; que si dellas sois mais proximo,
 Vereis erguer aos ceos sette cabeços,
 De broncas penedias irriçada,
 Crespa d'hirtos certões ingrime serra. (2)

III.

Deitada sobre o mar, por toda parte
 Com frêmito feroz, vãamente as ondas
 Despiedadas lhe açoutam, carcomendo
 A base annosa, que até hoje embota
 Do eterno ancião equéva fouce!
 E, para mais zombar das mãos da idade,
 O rochedo eternal se occulta inteiro
 Em verdes mantos do equoreo limo.

IV.

Sobre seus cumes sette magestoso
Parece que assentára a séde sua
O Genio da borrasca. Eternos rolam
Os celestes trovões sobre essas auras ;
Como, si se travára, há sec'los muitos,
Entre as nuvens do ceo, entre os rochedos
Despiedadas rixas. Incessantes
Resvalam ao través das negras penhas,
Serpeando per entre as serranias
Mil rapidos coriscos. Despenhada
Tomba, borbulhonando, sobre as grutas
De copiosa chuva a grossa enchente. (3)

V.

Impune a revolver o pégo, e os bosques,
Com impeto feroz, sopra o Nord-este,
Entre arrancos medonhos. Nevoa eterna
Inteira envolve da montanha os pincaros.
Dirieis, que esse Genio atroz, indómito,
Zeloso de seu reino o quer, continuo,
De orgulhoso, interdicto, e bem vedado
A qualquer olho humano. Qual pé d'homem
Ousou vingar da encosta o meio apenas?
Chegar-lhe a pequenina, e branca praia,
Visinha a terra firme, mal foi dado
A' velhos pescadores. Por balisa,
Ampla lingoa de terra, ao mar entrada,
Às ondas sobranceira, altiva a grimpa,
Extremo portentoso, até as nuvens. (4)

VI.

Dirieis, que acanhado em seus dominios (5)
O chão que n'outro tempo era habitado
Pelos Tupiniquins, olhára inútil
Vasto espasso de mar, pouco de terra,
E destacando um fio de seu seio
Foi com elle invadir posses marítimas:
Mas o mar, não deixando inulto o arrojo,
Grande batalha em campo lhe apresenta,
Quando, perdido um grão, recuado tinha (6).

VII.

Ahi venceu o mar, parando a terra;
Mas tal o embate foi, que ella soffrêra
No temeroso encontro, que de subito
Essa ponta invasora, antes tão firme,
Revoltou para o ceo; hoje é seu termo:
Mas, zeloso o oceano de seus fóros,
Pela mais fraca parte a carcomendo,
Ao fim d'eras immensas conseguira
O monte segreggar da terra firme;
De cem palmos um golpe lhe rompendo,
Que elle soube occupar com as vagas suas, (7)
Quebrando assim as forças da invasora.

VIII.

Nem o desposta aqui susteve as furias,
Que apascentava atroz de vingativo.
Desmoronando audaz velhas montanhas
Suas metas transpoz; foi serpejando,

Além terras, bombar coviz de tigres ;
E entrando, entrando mais per entre bosques
Legoa tres vezes tres cobriu. Quem pouco,
Sobre este mar, que invade a terra firme,
Medita, julgará que a natureza,
Então mais folgazã, que providente,
À vingança, que o mar tomou da terra
Com symetrica mão lhe presidtra.

IX.

Entre montes entrado, percorrendo
Vai ao septentrião do meio-dia,
Oppresso em corredor tão apertado,
Que bem ver deixa o como a seu despeito
Passo lhe dá a terra. Mas vencendo
O meio de uma milha, tal combate
Aqui lhe offr'ece a terra, que de volta,
Formando um ang'lo recto, decorrêra
Para onde o sol cabe. Anda outro tanto
Lhe embaraça outra vez montanha a marcha,
De novo o norte busca : outr'ang'lo recto.

X.

Como si ahí cançára da peleja,
A terra lhe concede um mór espaço,
Aonde o invasor mais se espraiando
Uma bahia forma ; é seu diâmetro
Metade de uma legoa. Novos brios
Cobrando a terra lhe disputa os passos,
Mal lhe deixando um estreito, onde se volva
A mole immensa d'agua. Foi ligeiro

Este esforço sustido por cem braços,
Que após ellas deixando quasi o campo,
O que valle ja foi o mar lhe occupa.
Agora a circular bahia conta
Raio de meia legoa. Outra vez tenta
A marcha lhe estorvar cançada a terra,
E força ao contendor que volva os impetos,
Entre montanhas duas, duas vezes. (8)

XI.

O mar se deslizou aqui mais placido,
Como, que a novo embate se aprestava.
Da terra o resistir lhe foi ephêmero ;
De lassa ao invasor cedeu vencida ;
Ultimo disputou passos quarenta !

XII.

Aqui o vencedor amplo se espraia
Per onde, n'outra idade foi campina.
Grutas de feras, covas de serpentes,
Magestosos ipês, humildes murtas,
Aonde o papagaio, e a rola formam
O amoroso ninho, é ondas tudo.

XIII.

Parca bahia agora ja não vedes ;
Mas, pelo longo extensa, é quasi um golfo.
Dest'arte vezes seis modificou-se
O feroz vencedor nesta conquista,
Formando estreitos tres, que uns após d'outros
Diminuem, e ligando tres bahias

Que se augmentam. Com tudo, á terra coube
 A gloria, qu'o imigo respeitou-lhe
 Todo o vasto int'rior, correndo ao longo
 De seus proprios dominios.

XIV.

Alça o pégo,
 Que os campos desolára, por balisa,
 Do lado d'oceano, em certo ponto,
 Uma cinta arenosa : é tão estreita,
 Que as procellosas ondas d'oceano
 Vingando-a, com borrifos espumosos,
 Os vem depor no mar da terra firme.

XV.

Dirieis, que velando sobre a prêsa
 Elle a vem perlustrar de tempo a tempo.

XVI.

Esta cinta, travando, como um isthmo,
 A terra firme á deslocada terra,
 Ata peninsula, qu'ao oriente avança. (9)

XVII.

Essa lingoa de terra, ao mar lançada,
 Que a septi-cóllea acaba, ingrime serra,
 Cabo, outr'hora chamaram-lhe os geographos ;
 E pelas tempestades, e nevoeiros,
 Appellidaram—Frio—antigos nautas. (10)

XVIII.

Engraçada collina em tudo bella,
 Si avára não trancasse a natureza,

Para ella, em ferrenhas, duras arcas
 Seus thesouros caudaes, demora ao norte
 Dessa longa bahia, á quem os incolas,
 Do mundo de Cabral, o nome deram,
 Suave na expressão de —Araruâma.—

XIX.

Parahi de Loyola os sabios filhos (11)
 O submisso rebanho transplantaram ;
 Rebanho, que então já se apascentava
 Nos rediz do Senhor ; ovelhas pias
 Renatas pelas aguas do baptismo
 No templo do Deos Homem. Tempo houve,
 Si ás priscas tradições fallir não cabe,
 Que esta horda, para o ceo já conquistada,
 Antes, deste logar distantes legoas,
 Era assente n'um ramo que ao Atlantico
 Dos feros Aymorés desfecha a serra. (12)

XX.

Agora ja christãos, da Igreja filhos,
 Tem por orago o templo, é seu Patrono,
 D'Aldéa Padroeiro, o feliz Cephas,
 Que ao depois de negar o Amigo, o Mestre,
 Tão amargo carpiu, de arrependido,
 Que da culpa Jesus o revocára ;
 E dos christãos á frente, illustre sabio,
 A velha Antiochia após deixada,
 A morte, a palma egregia do martyrio
 Vem da Cidade eterna achar glorioso ! (13)

XXI.

Nesta Aldêa, tão vasta, á luz foi vindo
 Corimbaba, o mais rico, o mais possante
 Da tribu Guarany : é fama d'elle,
 Que de antigos Cassiques descendente,
 A todos sobranceiro, se avultava
 Em generoso orgullo. Amplos guerreiros
 Os seus antepassados, sempre invictos,
 Senhores da victoria, em seus banquetes,
 De vingança, beberam pelos craneos (14).
 Dos inimigos seus. O ardor, a gloria,
 Transmittidos do paé, ao filho, ao neto,
 Chegam a Corimbaba. Antes perdidos
 Da senda, que em direito aos homens leva
 A recolher os fructos preciosos
 Do sangue de Jesus, seus paes se fazem
 Caros filhos do Ceo, de pagãos, que eram.

XXII.

Elle instructo na lei, que os paes abraçam,
 Não conhece outro Deos, que o Deos benigno
 De paz, de salvação, e de piedade ;
 Não conhece outra lei, que a Lei da Graça,
 Que Israel, desde Adão té Jesu-Christo,
 N'antiga, e sabia Lei tanto emblemára.

XXIII.

Não era entre os d'Aldêa o seu tugurio,
 Que além mar da bahia se assentava

N'um dos mais bellos pontos da península,
Que estende, por tapiz nevada arêa. (15)

XXIV.

No extremo oriental ella (a) supporta
De antiga fundação não grave peso :
E' exigua cidade alli nascente, (b)
Que as frabricas no mar, que as terras entra,
Espelha graciosa. Foi primeira
Mão d'homem, que lançou-lhe a inicia pedra
De Constantino Meneláo. Regta
Do Cid a patria, de Ullissêa os campos
De Philippe terceiro, o fraco, em nome
De Lerma o duque. (16) Galeões vem cinco,
Que, de inimigas hostis guarnecidos,
As praias do Brasil affrontam perfidos.
Invasoras cohortes despejando
Do Cabo-Frio sobre incultas praias.
Foi então que esses ávidos corsarios
Primeiros muros de guerreiro Forte
Construiram alli, p'ra de seus bosques,
Com latrocinia mão, transpor aos mares
Essa, que nelles vegetava immensa
Em gigantescas arv' res cobiçada
Purpura, que por bella a Tyrea eguala.
Tal as selvas do Lybano pejavam
Para a Jerusalém transpor seus cedros
De Salomão obreiros prestimosos.

(a) A Peninsula.

(b) A Cidade de Cabo-Frio.

XXV.

Inda não era Nitheroy (a) cabeça
 Do d'Equador Imperio porvindouro :
 Nascia pequenina entre seus montes,
 Qual entre os montes seus Roma nascera.
 Seu governo nas mãos Meneláo tinha.
 Meneláo, que se embarca, e prestes voa
 Ao sup'rior appello obediente ;
 Chega a terra invadida, affronta, e vence
 Cohortes inimigas : ergue um Forte,
 E após cimentos, que lançou primevos
 Dos baluartes do edificio bellico,
 De uma povoação traça alicerces.
 Dest'arte a Menelaia começando, (17)
 Foi, mais tarde, em cidade transformada.
 Dest'arte o solo de um dominio estranho
 Passa em breve outra vez ás mãos do Luso.
 Sobre esse arneiro então á pesca idoneo (18)
 Os pescadores ávidos sentaram,
 Nesse tempo remoto, a séde sua.

XXVI.

P'ra parte occidental dessa cidade,
 Distante milhas tres sobre as ribeiras
 Do manso mar terreno, era um silvedo :
 Pelos primeiros seus possuidores

(a) Nitheroy (da bahia do mesmo nome) se chamava
 Cidade do Rio de Janeiro antigamente ; ao menos
 entre os poetas.

O nome — Narandy'ba (a) lhe foi dado :
De laranjeiras quasi é todo o bosque.

XXVII.

De um lado, ameno, lhe demora um campo,
Em cuja volta a revolvida arêa,
Amontoada em combros, sobre vallas,
Os travados de imbê (b) postes sustenta.

XXVIII.

Sobre o grammineo chão nedia repasta,
Entre o bovino armento, a raça equina.
Si falta agudo pico, d'onde penda
Capro travesso, audaz de aventureiro, (19)
Sobram no pasto decepados tóros,
Que attestam que, annos antes, despiedado
O ferro do primeiro, que lançára
Nesse solo ditoso os grãos contados,
Arv' res frondosas cerceando a esmo,
Com sacrilegas mãos profanadoras
Lhes fez murchar na terra o tronco inutil :
Desses, ja seccos, tóros levantados
O cabrito brincão salta na relva,
Entre o manso, lanifero rebanho.

XXIX.

D'outro lado, do agricula se estende
O ardor, a esperança, o doce objecto,

(a) Laranjal.

(b) Um cipó roxo-negro, com que se atam as cercas,
e o madeiramento das paredes de páo, cuja duração
admira.

Em que passe, continuo, os olhos ávidos,
Alegrados nas ceifas abundosas,
Que breve aguarda ledos. Alli se avulta,
Medrada, a succulenta, e tortuosa
Rama, que occulta sob o chão herbaceo
A grossa mandioca, que bem perto
Pejará, em farinha, o seu celleiro,
Ou terá de ampliar, mudada em ouro,
Os grandes cabedaes de Corimbaba.
Assim aperolado ou rubro, estende
O saboroso aypim flexivel talo.
Alli da terra extrahe tosco, e retorto
O cará, mais além o etê mais bello, (20)
Por quem trocára inspidas batatas
A faminta Britanea. Neste solo
Esta bella raiz vinga formosa,
Tão doce ao paladar, varia nas cores.
Além tapiza a terra a larga folha
Da doce abob'ra, que os cipós enrosca
Entre a branda latada destendida
Do fragrante melão auri-corado,
E verdes melancias, cujo âmago
Esconde a côr, e as lagrymas d'aurora.

XXX.

Por meta ao campo o extremo alevantava
Um vistoso pomar, que entremeavam
Cheirosas flores, que bordou natura
Com mago estudo, com diversas cores; (21)

Que gratas aos bafejos matutinos,
Ao doce alvorecer, d' enamoradas
De redolente essencia embalsamavam
Azues azas subtis de meigos zephiros.

XXXI.

Dirieis, que os favoneos feiticeiros,
Cansados de adejar, vinham altgeros
Sobre os das flores aljofrados seios
Repouso demandar, de fatigados ;
E qu' ellas extremosas, entre um beijo,
E outro, terno affago da saudade,
No regaço tão doces os acolhem,
Que bellas mollemente se embalando,
Seduzem ao amante em brando somno !

XXXII.

N' uma exigua bacia mal se encrespa,
Ao respirar de amortecida briza,
Deluido topazio, em cujas margens
Densas verdejam as polidas folhas
Das fragrantas, rasteiras madre-silvas,
Que em niveo campo os raios cor das rosas,
Matizam d' alcatifa o verde fixo.

XXXIII.

Molles, de junto dellas, se debruçam,
Amorosas beijando a flor das aguas,
Recurvas espadanas, que nos cimos
Sustentam, oscilando, os roxos lirios.

XXXIV.

Além, selva de bastas laranjeiras,
 Contrastando com a neve do florido,
 Ou com o ouro dos pomos innocentes,
 O verde espesso de odorosas folhas,
 Em tanta multidão dão nome ao bosque.

XXXV.

De uma alegre collina sobre o dorso
 Assente ampla cabana remontava
 O leve, o feliz tecto de uricannas. (a)

XXXVI.

Feliz, oh sim feliz ! pois nessas eras
 Essas telhas, que os valles dadiavam
 Aos filhos venturosos das florestas,
 Só abrigavam paz, só a innocencia,
 D'aquelles, que, corruptos, não libavam
 O liquor empestado das cidades,
 Que pouco a pouco philtra-se insensivel
 Nos jovens corações ! Felices elles,
 Que as agrestes choupanas povoavam :
 Elles, que nem traçar inda sabiam
 As figuras, das quaes, sinão o invento,
 D'ampliação ao menos coube a gloria
 Ao moço, que das praias da Phenieia (22)
 Parte em busca da Irmã, de um nume illusa,

(a) Palha com que os indigenas, e inda hoje muita gente pobre cobre as cabanas : ha além desta, o sapé, e a tiririca.

Sob o touro fallaz, nos priscos evos,
 Quando em lindas ficções embevecida
 A culta Grecia realisava sonhos
 Madeiro inutil transmutando em douses.

XXXVII.

Felices elles sim, pois nesse circulo,
 Tão pequeno de amigos, e parentes,
 Os crimes d'ambição desconheciam,
 As fraudes, as intrigas, as versucias,
 Mentiras, imposturas, que de em torno
 Aos reis, o ar ambiente após empestam ;
 Revolvendo os pagódes dos magnates.

XXXVIII.

Felices elles sim ; porque viviam
 Vida fagueira, e doce. Não queimavam
 Sobre importuna luz, seus lassos cilijs
 À mercê de uma gloria tão precaria,
 Que nem si quer da vida ao sabio presta
 Indispensaveis meios. Antes, coino
 Si o genio, si o talento fôra um crime,
 Lhe espera em punição masmorra hedionda
 Ou em triste hospital morte de misero,
 Ou miserrima inópia desolada,
 Que pão carpido pela rua esmola !
 Só pela gloria de a longinquos tempos
 Mandar um nome, que custára aos olhos,
 Em tantos annos, lagrymas de sangue !

XXXIX.

Gloria vã, que além tumulo se aduna
 Á um nome, que escreveu nas ferreas paginas
 A morte. O fatuo orgulho dos humanos
 Perdão outorga, e indulgente á tudo ;
 Mas ao talento não : não soffre o homem
 O talento, que em outro se abalisa !

XL.

Ergue pois por paredes o tugurio,
 Presas no forte imbê, Brasileo prego,
 As grossas varas, a quem cerca em massa
 A branca tabatinga. Crê-se, vendo-a,
 Que calcinada pedra em pó desfeita
 É da parede a crosta derradeira.

XLI.

Orna o solo ao tugurio, despargidas,
 As folhas das cheirosas laranjeiras,
 D'involta a branca flor, que em cheiro enleva ;
 E lindas, inda frescas, madre-silvas :
 Assim bellos festões de bellas flores
 Pendem do tecto, das paredes pendem.

XLII.

Guarnece a porta do casal ditoso
 Coqueiros dous, com enlaçados ramos,
 Arco em triumpho feito. Sobre os troncos,
 Em forma de serpente, que se grimpã,
 Pelo tronco de uma arv're serpejando,

Sustidas flores por involta embira ;
 E sobre o laço, d'onde as palmas partem,
 Ramalhete maior o enfeite c'roa.

XLIII.

Todo o liso terreiro abunda em flores,
 Esparsas pelo chão. A festa é grande.

XLIV.

No centro desse páteo, corpulento
 Longevo cedro aos ceos alevantava
 Os tortuosos ramos, cuja sombra
 A' parte do terreiro era propicia.
 Sobre a rija cortiça elle attestava
 A passagem, talvez, de quatro edades,
 De quatro antepassados. Bem ser póde
 Que as mãos do trisavô de Corimbaba
 Aquella arv're plantassem. Nesse tronco
 Galga travesso lépido menino,
 Sobre a media bahia estende os olhos, (23)
 Bate as mãos de contente, salta, e grita,
 Exclamando—« Lá veem, lá veem ; 'stão perto. »
 Subito corre a turba ; voz em grita ;
 Caminho á praia. Proximas divisam
 Canoas quatro em par, que varejavam, (24)
 Sedentas de abicar fronteira margem.

XLV.

Bordam, enfeitam as curvadas bordas
 Frescas, e longas folhas de palmeiras.
 Entrançadas esteiras multicores

Alcatifam os côncavos madeiros ;
 E sobre ella se assenta alegre, e linda
 Deste lado a donzella ; além mais grave
 A casada ; e após, de ambos os sexos,
 Sobre a borda brincava, dividindo ,
 O travesso menino, a fugitiva
 Onda com tenro dedo. Vem sentado
 O ancião entre a turma das mulheres ;
 Talvez na velha mente ruminando
 O tempo, quando amou, que foi amado ;
 E revolvendo o cofre das lembranças,
 Ou desgostos, que já carpir não fazem,
 Ou prazeres, que já valor não prestam,
 Sobre as cançadas azas da memoria,
 Vão-lhe á mente agitar, vão poisar n'alma,
 Sensível sempre ás notas do preterito ;
 Traços por onde embalde corre a esponja
 Dos eventos da vida.

XLVI.

Entre as mãos brande-
 O robusto mancebo a branda vara :
 Toca o extreino inferior no fundo aquatico,
 Cahe sobre o lenho, retorcendo o corpo ;
 E do impulso ganhado neste esforço
 Voa a esguia piróga a flor das ondas.

XLVII.

Corimbaba , mais bello d'entre todos,
 Traja mais guapo, mais gentil. Entr'elles-

Sobresahe de polido, excede em graças,
 Se vantagem em valor, riqueza, e brio,
 Leva a melhor aos mais : dotado em partes
 Sobremodo cortez ; quem o tractara
 O crêra cidadão da antiga Europa.
 Des do verdor dos annos entre-meio
 Dos padres de Jesus, bebido havia
 Delles costumes brandos, e suaves,
 Tê mesmo erudição. Mais feliz fôra,
 Si tranquillo vivendo em seu deserto,
 Em menos apprendesse. Junto delle
 Sentanda moça noiva formosissima.

XLVIII.

Oh ! si avisseis... tão bella em louçainhas
 Sentirieis em vós arder vehemente
 Em ternissima chamma alma abrasada ;
 Fogo de amor, que as visceras consome,
 Que as vezes degenera em dor de morte,
 Ou em prazer de vida. A mãe nascera
 Tambem de Guarany, entre as palmeiras,
 E, levada d'ahi na juventude,
 Entre os brancos por fim longo vivêra.
 Que fôra um portuguez seu pae, é fama.

XLIX.

Em doce arfar os de ebano lustroso,
 Sobre os formosos hombros de alabastro,
 Contrastam graciosos, embalados
 Pelo amante bafejo de uma briza,

Que as meigas azas, suspirando, agita,
 Lindos cabellos negros, corredios :
 Sobre esta côr bem diz por sobre a coma
 Recedentes jasmims em nivea c'roa !
 Assim as sobranceilhas se assimilham
 A tão formosa grenha.

L.

Sobre o rosto

Candidas açucenas entretidas,
 Não deparaes, com purpurinas rosas,
 Qual no ralo cendal Venus involta,
 Ante o nume do raio nos pintára
 O Cantor immortal dos heroes lusos:
 Um tanto branca tez entremorena,
 Não de balde prestou-lhe a natureza
 Uns grandes lindos olhos, cujo negro,
 De azeviche, brilhassem brandamente
 Sobre um fundo gentil de puro leite.

LI.

Elles não matam no volver ligeiros,
 No brincar folgazões saltando rapidos,
 Como copias de uma alma, que se agita
 Em amorosos fortes movimentos :
 Antes amortecidos simulavam
 Erguer a custo, e força a enamorada
 Palpebra sup'rior : suave ha nelles
 Languidez amorosa ; e mollemente
 Se volvem n'um requebro feiticcio,
 Qual si mortal desmaio amor lhes dera,

Ou quaes doces espelhos de alma terna,
 Que em magica ternura se derrete !
 Aqui ha só belleza, que o sublime
 Nella existe, porque tão meigo encanto
 Em tudo é natural : graças fingidas
 De bello nada tem ; tudo é ridiculo.

LII.

Longes de pallidez no bello rosto,
 Sem a nota menor de um só remorso,
 Vislumbram, de um sorriso entremeados,
 Puro, innocente, como o rir de um anjo,
 Que mellifluo, e serodio deslizado
 Por sobre angelicaes, carmineos labios,
 (Dando a bruxolear eburneos dentes,
 Brancos, mais brancos, do que a branca neve)
 Formam botão de rosa, um pouco aberto,
 Onde a essencia fruir, podendo, fôra
 O coração mais árido, e mais rigido !

LIII.

Si attentaes sobre os seios voluptuosos,
 O mal, que estreitas vestes vos consentem,
 Crieris ver dous pombos, que se entonam
 Para nos ceos colher rapido adejo !
 Onde apprendêra a joven da cidade
 Da regia garça o garbo, o passo, e a graça ?

LIV.

Si a linda americana Argivos vissem
 Por Hellena, ou Campaspe a tomariam ! (25)

Nem muito fôra si a roubára um Páris,
 E por ella cahisse em cinza inulta
 Outra abrasada Illion. Pouco fôra,
 Devaneado se abater n'um extasis
 De enfeitçado, ao vel-a, um novo Apelles !

LV.

Si aquelle, que, embocando a frigia tuba,
 E do audaz de Pelêo rabido filho
 Fez retroar os irasciveis impetos,
 E após ruinas da fatal Dardania
 Pertendesse pintar, surgindo airosa
 Sentada em plaustro azul, tirada a Cypria
 Por alvas bombas, ou nevados cysnes,
 Dos ceruleos dominios Neptuninos
 De Graças, e de Amores ladeada,
 Certo que este modelo o prenderia.

LVI.

Um Calender, Derviche, o mais phanatico, (26)
 Seguidor do Islamismo, a tomaria
 Por divinal Huirí, e a mais formosa,
 Ditoso premio aos justos promettido,
 Aos orthodoxos seus, em seus elysios,
 Pelo filho de Agar, pseudo-propheta,
 Charlatão impostor d'annosa Meca. (27)

LVII.

Tú, que dos ermos asperos, inhospitos
 Do grão Meschacebêo viste os arcanos;
 Que debuxaste dos agrestes Incolas

D'involta aos usos seus belleza eximia,
 Na melindrosa virgem das palmeiras,
 Com sublime pincel, Bardo sycambro, (28)
 Tua Atala tão gentil, tão pura, e meiga,
 Perdoa, inda era menos que Miry'ba !

LVIII.

As rapidas canoas enfloradas,
 Que obumbram longas palmas de coqueiros,
 Beijam a curva praia. Os viajantes,
 Entre as acclamações dos que aguardavam,
 Começam de saltar : eil-os em terra :
 Seguem para a cabana. Avante rompe
 O grave Corimbaba, ufano, e ledó
 Pelas graças da esposa ; ella, atraz d'elle,
 Segue com firme passo : ambos voltavam
 Da Igreja de São Pedro, onde prestaram
 O nupcial, solemne, eterno voto
 Em ambos espontaneo. Segue a turba
 De amigos, de parentes, mas só d'elle,
 D'elle, qu'ella os não tem, é delles orphã.

LIX.

No entanto, o venerando Coapára,
 Entre a ridente turba de donzellas
 Esta alegre cantiga modulava :

LX.

COAPARA (*cantando*).

« Vamos, vamos, formosas donzellas,
 A' montanha, e ao valle, e ao bosque,

Para flores colher as mais bellas ;
 E com ellas ornemos o leito
 Deste par tão feliz, tão perfeito.
 De alegria cantemos, ó gentes,
 A tão doce união, e tão bella,
 Do esposo, e da esposa contentes. »

LXI.

CHORO DE DONZELLAS.

« Vamos, vamos, formosas donzellas,
 A' montanha, e ao valle, e ao bosque,
 Para flores colher as mais bellas ;
 E com ellas ornemos o leito
 Deste par tão feliz, tão perfeito.
 De alegria cantemos, ó gentes,
 A tão doce união, e tão bella,
 Do esposo, e da esposa contentes. »

LXII.

COAPARA.

« O feliz Corimbaba formoso,
 Em gozar de Miry'ba os encantos,
 É de todos d'Aldêa o ditoso.
 Ella, em dotes de amor soberana,
 Um presente nos foi de Tupana. (a)
 De alegria cantemos, ó gentes,
 A tão doce união, e tão bella,
 Do esposo, e da esposa contentes. »

(a) Deos.

LXIII.

CHORO.

« Vamos, vamos, formosas donzellas,
A' montanha, e ao valle, e ao bosque,
Para flores colher as mais bellas ;
E com ellas ornemos o leito
Deste par tão feliz, tão perfeito.
De alegria cantemos, ó gentes,
A tão doce união, e tão bella,
Do esposo, e da esposa contentes. »

LXIV.

COAPARA.

« Abençõe-te Tupana a riqueza ;
E te seja em teus grandes prazeres
Favoravel sempre a natureza :
E depois de cem annos completos
Abenções os teus ricos netos.
Te afugente Tupana o perigo,
Que por mão do esp'rito maligno
Nos envia Pagê inimigo. (29)
Vejas sempre, sem penas, sem damnos,
Junto a esposa correrem-te os annos.
De alegria cantemos, ó gentes,
A tão doce união, e tão bella,
Do esposo, e da esposa contentes. »

LXV.

CHORO.

« Vamos, vamos, formosas donzellas,

A' montanha, e ao valle, e ao bosque,
Para flores colher as mais bellas ;
E com ellas ornemos o leito
Deste par tão feliz, tão perfeito.
De alegria cantemos, ó gentes,
A tão doce união, e tão bella,
Do esposo, e da esposa contentes. »

LXVI.

Entra à morada a leda companhia ;
O hymno se suspende. O sol ja desce,
Do inflammado zenith, ha mais d'uma hora :
N'uma sala maior se ajuntam todos ;
Banquete nupcial aguarda os cónvivas.

FIM DO 1.º CANTO.



CANTO II.

..... O' dor! ó magoa! ó pranto!
..... estupefacta, e delirante
Leva as mãos aos cabellos, e os arranca,
Quebra o colar, e os braceletes d'ouro,
Rasga os vestidos, e no chão se arroja;
De novo espavorida se levanta,
Corre de um lado a outro, pára, inquire.

O SR. DR. D. J. G. DE MAGALHÃES.

I.

E' dia alegre um dia de noivado,
Um dia de noivado é dia triste!
Qual, ahí roda em leda companhia,
Que presta ao coração inda prazeres,
Que presta ainda ao coração desgostos,
Doce reminiscencia encantadora,
Ou amarga lembrança, e dolorosa
De um tempo ja passado, por ventura
Sabeis vós?— E parecem satisfeitos
Todos: mas meditae, trazei á mente
Os prazeres, e as dores do passado,
E os invisiveis traços do futuro!...

II.

Um dia de noivado !... Que tão caras
Recordações em torno não vólteam
De uma alma sensitiva, que amavel
Naufragára uma vez, tres, nove, e muitas
No pélagos de Amor! — Procella horrivel,
De que inda resentida a intelligencia
Se aduna com a vontade, e ambas forcejam,
Desmentido formal dando á memoria,
Ante a sensib'lidade sempre docil !

III.

Um dia de noivado ! — Quantas pascem,
Na mente humana, revolvendo prestes,
Ante esse nóvel par, lembranças ternas,
Ou de affligir recordações, que pungem,
No coração, ferindo a extrema corda
Do terno sentimento, e que vibrada
Pela memoria, doloroso solta
Som, de magoado, luctuoso, e lugubre !

IV.

Que contiguos contrastes testificam
O rosto do ancião, ja macilento,
O rugoso semblante da matrona,
Os olhos abrasados do mancebo,
E as vermelhas faces da donzella !
Demandaes justo simil ? aqui tendes
O mundo das paixões n'um tenue ponto.

V.

« Oh, sexo encantador, porém quam vário !—
 Si a de tuas trahições subtil finura
 O homem compre'ndesse, certo nunca
 Um coração heroico te entregára,
 Com elle a sua paz, e a gloria sua,
 Sua honra, seus bens, e seu futuro !
 Por fiadores quaes? Elles tão flaccidos,
 Veloces, passam, como a luz fuginte
 De instantaneo, a luzir fugaz lampejo,
 Que de sua passagem mais não deixa
 Outro vestigio, que a lembrança incerta
 Do rapido brilhar !—

VI.

« A fresca rosa

Na quadra dos prazeres e das flores,
 Orgulhosa de si, de tantos dotes,
 De faceta colheu no virgem seio,
 Tão tenra, mas sagaz, para adornar-se,
 As lagrymas d'aurora. Quiz mais caros,
 Por mais gemidos, por mais dor, mais prantos
 Outorgar os seus mimos. Longo em torno
 Della favoneos as ligeiras azas
 Fizeram susurrar : perderam beijos,
 Que os atomos sorveram, de invejosos !
 E um só trem'lo beijo, uma caricia,
 Não foi desconto á tanto soffrimento,
 Indemnizar de extremos amorosos !...

VII.

« Desprezar de esquivanças inflammára
 Scentelha, que a belleza desprendêra !...

VIII.

« Verde fructo de amor acerbo, e doce,
 Alimento de amar, vida passiva
 De amante coração ; prazo illudido,
 Que marca, cada instante, um grão d'aréa
 Sobre a pinha arenosa, n'ampulheta
 Dos rapidos momentos, sem que finde ;
 Dor aguda, e prazer, mescla de affectos
 De amar, e abhorreecer ; producto longo
 Do costume de amar ; elles colheram
 N'um—» talvez amanhã, não posso agora. .—»
 Qual si dispor da vida lhe foi dado !

IX.

« E voltaram vãamente á flor amada,
 Por que aonde a fragrancia, a cor, e as graças,
 Entre espinhos pedunculo ja murcho !...
 E a sombra do que foi !... — Eis teu transumpto
 O' fluxivel belleza.

X.

« Si provado
 Tivesseis, no verdor dos novos annos,
 O' mancebos, as velhas exp'riencias,
 So amigas da idade, e que tão caras,
 Por dores, e por lagrymas, nos custam ;
 Eu me fio que a doce liberdade

Nos fios de cabellos, que tão perto
 O tempo alvejará, não prenderieis ;
 Para pendentes ver de uns lindos labios,
 Que breves cahem murchados, como a rosa,
 Vossa paz, vossa vida, e vossa dita !

XI.

« Saboreastes vós o paraizo,
 O poderoso todo dos prazeres
 Do ameno celibato, quando grave
 Rege nelle ás paixões sabia prudencia ?

XII.

« A' ferrea pallissada entrastes firmes,
 Aonde, como a serpe, occulto em flores,
 Se rodêa Hymenêo de agros espinhos ?
 Sopesastes seu cargo, que oneroso
 Faz de roldão tombar ao pó da terra
 Mil hombros gigantescos ? Seus quilates
 Cautos pesastes ja ? Medistes serios
 Toda a vasta expansão d'orbita extensa,
 Em que alma cuidadosa se reparte
 Em cuidados de pae, d'homem, de esposo,
 Ante Deos, ante os homens ? »

XIII.

Desta sorte

Parece murmurar alma exp'riente
 Do calculado velho. Menos sabio
 Um outro, de invejoso, assim parece
 Estas cousas na mente ruminando :

XIV.

« Tempo foi, que tambem cantei de amores,
 Quando negros cabellos me pendiam
 Sobre um rosto viçoso. Ah! sim, nem sempre
 Marmoreo coração cerrou meu peito,
 Nem foi gelo a minha alma : dentro della
 Ja ferveram paixões, luctando affectos !
 Suspirado gemi ; chorei amado :
 Contrastaram desgostos, e prazeres ;
 Alegria, e tristeza ; amor, e odio ;
 No fundo de minha alma !— Remoçado,
 Si pudesse, outra vez amar quizéra.... »

XV.

Sensível a matrona, de olvidada
 Das magoas, que o amor lhe deu (si as dêra),
 Ou penas do consorcio, de saudosa
 Memora a doce noute, em que o primeiro
 Terno beijo de esposo (que o de amante
 O facho de Hymenêo crestou-o inteiro
 No dia nupcial) nos sequiosos
 Labios, e d'outros labios mais ardentes
 Libou, em amorosos, meigos philtros !...
 Oh ! sim !— Esse momento, em que sua alma
 Da bocca á outra bocca lhe fugia,
 E nos labios do esposo, um tanto abertos,
 Out'alma deparava, ardendo toda
 N'um vesuvio de amor, e de ternuras,
 Que entre mil osc'los d'alma apaixonados

Duas almas em osc'los se enleavam...
Quando lhe hade esquecer ? Oh quando ! Nunca.

XVI.

Porém adivinhaes vós que cuidados
Vagam na mente accessa da donzella ?
Si encara ao noivo, abaixa o rosto, e córa ;
Si á noiva, treme, o peito lhe palpita.
Surdo um suspiro tímida desprende
De seu peito anciado ; e receiosa
Que esse filho de amor trahisse incauto
O pejo virginal, desconfiada
Olha d'entorno, si olhos curiosos
Os ademans lhe espreitam. Quando ama
Parece que cõsigo está dizendo :
« Quando *elle* assim tambem virá comigo
Seu leito dividir. » Mas, si infelice,
Amor a escarneceu, (que Amor travesso
Não exemptou um rosto por formoso
De seus crueis acintes) suspirando,
Parece murmurar : « Feliz quem ama,
Feliz quem adorada ama deveras !... »

XVII.

É d'outra idéa o grupo dos mancebos.
Que alluvião de vagos pensamentos
Na mente, n'um diluvio, lhes não gyra !
Um arde por arder na tocha do Hymen ;
Outro, fugindo á Amor, das bellas zomba ;
Este entregue ao Amor do Hymenêo ri-se ;
Aquelle dos maridos escarnece....

XVIII.

Insanos... ah! tremei, que Amor é cego,
 Não escolhe farpões para ferir-vos,
 Nem a distancia mede: á qualquer parte
 Seus ferros faz voar, lá vão, lá ferem
 Ferros, que não escolhe, e ás cegas toma.
 Qualquer tempo, ou lugar, á Amor são francos:
 É de sobra um desdem para prender-vos,
 Um instante, e pensaes que inda sois livres?
 Separai-vos, vereis....

XIX.

Uma saudade

Cuidaes vós que sentis? Misero engano!...
 É mais do que saudade. Um tal cuidado?
 Cuidado só não é, que é mais ainda.
 Um desejo?... Illusão, não é desejo.
 Ides vel-a? Um prazer n'alma sentistes:
 É mais do que prazer. Quando a deixastes
 Sentistes certa angustia? É mais que angustia...
 Miseros, é amor, sem que o soubesseis...
 Vós amaes sem saber, no amor não crendo....
 Captivos sem pensar, vos criéis livres...
 Insanos... ah! tremei, que Amor é cego!...

XX.

Vós outros, que assistis nupciaes festas,
 Dizei, si rodam taes, na sociedade,
 Aquelles, tão ligeiros, debuxados
 Diversos pensamentos?— Certo os dice.

XXI.

É dia de noivado. Em vasta sala
Alcatifam tapetes de tabúa,
Ou de roliço junco o pavimento
De contrahida argila. Alvejam nelles
De nevado algodão longas toalhas.
Em amplo circ'lo assim baixo-assentados
Cônvidas nupciaes jucundos comem,
Ou bebem satisfeitos. Longo se ouve
Das festivaes saudes ledo arrutdo,
Ou o contente estrépito dos vivas
Em tanto de alegria. É quasi findo
O banquete da boda. Corimbaba,
Que tinha junto d'elle a mui formosa,
A convida a cantar ramos segundos
De um cantico de amor, que muitas vezes
Junto della cantava; e ella attenta
O tinha decorado : elle adiante
Cadencêa o primeiro ramo; e logo
Ella responde. Tudo era em silencio.

XXII.

CORIMBABA (*cantando*).

« Si acaso te não conheces
Por formosa, ó minha amada,
Vae a beira de uma fonte,
E te verás retratada :
Quando, pelo sol corada,
A pastar per entre flores
O teu rebanho lebares ;

Dirão estes lavradores :
 — Alli vem, quem faz formosa
 A nossa aldêa ditosa. — »

XXIII.

MIRY'BA (*cantando*).

« Si acaso te não conheces
 Por formoso, ó meu amado,
 Vae ás ribeiras do rio,
 E te verás retratado :
 Verás o rio apressado
 Só de inveja suspirar,
 E tua imagem formosa
 Nas ondas querer levar :
 Das raparígas na idéa
 Serás o bello d'Aldêa. »

XXIV.

CORIMBABA.

« Eu sou em tudo ditoso,
 E tu linda, ó minha amada ;
 Tens os olhos matadores
 Como a rolinha engraçada. »

XXV.

MIRY'BA.

« E feito de lindas flores
 Nosso ninho, ó meu amado,
 E junto á terna rolinha
 Tu poisarás descansado. »

XXVI.

CORIMBABA,

« Sou um pass'ro, que luzir
Vendo d'aurora os encantos,
Pelo prado alegremente
Solta seus festivos cantos :
Eu te adoro, ó minha amada,
Eu te amo, como a ave,
Ama a luz da madrugada !
Tu és quem minha alma adora,
És minha brilhante aurora. »

XXVII.

MIRY'BA.

« Sou a flor, que, á noute, o seio
Fecha ás sombras descorada,
E que o abre a receber
O pranto da madrugada :
Eu te amo, como a flor,
Ao orvalho, que lhe presta
Mais graça, mais viço, e côr :
Tu tens de meu seio a posse,
Tu és meu orvalho doce. »

XXVIII.

CORIMBABA.

« Como a bella laranjeira,
Entre as arv'res mais airosa,
Assim é entre as do campo
A minha amada formosa. »

OS TRES DIAS

XXIX.

MIRY'BA.

« Como o cedro, na montanha
Entre as arv'res mais airoso,
Assim é entre os do campo
O meu amado formoso. »

XXX.

CORIMBABA.

« Sobre o seu leito de flores
Traz-te, ó noute, á minha amada
Brando somno sem temores :
Em torno voltei-lhe, ó brisas,
Porém com manso rumor :
Traz-lhe, amante pensamento,
Comigo, sonhos de amor.
O' sabiás, não canteis
Junto d'amada querida,
Si ella for de amor vencida
Repousar junto a meu lado. »

XXXI.

MIRY'BA.

« Meu amado, sem temor
Hade dormir nos meus braços
Um somno brando de amor :
Passae, brandas virações,
Mas sem bafejo violento :
Traz-lhe de amor doce sonho,
Amoroso pensamento ;

E, si dormir nos meus braços,
 Entre flores, sobre ramos,
 Não canteis, ó gaturamos,
 Para não quebrar seu somno. »

XXXII.

CORIMBABA.

« Colherei as sapucayas,
 E as guaticas saborosas,
 O cajá, e o verde côco,
 Jabuticábas gostosas :
 N'um samburá enfeitado,
 Por mim mesmo, de mil flores,
 Eu virei depôr contente
 Junto aos pés dos meus amores. »

XXXIII.

MIRY'BA.

« Colherei, todos os dias,
 Pelo valle, as mais cheirosas,
 Engraçadas manacás,
 Roxas, e brancas formosas ;
 Depois de as ter no meu seio,
 Espalharei com cuidado
 Sobre a roupa tua, e um cheiro
 Tomarão mais delicado. »

XXXIV.

CORIMBABA.

« Correrei o valle e o monte,
 E o fugitivo veado,

OS TRES DIAS

Quaty, caxinglê, cutia,
 Tudo será apanhado ;
 E cheio d'alto prazer
 Eu t'os virei off'recer. »

XXXV.

MIRY'BA.

Heide apanhar n'um lacinho,
 Armado na laranjeira,
 Sabiás, e beija-flores,
 E a rolinha faceira :
 E tudo quanto eu colher
 Será para te off'recer. »

XXXVI.

CORIMBABA.

« Cantarei todos os dias
 A gentil belleza tua ;
 Por que tu, ó minha bella,
 És formosa, como a lua. »

XXXVII.

MIRY'BA.

« Dos teus dons, dos teus encantos,
 Meu coração tem o rol ;
 Por que tu, ó meu formoso,
 És tão bello, como o sol. »

XXXVIII.

Aqui param os dous ; e outra vez cantam
 Coapára, e o chôro das donzellas.

XXXIX.

COAPARA, E O CHORO DE DONZELLAS.

« Vamos, vamos, formosas donzellas,
 À montanha, e ao valle, e ao bosque
 Para flores colher as mais bellas;
 E com ellas ornemos o leito
 Deste par tão feliz, tão perfeito:
 De alegria cantemos, ó gentes,
 A tão doce união, e tão bella,
 Do esposo, e da esposa contentes. »

XL.

Termina o grato canto. Ergue-se a mesa.
 Fica a noiva entre o grupo das mulheres.
 O noivo dos varões, e dos mancebos
 Seguido, pelo campo vão d'involta.

XLI.

Alli verdeja ingente uma arv're antiga,
 Formosa andu'oçû. Quando mais denso, (1)
 De luz, toca ao zenith o sol de Aquario
 Sobre o meridiano dessa terra,
 A arv're secular então lhe esconde
 Um circulo do solo, o qual recebe
 Recta de palmos cem por seu diametro.

XLII.

Sobre os ramos que o sol na terra pinta
 Parou Jacumay'ba, (a) assim chamado,

(a) Piloto.

Por que muito nas costas d'oceano
 Fiou de um fraco lenho a fraca vida.
 Com elle alli chegou Mairy'goára, (a)
 Creado na Cidade desd'a infancia,
 No collegio dos sabios Jesuitas :
 Este instruido é, como Corimbaba,
 Que com elles tambem ao ponto chega.

MAIRY'GOARA.

« Parabens, descendente de Cassiques,
 Como és feliz ! é bella a esposa tua ! »

XLIII.

JACUMAY'BA.

« Miry'ba não nasceu na terra nossa ?
 Viu ella acaso a luz entre os coqueiros ? »

CORIMBABA.

« Viu, mas não é nascida em nossa terra. »

MAIRY'GOARA.

« Oh ! conta-nos, amigo, a historia della... »

XLIV.

CORIMBABA.

« Ouvireis, qual a sei da bocca sua.
 Na Cidade eu me achava : e terminados (b)

(a) Cidadão.

(b) Costume é das pessoas de fóra da Cidade do Rio de Janeiro, quando fallam nelle dizerem, simplesmente—a Cidade : isto é, as pessoas dos logares mais proximos da mesma Cidade.

Os meus negocios todos, busco um barco
 Que volte á terra minha. Sobre ferro
 É prestes a largar barco ligeiro ;
 Me embarquei ; era em vesp'ra de viagem.

XLV.

« Na seguinte manhã, mal brilha o dia,
 É tudo movimento. Vejo prestes
 Do barco desferrar batel, que leve
 Chega á proxima praia ; volta, e vejo
 Velha mulher, vestida em negras roupas,
 Signal de lucto, e dôr : ao barco sóbe,
 E ao seu lado, amparando-a, formosissima
 Donzella, que tambem de lucto traja.
 Si era um anjo, não sei ; mas vós, que a vedes,
 Dizei si ella é mortal, ou si ella é anjo :
 O mesmo sacerdote, tão severo,
 Si visse um lindo rosto tão formoso,
 Como o formoso rosto de uma imagem,
 Contra o nono preceito peccaria,
 Ou dera absolvição de um tal peccado.

XLVI.

« Vós a vedes, julgae si eu poderia
 A ver sem adorar. Quantos possiveis
 Serviços poude, alli prestei-os todos.

XLVII.

« Suspende o barco o ferro, e as velas dando
 Da pôppa a terra, foge, o mar se alonga,
 E em breve ante nós só apparecem

Metade das montanhas. Era limpo
 Neste momento o céu : mas derrepente
 Serranias de nuvens se remontam
 Sobre as ondas do sul : eram tão negras,
 Como a grossa fumaça, aos céos erguida,
 Dos inda verdes troncos do roçado,
 Que faz o lavrador arder na varzea !

XLVIII.

— « Ferra, ferra—gritava-se no barco ;
 E derrepente as velas se ferraram.
 Apenas n'um só mastro inda uma aberta
 Recebe em cheio o vento, um pouco brando :
 Mas forte uma refrega se despara,
 E o mar, mugindo, em caracões revoltado,
 Se abate em valles, se remonta em serras.

XLIX.

Ouco, longo trovão principiava
 A misturar atroz surdos estrondos
 Com estrondos mortaes das roucas ondas !
 Desce do alto da nuvem perigosa,
 Pelo horizonte abaixo, a recortando,
 Avermelhada, e azul chamma de raio !

L.

« Desfez-se a tempestade. Supporieis
 Ser esse o grande, derradeiro dia
 Das iras do Senhor, do qual mil vezes
 Fallava o sabio padre, que prégava
 Quarenta dias dura penitencia ! (2)

LI.

« Cobriu-se o céu de um forro côr de terra,
E os mares do céu a côr tomaram !
Debalde se olha em roda, o que se avista
É tudo um céu de fogo, um céu de raios,
Um ar de horror, de ventos, e de pedras,
Um mar de escuridão, de morte, e abysmos !

LII.

« Bateu refrega horrível, repentina
Deixando a vela em tiras pelas vergas !
Curvam-se os mastros, gemem, e respondem
As juntas do navio, que se aluem.
Cresce montão de mar na rasa pôppa,
E sobre ella galgaudo impetuoso,
Espumando, e com rouco murmurinho,
Vae por sobre o convez, e após levando
Camarotes, fogão, lenha, e calabres, (3)
Pela proa outra vez tombar no pelago !

LIII.

« É tudo confusão !— Roucos, e pallidos
Correm debalde afflictos marinheiros
De pôppa á proa ; e deste áquelle bordo.
Acabaram-se as forças, morre o animo ;
Só resta uma esperança. Entre o estrondo
Dos mares, dos trovões, do vento, e chuva,
Rouco, e desconcertado se alevanta
Um grito de pavor— á praia, á praia... — (4)
De subito o baixel p'ra lá desfecha.

LIV.

« Pouco se velejou ; mas ja branqueja
 A curva praia, aonde se enrolava,
 Em negros vagalhões, de horror cercada,
 Junto da salvação morte de naufrago ! (5)
 E ella, (a) tão querida era buscada
 Como de salvamento !...

LV.

Neste ensejo

« Eis no convez a mãe, ao lado a filha ;
 Vêem o perigo a morte, cahem prostradas,
 Postas tremulas mãos, nos céos os olhos,
 —Misericordia!—bradam. Céos, que quadro!

LVI.

« Ah ! não me esqueci dellas um momento,
 Que para lhes poupar maior martyrio
 Eu retirado as tinha : mas agora,
 Que ellas ja rosto a rosto estão co'a morte !...
 Amparal-as. A praia é já mui perto...
 Crescem as ondas cada vez mais fortes ;
 O mar agora dentro é mais violento.

LVII.

« Com horrído arrastrar rangeu na arêa
 A curva quilha, e se estacou na praia.
 Cada um, agarrado n'uma bêta,
 Resiste assim ao impeto das ondas.
 A sustentar Miry'ba, e a velha, eu corro...

(a) A praia.

Corro.. céos!.. ja é tarde.. oh dór!.. é tarde!..
 Rola sobre o convez onda mais forte,
 A' custo os moços braços lhe resistem,
 Quanto mais os ja frouxos pelos annos.

LVIII.

« Sobre o homem do leme repentina
 Bate a onda, o arranca, o tomba, o leva;
 Debalde pelas bétas se agarrando,
 Grita, pede soccorro... O miserando
 Desfallecido em fim, junto a meu lado,
 Involto nos calabres, acha a morte!

LIX.

« Eu tenho ja Miry'ba entre meus braços,
 N'um cabo então seguro; mas levada
 Pela onda veloz a mãe sumiu-se!
 Soltam, vendo-a fugir, grito de espanto...
 Miry'ba treme, pela mãe me inquire;
 — Eu velo aqui sobr'ella, — eu lhe respondo.
 Ella, que crê que os gritos dos marujos
 Foi effeito da vaga, socegou-se.

LX.

« Era então meia-noute, e todavia
 Não tinha se amainado inda a borrasca.

LXI.

« Cad'um dos marinheiros animoso
 Se vae lançando ao mar, buscando a terra.
 Findos cinco minutos, tudo é ermo,
 Tudo em torno de mim! Nesse universo,

A tempestade, e um barco naufragado,
No barco, eu, e Miry'ba, Amor, e a morte!

LXII.

« Quantos em prol da vida pelas ondas,
Nadando, à praia affoutos demandaram,
De alguns se ouviu na praia, amargurado
Um grito doloroso, era de morte!
E d'outros nada. Ao scintilar relampagos
Negreja em vólta o mar, alveja a praia:
E quando um refregão de vento passa,
Que a onda tem quebrado a horrivel furia,
E acaba um trovão; de horror, e morte
Pavoroso silencio é só quebrado
Pelos ais de Miry'ba, que de balde
Pela mãe, me pergunta, á mãe chamando...

LXIII.

« Oh! como a salvarei! salvar-me! como
Vel-a morrer!... salvar-me?... antes a morte!
Ou por ella morrer, morrer com ella,
Será morte de naufrago mais branda,
Consolação levada á sepultura!

LXIV.

« Amor, que sobre o mar nascido havia,
Amor, que sobre o mar tinha crescido,
Entre o tímido horror de atroz procella,
Zomba do mar, despreza a tempestade,
E os perigos supera, e vence a morte!

LXV.

« Começa a se esvaer ora a tormenta;

Emmudecem trovões, cala-se o vento,
E pouco a pouco a chuva se suspende ;
Menos furioso o mar na praia rola.
Tardia em despertar a aurora enceta.

LXVI.

« Tomo então fina corda, ato á cintura,
Emendo n'outra, e com a vista meço
A distancia da praia ao rôto barco :
Prendo no mastro (ja despedaçado)
O extremo, e Miry'ba sobre as costas,
Ao mar lançar-me quero. Ella assustada
Lançando incerta vista pelas sombras,
— Minha mãe onde está?— me diz chorando.
— Talvez que algum marujo compassivo
A salvasse, e na praia nos espere.—
Foi a minha resposta ; e salto ás ondas,
Levando atravessada, sobre a bocca,
Faca de aguda ponta, e assaz comprida. (6)

LXVII.

« Contra as ondas forcejo, e lucto, e nado...
Ah! doce me era a carga tão formosa !
Ufano de a salvar, ganhando a terra,
Debalde a onda, que me traz, intenta
Ao largo me levar, pois desprendendo
Da bocca a faca, rápido a encravo
Sobre a arêa do fundo, e assim sustido
Foge a vaga, e nos deixa. Em praia enxuta
Ligeiro pé firmando, antes que chegue

Outr'onda, desprendendo a cauta corda
Corremos sobre um combro : eis-nos a salvo !

LXVIII.

« De joelhos então sobre esta terra,
Levanto as mãos aos céos, chorando beijo
Esta de salvação bemdita praia !

LXIX.

« Já pouco o dia luz. Já mal distinctos,
Arfam nas ondas turvos objectos,
Corro com a vista a praia, e quanto alcanço,
E Miry'ba também, não deparámos
Com qualquer homem vivo. Em secco vejo
Já destroços do barco, que avultavam.
Té onde as ondas morrem vae Miry'ba,
Eu a sigo, e... oh céos !... entre as ruínas
Tres cadav'res estão, e um... nem posso
Referil-o !... Inda hoje no meu peito
Doe a triste lembrança deste dia !
Sim, que as sceuas, que amor presenciára
Não eram pouco ternas, pouco amargas,
Para que as deslembrasse, quando apenas
Dous annos se volveram ! Era um delles
O corpo da infeliz mãe de Miry'ba !...

LXX.

« Julgae de sua dôr vós, que sois filhos,
Julgae da minha dôr, vós, que adorastes !
De bruços sobre a mãe cahiu sem tino,
Ou suffocada pela dôr aguda !

LXXI.

« Longo tempo nem fallas, nem gemidos,
Apenas pranto amargo : e nem escuta
Ternissimas palavras de consolo,
Que estuda a piedade, e amor profere.

LXXII.

« Dando depois mais folga ao sentimento,
Exclama assim, no pranto, a triste virgem :
— O' minha mãe, por terna despedida
Um abraço me dae, e nesse abraço
Comigo reparti da vossa morte !—

LXXIII.

« Aqui se corta a voz pelos soluços,
E o echo do mar repete— morte—

LXXIV.

« — O' minha cara mãe, (torna chorando)
O' minha cara mãe, por que viestes
Buscar tão triste morte entre estes mares ?
Antes pobre ficar na terra estranha,
Do que a terra da gente achar tão dura !
Ah ! vós nascestes perto desta praia,
E junto do logar do nascimento
Viestes encontrar morte tão triste !
Mas eu não vi a luz entre estes montes,
E me deixaes tão só na terra estranha !—

LXXV.

« — O' minha boa mãe, e vós morrestes ?
(Continúa outra vez involta em lagrymas)

Ouvi meus tristes ais, vede o meu pranto,
 Ou levae-me tambem á sepultura !
 Minha mãe, minha mãe, por que partis-vos,
 E me deixaes assim neste abandono ?
 Oh quam desamparada ! Aqui não tenho
 Um parente, um amigo, uma esperança !
 E que será de mim na terra alhêa ?!
 N'um desamparo tal, virgem tão nova...
 E minha mãe se vae, e assim me foge !... —

LXXVI.

« — Irei, sem vós, vagar na terra estranha
 (Continúa outra vez) sem esperanças !
 Hei de comer o pão da caridade,
 Molhado pelo pranto da miseria !
 Ao passar pela estrada os caminhantes
 Me dirão — allí vae uma estrangeira,
 Vagabunda entre nós : seus paes nasceram
 Aonde ninguem sabe ; e nem cuidaram
 Em lhe deixar sustento ; — e desta sorte
 Todos me julgarão filha lançada,
 Alta noute, nas portas dos visinhos ! (7)
 Ah ! que eu serei olhada com desprezo,
 Obrigada a pedir, ou condemnada
 A servir, como escrava, e assim a vida
 Me será mais penosa do que a morte ! —

LXXVII.

« Suffocada em soluços cala as vozes,
 E o echo outra vez repete — morte —

LXXVIII.

« Depois qu'eu vi em fim que ja bastante
 O amor filial deu curso ás lagrymas,
 Me approximo de manso, e respeitoso
 Toco a virginea mão. — Nunca (lhe fallo)
 Desgraçada serás em quanto eu viva !
 Virgem, bem pouco longe desta praia
 Minha pobre choupana é construida ;
 É pequena, porém grande é minha alma :
 Lá tens de achar a doce liberdade,
 Que nunca por ventura desfructaste,
 E amizade, e paz, ás virgens caras !
 Ah ! vem ; lá minha mãe comigo vive,
 Te servirá de mãe. Lá pouco encontras,
 Mas o quanto encontrares é sincero. —

LXXIX.

«—E tu quem és, senhor?— (Responde-me ella)
 — Um homem dos teus fados conduzido,
 (Lhe volvi) e que preza os desgraçados,
 E que faz quanto póde por servil-os.
 Vem pois ; nada receies. Por que hei visto,
 Nas fallas, nas maneiras, e no gesto,
 Tua mãe foi nascida nestes bosques. —

LXXX.

«—O céu te pague, (me tornou a virgem)
 A minha pobre mãe nasceo, bem dizes,
 N'uma aldêa d'aqui... nem sei bem onde...
 O céu te pague : acceito a tua esmola ;

Minha triste orphandade o determina.
De allivio me será, que bem tão grande
Me faz de minha mãe um bom patricio. —

LXXXI.

« — Defeito, os teus vestidos 'stão molhados;
Tu fatigada assaz; (então lhe volto)
Vem pois p'ra descansar, cumpre mudal-os —

LXXXII.

« — Como, senhor! Deixar exposto ás aves
De minha mãe o corpo! (Vivamente
Ella me réplicou) Sem sepultal-o?!
Que horror sinto em dizel-o!.. Oh! isso nunca..
Antes, antes, senhor, morrer sobr'elle
Deste frio de morte traspassada... —

LXXXIII.

« — Suspende, virgem candida, (lhe digo)
Não supponhas que eu tenha atroz dureza
De deixar, insepultos nesta praia,
Restos tão preciosos, que amas tanto.
De minha mãe ao lado, em nossos lares,
Segura ficarás, em quanto eu volto
Co'alguns amigos meus, p'ra que levemos
Este corpo prezado á sepultura.... —

LXXXIV.

« — E no entanto deixal-o só na praia?—
(Murmurou)— É sómente alguns instantes;
(Retorqui) nada sente o corpo morto... —
— Mas sente o coração do vivo amante!

(Commovida de dôr ella exclamava)
 Ah ! perdoa, eu não posso resolver-me
 A deixal-o ficar na praia exposto... —

LXXXV.

« — Virgem, (lhe noto) teme : tu não foste
 Educada entre as selvas no deserto :
 Tu não tens a dextreza, a força, o animo
 Das donzellas dos bosques ; e dest'arte
 Como queres ficar tão só neste ermo,
 Em quanto eu for buscar fieis amigos?—

LXXXVI.

« — Pois bem (assim suspira resoluta)
 Corta co'a tua faca uma das varas,
 Destas, que o roto barco atira á terra ;
 Destas cordas, que vês despedaçadas,
 Forma ligeira rêde : ouve, eu te ajudo ;
 N'ella o corpo, que prezo ligaremos,
 E ambos conduzamos aos teus lares... —

LXXXVII.

« — Ah ! como ? (enternecido eu lhe endereço)
 O' delicada joven da cidade,
 O peso é sup'rior às forças tuas...
 Não, tu não poderás ; eu não consinto... —

LXXXVIII.

« — Não te opponhas, (repete-me) eu te rogo.
 Isto o céu me aconselha, e o mundo approva ;
 Religioso dever, dever de filha.
 Si amas a tua mãe, nisto consente ;
 Ou direi que si és filho és só no nome... —

LXXXIX.

« — Como sabes vencer !... Pedindo mandas !..
 É força obedecer-te, e á força o faço.
 (Fiz-lhe ouvir) dei-me á obra, e n'um momento
 Executada foi: Ambos tomámos
 O caro peso, já p'ra mim tão caro !
 Vezes tres descancámos. Muito tarde
 Narandy'ba nos vê chegar cançados.
 Suado o peso aqui depor nos cumpre.

LXL.

« — Minha mãe sahe ao ponto a receber-nos,
 Nos vendo, pára estatica, e nem sabo
 O que pense, o que diga. Em breve a tiro
 Deste espanto, e lhe narro em grosso o caso.
 Ella, e Miry'ba então ambas se abraçam,
 Ambas choravam, misturavam ambas
 Nomes de filha e mãe. Dentro em meu peito
 Meu coração sensível palpitava !
 Amigos, a desgraça é triste, é fêa !...
 Mas onde existem almas bem-formadas
 Ella encontra respeitos, e amizades !

LXLI.

« — Cumpria sepultar-se o corpo amado ;
 É longe a Freguezia, a hora é tarde :
 O corpo é ja corrupto, e exhalava
 Intoleravel fétido : e agora
 Que nos resta fazer ? Talvez n'um ponto,
 Deste campo, escolhido, á terra dál-o.
 Proponho a urgencia á moça, e mais lhe digo:

— Do Senhor, outro dia o Sacerdote
Será por mim trazido ao nosso alvergue,
E ahi, da sepultura tão prezada,
Por alma dessa mãe, que tanto amavas,
Ao Céu enviará pios suffragios,
Nas orações dos mortos. — Sim — (dice ella).
Eu mesmo lhe cavei a sepultura,
Eu mesmo lhe dei paz ao somno eterno !

LXLII.

Lavrei ligeira cruz de um cedro antigo,
E cravei sobre a sua sepultura.
Minha mãe, com Miry'ba, ambas em pranto,
Em tão tristes deveres me ajudaram. . .

LXLIII.

Alli tendes a cruz... ella alli dorme
O derradeiro somno... Deos piedoso
A sua alma acolhei na Santa Gloria ! »

FIM DO 2.º CANTO.



CANTO III.

O' Amor, ó Deus grande ! per quem vive
Quanto nos vastos mares
Se volve. e quanto talha os leves ares ;
Per quem tudo revive,
E cuja mão potente desencerra
A vital força, que fecunda a terra,
Escuta a voz, que o teu soccorro implora.
O Reverendo A. P. de S. Caldas.

I.

Mostrando a cruz, e a terra, que involvia
O pó, que fôra a mãe da sua amada,
De pranto uma torrente lhe vertiam
Os amorosos olhos. Commovidos
De compaixão, choravam junto delle
Os auditores dous. Quem poderia
Suster nos olhos lagrymas piedosas
Ouvindo o triste pranto de Miry'ba
Sobre o corpo da mãe, e os seus lamentos,
Lamentos tão ternissimos carpidos,
Que se ouviam gemer per entre os echos
D'ondas negras, que as furias esbarravam
Em solitaria praia !

II.

Eram em dia
De noivado estas lagrymas de morte !

Quando vidas se uniam por amores
 Olhos de vivos choram por affectos
 Turva idéa de morte sobre mortos !

III.

Quem houve ahí capaz, que deslebrado
 Desdesse os nós de idéas, bem que oppostas,
 De prazer, e de dor ; de morte, e vida,
 N'um dia de noivado ? ! Sim, bem digo,
 Deslebrado dos seus, que já não vivem,
 Dos passados prazeres, e desgostos !

IV.

Amor irmão da Vida, irmão da Morte, (a)
 O seu throno assentou da Morte ao lado ;
 E o facho de Hymeneu, que arde incessante
 Sobre o altar de Amor, distinctos manda,
 A esclarecer os tumulos sombrios,
 Clarão de morte, funebre reflexo !

V.

Corimbaba enxugou aqui seu pranto,
 Um suspiro soltou, e outra vez áta
 Desta sorte a interrupta narrativa :

VI.

CORIMBABA.

« Perdoae estas lagrymas nascidas
 De amor, de compaixão, e de ternura !

(a) Isto é, Amor, a Vida, e a Morte, são obras da Natureza.

Sempre é doce o chorar á um peito terno
 Na lembrança de males, que passaram
 Si de morte elles são !— Todos os dias
 Eu ia sobre a sua sepultura
 Orar por ella a Deos, e lá depunha
 Uma pequena pedra sobre a terra
 Junto do pé da cruz : inda hoje mesmo
 Lá depuz uma pedra ; e lá se encontram
 Sette vezes um cento, e trinta, e nove
 Pedrinhas, que deixei : tantos são dias
 Que passaram por sobre a sepultura !

VII.

« Sobre o tum'lo da mãe, todos os dias,
 Ou já Miry'ba achava, que apressada
 Às cinzas maternas ia piedosa
 Tributo filial pagar em pranto,
 E devotos suffragios ; ou chegava
 Pouco ao depois de mim. Certo é que sempre,
 Ante a cruz de joelhos, as mãos postas,
 O sol sobre a materna sepultura
 A achava em cada dia : ahí deixava,
 Não, como eu, uma pedra, mas um ramo
 De folhas, ou de flores. Tantas pedras,
 Quantos ramos lá estão são da piedade ! (1)

VIII.

« Um dia. . . É-me bem cara esta lembrança !
 Era no lindo tempo, em que se vestem
 Nossos campos de flores. Chega a vespera
 Da grande festa dos Christãos tão cara.

Os lavradores todos com familias
 Se poem em movimento para Aldéa,
 Onde os padres, de noite, ao povo off'recem,
 Para adorar-se, a imagem pequenina
 Do nascido Jesus. Eu, como os outros,
 Me apromptei ; e Miry'ba é convidada.

IX.

« Cahia o sol já frio p'ra o horizonte ;
 Eu voltava de ver minhas lavouras,
 Antes de me partir. Não longe ecuto
 Lá no fundo de um bosque, á parte esquerda,
 Vós maviosa de mulher cantando
 Mui saudosa cantiga, e mais que terna !

X.

« Pê ante pé caminho pelas ervas,
 Me approximo, e escuto : assim cantava,
 De um muricy sentada junto ao tronco (a)
 A formosa Miry'ba tristemente.

XI.

MIRY'BA (*cantando*).

« — De sua patria' terra
 Feliz quem não sahiu,
 Nem de estrangeiros climas
 O sol brilhando viu!
 Por graça em mesa alhêa

(a) Muricy, arvore, que cresce até 20 ou 25 pés, deita em uns cachos uma fructa pequena, e loura quando madura, e acidolada no sabor.

Feliz quem não comeu ;
 Feliz quem não bebeu
 Nas festas dos estranhos ! (2)

XII.

« — Eu era em minha terra
 Feliz, e negro fado,
 Por mal a terra alhêa
 Me arroja despiado.
 À quanto me rodêa
 Aqui eu sou estranha ;
 Soffrendo dor tamanha,
 De sua patria terra
 Feliz quem não sahiu,
 Nem de estrangeiros climas
 O sol brilhando viu !
 Por graça em mesa alhêa
 Feliz quem não comeu ;
 Feliz quem não bebeu
 Nas festas dos estranhos !

XIII.

« — Vivendo sem parentes,
 Eu vim, só de dôr cheia,
 Pesares mil ferinos
 Soffrer na terra alheia :
 Ninguem de meus destinos,
 Comendo o pão da esmola,
 Me mostrará ternura.
 Do pranto d'amizade
 A minha sepultura

Regada não será.
 De sua patria terra
 Feliz quem não sahiu,
 Nem de estrangeiros climas
 O sol brilhando viu !
 Por graça em mesa alhêa
 Feliz quem não comeu ;
 Feliz quem não bebeu
 Nas festas dos estranhos.

XIV.

« — Se cobrem destas flores
 As virgens destes campos ;
 Per entre estes verdores
 Bricando tao airosas,
 E sempre satisfeitas,
 São ellas bem ditosas :
 Mas eu desconfiada,
 E triste, suspirando,
 Não sei, de desgraçada,
 Com ellas ir brincando :
 E, si ellas cantam bellas
 Um divertido canto,
 Apenas ao som dellas
 Eu sei juntar meu pranto.
 De sua patria terra
 Feliz quem não sahiu,
 Nem de estrangeiros climas
 O sol brilhando viu !
 Por graça em mesa alhêa

Feliz quem não comeu ;
Feliz quem não bebeu
Nas festas dos estranhos !

XV.

« — A minha mãe dizia,
Que a palmeira mudada
Para um estranho chão
Mostrava-se murchada :
Porem que se vingava,
Qual bella em seu paiz,
Ella se não mostrava.
Então dava um gemido
De dôr, e de saudade.
Meu pae enternecido
Dizia, com piedade:
— Pois bem, o que vos falta ?
Para que tantos ais ?
Não tendes aqui tudo,
E mesmo talvez mais ?
O vosso pranto salta,
Dizeis que tudo tendes,
Pois bem, o que vos falta ? —
— Aqui nada vae mal ;
(Ella lhe respondia)
Porém o meu casal,
E arv' res, que na infancia
Cresceram lá comigo,
Aqui, a tal distancia,
Quem hade m'os mostrar ?

Si é crime o suspirar
Pelos da infancia amigos,
Porque vós suspiraes
Por vossos bellos figos,
E vossos companheiros?—
E ella então lhe observa
Na patria ser senhora,
E lá somente serva!
E minha mãe chorava,
Chorando assim cantava:
De sua patria terra
Feliz quem não sahiu,
Nem de estrangeiros climas
O sol brilhando viu!
Por graça em mesa alhêa
Feliz quem não comeu:
Feliz quem não bebeu
Nas festas dos estranhos!

XVI.

E logo sem demora,
Meu pae, só de piedade
A fez então senhora,
E foi sua mulher.
Já minha mãe agora
A terra alhêa amou,
Porque ella á terra alhêa
Estranha não ficou:
Prazer seu peito banha,
Pois teve, como os outros,
O seu na terra estranha.

Ella foi venturosa,
 E, si meu pae vivêra,
 Vivêra inda ditosa !
 Porém meu pae não vive,
 E eu sempre chorando,
 Gemendo em dor tamanha
 De esmolos tristes ando
 Vivendo em terra estranha !
 De sua patria terra
 Feliz quem não sahiu,
 Nem de estrangeiros climas
 O sol brilhando viu !
 Por graça em mesa alhêa
 Feliz quem não comeu ;
 Feliz quem não bebeu
 Nas festas dos estranhos ! —

XVII.

« Aqui susteve o canto do estrangeiro
 Entre lagrymas tristes, que soltava.

XVIII.

« É sempre doloroso á uma alma terna
 O ver se lastimando em nossa casa
 O estranho hospedado, em que julgamos
 Tanta honra existir, que prestimosos
 Lhe abrimos da familia nossa o seio :
 O estranho hospedado, que se vota,
 Dentro de vossa casa, como filho,
 A supportar fiel nossos regimens,
 Os costumes, e até nossos caprichos,

Sem poder retorquir-nos, qual faria,
 Si não tolhesse á impulsos generosos
 A santa gratidão, nas almas nobres,
 À força dos obsequios empenhadas !

XIX.

« Em quanto em nossa casa, nós devemos
 Indulgentes lhe ser de um modo justo ;
 Consolal-o piedosos no infortunio ;
 Agradavel tornar-lhe a casa nossa,
 Nossa familia, a nossa companhia ;
 Doce a existencia, a vida afortunada !

XX.

« Mas nossos corações são tão rebeldes,
 (Mil vezes me dizia um sabio padre)
 À virtude ; e ao vicio tão propensos ;
 Nós á luz da razão somos tão cegos ;
 Tão surdos á verdade, e caprichosos ;
 Tem tantos embaraços nossas vidas,
 Tantos refolios, tantos escondrijos :
 Que ás vezes um ingrato apreciamos,
 Sem ter em conta a honra de um amigo,
 Por mal o conhecermos : e mil vezes
 Ao amigo fiel, a quem prezamos,
 Sem velar nas acções, nós offendemos !

XXI.

« Chego-me a ella em vagarosos passos,
 E lhe fallei assim : — Candida Virgem,
 Porque te queixas, e tão tristemente ?—

XXII.

«— Perdoa-me, senhor, (me diz se erguendo)
Eu cantava a cantiga do estrangeiro,
Para que só me ouvissem estas arvores... —

XXIII.

Eu sei bem que offender-me não querias
(Torno) mas esse pranto me contrista...
Tu não és estrangeira em nossas terras.
Depois que do baptismo as santas aguas
Estas terras nos deram, que extorquidas
Foram á nossos paes... (pretexto frivolo
Com que ávidos estranhos despojaram
Nossos antepassados venturosos
Dos puros beneficios de Tupana)
Estranhos já não ha entre nós outros !...

XXIV.

« Somos uma nação... antes reliquias
De uma grande nação !... Dispersos restos,
Escapados ás ondas tormentosas
Dos mares da cubiça ! A nossa raça,
Só porque habitára um paiz rico...
Nefando crime aos olhos da politica
Lá das terras dos brancos, (assim chamam
Seu saber a respeito aos outros povos)
Ou ante os vãos pretextos religiosos,
Perseguida, assolada a ferro, e fogo
Foi quasi exterminada ! Longo tempo
Proscriptas estas raças percorreram
Pelos vastos sertões ! as que escaparam

Ao ferro d'ambição, apavoradas
 Emigraram p'ra sempre, e se esconderam
 Lá pelas virgens matas do Amazonas !
 Destroçadas familias só ficaram
 De lucto, e de miseria acabrunhadas !
 E estes tristes, derradeiros restos
 De tão grande nação, entre si formam
 Uma familia só !...

XXV.

«— Todos beberam,
 Até a extrema gotta, o ferreo calis
 Da desgraça, entre os ferros vergonhosos,
 Entre a dor, a miseria, e o desèpero !
 Todos estes são filhos da desgraça,
 Herdeiros da miseria, e do infortunio
 Dos miserandos paes ; e a desgraça
 A todos igualou... pois no infortunio
 Primasias não ha, não ha distinctos :
 Todos soffreram, sim... Virgem formosa...
 Ao chamar-lhe formosa abaixa os olhos,
 De leite o rosto seu se fez de sangue (3)

XXVI.

« — Tua mãe foi nascida entre as palmeiras,
 E tu, si não nasceste nesta terra,
 Com quanto te educaram de pequena,
 Na Cidade, tambem foste nascida
 Entre os desertos... sim, tambem herdaste
 A fatal maldição dos nossos grandes !
 Não, não és estrangeira em nossa terra.

Ah! tu não és estranha em nossa casa...
 Crê-me pois, minha mãe também é tua...
 Miry'ba... ó minha irmã... ah!... si quizeres,
 Além de ser senhora destas terras,
 Tu o serás dos votos de minha alma!...—

XXVII.

« — Tu fallas não sei como!. Eu não te entendo
 (Voltou-m'ella)—Eu te amo. (Eu lhe respondo.)
 Miry'ba.. eu tenho amor.. muito te hei dito.—
 —Não, Corimbaba, tal nunca diceste;
 Talvez á outra virgem destes campos...
 A mim nunca porêm...—(Murmurou ella.)

XXVIII.

« — Ah! fictados em ti, meus ternos olhos,
 Miry'ba, tantas vezes não diceram?...
 (Eu volvo, e retorquiui-me assim a ingenua :)
 — Os teus olhos diceram!... olhos fallam?—
 — Sim, fallam (suspirei) mais do que a bocca
 A linguagem de amor...—(Replicou ella :)
 — De amor!... e que é amor?...

XXIX.

« — Eu, certo dia,
 « Ouvi fallar de amor.. Ah! bem me alembro
 Foi meu pae... Certamente. Então pergunto
 A minha boa mãe amor o que era :
 Ella me respondeu, que era um desejo
 De agradar sempre á Deos, e só á elle,
 E de ir viver no céu sempre felice!

XXX.

« Então muitas historias me contava
De lindas moças virgens, que malvados
Mataram, por que a Deos sómente amavam !
E que ellas nem da morte houveram medo
Por Deos dado lhes ter valor dos hamens...

XXXI.

Sim... Quando as aguas do baptismo santo
Me lavaram, meu pae chamou-me Barbara,
E minha mãe Miry'ba : elles diziam,
Que em devoção, tal nome me foi dado,
De uma d'aquellas virgens, que era santa,
Que entre as mãos dos crueis morrido havia...
No mez.. no mez.. espera.. hei-de alembra-me..
Ah ! no mez do natal, no dia quatro... —

XXXII.

« — Sim neste mez, Miry'ba, os sabios padres
Resam de Santa Barb'ra nesse dia.
(Lhe verti) Dize pois ; la na Cidade,
Onde foste creada, em tua casa,
Comtigo, como tu, não existiam,
Mais que teu pae, e mãe, outras pessoas...
Moças, com quem brincasses, com quem risses,
Que fallassem de amor ?— Não. Eu vivia
Sosinha com meus paes ; (eis docemente
Ouço) e, si minha mãe ia comigo
Visitar a qualquer dos conhecidos,
Eu nunca de seu lado me apartava,
Por que ella não queria.

XXXIII.

« — Pois Miry'ba,

Diversos modos há de á Deos amar-se.
 N'um homem, n'uma flôr, ou n'um arbusto,
 Se ama tambem á Deos, si quando amamos
 Este amor é em Deos puro, e divino.

XXXIV.

« Ouve; quando um mancebo virtuoso
 Ama a candida virgem, sendo amado;
 Quando se ligam em sagrados laços
 Diante dos altares, ó Miry'ba,
 Este amor tem encantos, acha graças
 Ante os olhos de Deos, e Deos propicio
 Abençôa união tão virtuosa !

XXXV.

« Tua mãe foi feliz, teu pae com ella,
 Casaram-se, e se amavam docemente !
 Tu nunca amaste ! Bem. Nunca sentiste
 Por um moço qualquer certo desejo...
 Certo prazer... ou dôr... certos cuidados ?—

XXXVI.

« (Desta sorte lhe narro, e ella exclama :)
 — Oh sim ! eu ja senti certos desejos,
 Mas bem não sei de que... certos prazeres...
 E não sei pelo que... certos desgostos...
 E até mesmo cuidados... — Mas, declara ;
 (Lhe brado eu vivamente) e por quem sentes
 Esses vivos combates ?... esse empenho ?—

XXXVII.

«—Oh! não; eu por ninguém. (Assim se exprime)
 É cousa bem pequena. Si te vejo
 Eu gosto de te ver, te acho formoso.
 Si tu a caça sahes, tenho receios
 De alguma fera, ou cobra, que te offenda.
 Si tu em casa 'stás, eu 'stou contente,
 E gosto de te olhar; e gosto mesmo
 Que olhes muito p'ra mim; si olhas-me pouco
 Eu fico descontente: mas com tudo
 Eu nado sinto... —

XXXVIII.

« — Nada sentes, dizes?...

Casta virgem gentil, pomba innocente,
 Tu me fazes feliz, sou bem ditoso!
 Miry'ba, são de amor esses combates,
 Assim começa amor, e assim vigora!
 Tu amas, sou feliz! tu és amada...
 Tu serás minha esposa... sim, Miry'ba...
 Como és formosa!... (acabo) e as mãos lhe beijo.

XXXIX.

« (Ella então questionou-me assim:)— Mas dize,
 Por que me chamas tu sempre formosa?
 Minha mãe muitas vezes me contava
 Que os homens eram máos, que nos perdiam,
 Nos tornando mil vezes desgraçadas;
 E que, quando enganar-nos desejavam
 Nos chamavam formosas, e louvando
 Até nossos caprichos, nossos erros. —

XL.

« — Donzella cidadôa, certamente
 Tua mãe te fallou verdade santa !
 Nas cidades, Miry'ba, os homens cuidam
 De as moças enganar com taes louvores.
 Não é assim cá no campo. E como posso
 Te enganar, si eu por ti de amores, morro,
 E te desejo esposa ?! — Isto fallando
 As pequeninas mãos cubro de beijos...

XLI.

« — Sim, serei tua esposa — (sorriu ella.)
 Desde então fui feliz. Sem mais demora
 Cuidei só de Miry'ba, como aquella,
 Que ia tornar meus dias invejados,
 Té dos anjos do céu, si os anjos amam !

XLII.

« — Des desse dia então eu, com Miry'ba
 Fallava só de amor ; e bem depressa
 Fui com extremo amor seu bem amado !
 Passou sobre esta scena um anno quasi :
 Ha um anno, a primavera guarnecia
 De flores a cabeça dessa amante ;
 E hoje a primavera ja guarnete
 De flores a cabeça desta esposa !

XLIII.

« Ouvistes esta historia, que inda hoje
 O padre nos contou das letras santas ? —

« — De Jacob? —

CORIMBABA.

« — E Rachel... —

JACUMAY'BA.

« — Oh! sim, ouvimos. —

CORIMBABA.

« — Pois mais do que á Rachel Jacob amára,
Eu adoro á Miry'ba! Mais ainda...
Como amára o primeiro pae dos homens,
No paraiso, á mãe dos homens todos!
E mais si mais amor na terra existe!
Como os anjos do céo, em Deos vivendo,
Amam a Deos tão ternos!... —

LIV.

Transportado

De ternura, e de amor embevecido
Corimbaba findou a historia terna
De um amor, que nascêra entre os horrores
De medonha procella, entre desgraças,
Mortes, dissoluções; e que crescêra
Entre um pranto de amor sagrado aos tumulos!

XLV.

MAIRY'GOARA.

« — Mas a mãe de Miry'ba nesta terra
O nascimento teve? »

CORIMBABA.

« — Sim, amigo. — »

JACUMAY'BA.

« — E Miry'ba em que parte? — »

CORIMBABA.

« — D'aqui longe.

« Quando de Taubatê partiu Rodrigues,
 Cincoenta sertanejos conduzindo,
 É fama que sem medo atravessára
 Esses de Cuyatê sertões vastissimos (4)
 Em busca d'ouro. E certo é que surgiram
 Lá onde, n'outro tempo os Goytacazes
 Com os Tupiniquins, guerra de morte
 De Coutinho a colonia tal fizeram,
 Que levados de horror, os que escaparam
 Das flexas do deserto, se esconderam
 Do Cricaré, de susto, pelas margens!
 Alli morreu Menezes, branco nobre;
 Alli Castello-Branco, como aquelle,
 E Fernando de Sá, filho querido (5)
 De Mendo....

XLVI.

« Esta lembrança destes feitos,
 De meus antepassados, me levava
 P'ra longe de meu ficto! Sim, surgiram
 Perto do monte Aghá.... —

JACUMAY'BA.

— Bem conhecido

Dos navegantes esse monte. —

XLVII. 1. A. C.

CORIMBABA.

« --Consta,

Que não foram sem fructo os seus trabalhos.
 Ao voltarem, passou por nossa Aldêa
 Affonso, um portuguez ; levou comsigo
 Uma moça, que então muito formosa,
 Annos só trinta contaria. Sempre
 Com ella divagou pelos desertos.
 Dous annos ao depois, entre ermas serras,
 Foi mãe a moça, a filha foi Miry'ba.

XLVIII.

Cançado de volver* pelos desertos,
 Ou já rico talvez, veio á Cidade
 De São Sebastião, trazendo a moça,
 E a filha, que então tres annos tinha ;
 E ahi ficou morando. Pouco tempo
 Depois, por que elle amava a terna moça,
 A fez sua mulher. Há já tres annos,
 Deixando quem supprisse as faltas suas,
 E dinheiro á familia, que embarcado,
 Para terra partiu dos portuguezes.
 Fama corre, que é morto em um naufragio. »

XLIX.

Termina Corimbaba a narrativa
 De Miry'ba, da mãe, de seus amores.
 Neste tempo uma scena se passava
 Sobre as suas cabeças: era força
 Attendel-a. Cortava os leves ares,

De tímida, a fugir rola innocente,
 A' famulentas garras, que feroces,
 No alcance, de empolgar-lhe o tenro collo
 Fizeram timbre; e quasi ella é vencida.

L.

Era um faminto gavião, que asinha
 Açorava á infeliz... mas um menino,
 Que este horror testemunha, prompto embebe
 Uma bala na rede de um bodoque;
 Morde o labio inferior, atraz recúa
 Ligeiro pè, asesta o punho d'arma (6)
 P'ra destinada presa; eis se contraem
 As curvas pontas do arco; solta os dedos:
 Treme a rede impellida, açouta os ares,
 Expellindo a zunir volante pélla
 De resiccado barro, que empregada
 Esmaga o craneo d'ave carniceira!
 Mal toa o golpe da certa bala,
 Aderna a rota fronte, as azas cahem-lhe,
 E cala em terra; nem tremer de pennas.

LI.

De seu longo fugir, do adejo lasso
 Vae-se a ave amorosa achar repouso
 Nas longas palmas de um coqueiro antigo:
 Após levou seu vôo as vistas todas.

LII.

Serpente côr de terra, e malhas negras
 Enroscada trahidora sobre o tronco,
 CANTO III. 11

Mal que ella ahi poisou, de um bóte assalta-a;
 E lhe empolgando uma aza, colleando,
 Pela fina cerviz nó de serpente
 Lhe faz descer travando, e aperta a presa...

LIII.

Inda o menino vingador da pomba,
 Que á ave de rapina dera morte
 Testemunha este horror : eis outra bala,
 E dextro em seus manejos repentinos,
 Outro ponto, outro esforço : o golpe sôa :
 Cahidos logo após são tres objectos,
 A dura bala ; a serpe, e a pomba mortas !

LIV.

Mas quem deu morte á rola, elle, ou a cobra ?
 Foi elle, o bemfeitor, a seu despeito !
 A seu despeito sim, elle o bem sente,
 Que a bala ultriz, ferindo n'um só tempo,
 A serpente matou, matou a pomba !

LV.

Mudo viu Coapára a scena toda :
 É um sabio formado de exp'riencias,
 Que per entre os espinhos, cavilosos,
 Circumdado, de males, e miserias,
 Atravessado tem de outenta invernos :
 Si hoje vivêra pelos moços d'hoje
 De um supersticioso era alcunhado.
 Vendo tudo Coapára, a testa franze,
 Tres vezes sacudindo a branca fronte,

Os labios contrahindo, dice baixo :
 « Mão agouro n'um dia de noivado ! »
 Ninguem attentou nelle neste instante.

LVI.

P'ra os abysmos da noute o sol cahia ;
 E sobre um horizonte, que encrespavam
 Negras, de trovoadas nuvens densas,
 Por sobre os aureos picos dos outeiros
 Frouxo raio, que incerto inda vibrava,
 Saudava os prados com adeos furtivo.

LVII.

De festival viola ao som cadente
 Na sala do jantar tripudiavam
 Jovens casadas, e gentis donzellas.

LVIII.

Pelo tecto de páos, e de uricannas
 Esturgia, de alegre, o repetido
 De pastoris cantigas echo ingente.
 Pelos ang'los do espaço ribombava,
 De certo, o harmonisado som dos passos
 Das dansas pastoris, çapateado.
 Do dansado o composto era uma mescla
 De uma dansa d'Europa, e dansa indigena.
 D'espaço a espaço aos noivos soltam vivas,
 Vivas, que a multidão repete alegre.

LIX.

A' sala do festim tranquilllos entram
 Os tres, que tempo longo hão conversado ;
 Aqui tomam assento, ou tambem dansam.

LX.

Grimpava então nos picos arrojados
D'alta Serra dos Orgãos, panda em bojo,
Crassa, horrifica nuve', em que apascenta
O vento, o raio, a chuva, a trovoadá ;
Horrores da terrível natureza,
Que minaces, hediondos se embalavam
Entre os braços da Morte, que mais grave
Sobre o fundo da nuvem se concentra !
Pesado, assim serodio, ao som de estrondos
Pelo amplo dos céos vae-se expandindo
Este ambulante solio das procellas.

LXI.

Qual, si de alliviar gravoso cargo
Faz timbre, em seu passar deixa nociva,
Ou sangradas dos céos as cataractas,
Ou do lampejo os ares chamuscados,
Ou dos trovões os echos dos atrôos,
Ou fumando dos raios os vestigios,
Ou do impeto do vento hórrido estrago !

LXII.

Dirieis, o tremor da terra vendo,
Ao echo do trovão, não ser o effeito
Do trovão ; mas que, muito nos abysmos
Das cavernas da terra, se agitava
Arripiado, e longo terremoto ;
Sentida do equador até aos polos
Tremula commoção. Volveram prestes
As profanas cantigas do brinquedo
A' canticos sagrados !...

LXIII.

Temerosa

A mãe de Corimbaba abre apressada
 Oratorio devoto, expõe ao culto
 Do divino Jesus bradante (a) imagem,
 E da Virgem bemdita. Elles prostrados,
 Ergue a velha adiante, em sons medrosos
 Eucharistico hymno; após responde,
 Segundo ramo, a turba. Que sublime,
 Para graves Christãos tocante quadro!

LXIV.

Todo universo um campo de batalha,
 Irmãs duas em campo! Está de um lado,
 Alti-pugnaz a irada natureza,
 Arremeçando crespos elementos,
 Terrivel, como auctora dos terriveis!

LXV.

D'outro lado submissa a humanidade,
 Combatente, devolve humildes preces,
 Medrosa, como a triste mãe do medo!
 Entre ellas, medianeiros, Anjos muitos,
 Padrinhos, testemunhas do duello!...

LXVI.

Além da *comprehensão* Deos assentado
 Vendo sob seus pés brilhar lampejos;
 Cruzar nos ares rápidos coriscos;

(a) A imagem de Christo, representando-o bradando ao Eterno Pae— *Eli, Eli, lamma sabachthani?*—

Rolar trovões em torno das estrellas,
O vento sibilar, zunir a chuva,
E ribombar o horror da tempestade,
Impassivel, immovel, sobranceiro,
Deos Eterno é Juiz, Deos Grande julga!...
E lá, quando lhe apraz, solta um sorriso,
A natureza o entende, e colhe as furias!!!

LXVII.

Junto á parede, ás pontas abrigado
Do sapê da cabana, olhava á chuva
O caçador menino, esse, que ha pouco,
A' impulso de seu rápido bodoque,
De golpes dous alardeou tres mortes!

LXVIII.

Crerieis, que em pedaços aluido
Tombava o céu desfeito sobre a terra!
Tal reboando faz rijo estampido
Um trovão de ruinas, e de mortes!
Então do raio após ninguem duvida;
Mas a victima aonde?

LXIX.

No terreiro

Um confuso se ouviu fragor; ouvindo-o
Se crêra, que do cume de montanha
Desquitado rochedo pela encosta,
De roldão, traz em frente outros rochedos,
Velhos troncos, arbustos, terra, e ramos!
Entre este horror se ouviu de morte um grito!
Logo Silencio. Após tropel veloce

De todos, que ora dubios se arremessam
 Sobre o terreiro. Ant'elles, em despeito
 Da espessa chuva, crepitando ardia
 Uma fogueira! de mysterio é ella!
 Qual foi mão d'homem, que ateou-lhe as chãmas?
 Ninguem foi, ninguem diz, e ninguem sabe!
 E ella arde! E o cedro, o cedro antigo?
 Agora em estilhaços diffundido,
 Estivando a raiz em longo circulo,
 A relva cobre, que cobriu com a sombra;
 Chamma de raio lhe devora o tronco!

LXX.

O caçador menino sob a beira
 Morto, contuso o peito, tem fendida,
 Sobre a fonte da sestra, a ensanguentada
 Cabeça; junto delle tem do cedro
 Um tôro, e este foi quem deu-lhe morte!

LXXI.

Qual dôr, qual confusão, qual susto houvêra,
 Pensae!.. A nupcial festa termina.

LXXII.

Miry'ba é mais que todos assustada;
 Seu coração palpita temeroso,
 Mais de susto que dôr lhe escala o peito!
 Ella crimes não tem, são hons seus votos,
 Mas nossos corações têm seus presagios!

LXXIII.

Coapára, em si mesmo recolhido,
Braços cruzados sobre tanto estrago,
Sacudindo a cabeça duvidosa,
Parece que comsigo está dizendo :
« Mão agouro n'um dia de noivado ! »

FIM DO 3.º CANTO.



CANTO IV.

Barbaros filhos destas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males vossos ;
Revolvão-se no horror das sepulturas
Dos primeiros Aeus os frios ossos .

.....
.....
E o vosso sangue, que esta terra ensôpa,
Ja produz fructo do melhor da Europa.

Dr. I. J. de Alvarenga.

I.

Pouco é grato em um dia de noivado
Ver scenas desastrosas. Pouco é grato,
Depois de nupcial, ledo banquete,
Ver na casa dos noivos, entre os cónvivas,
Scenas de morte, scenas dolorosas !

II.

Meia-noute, suspende-se a tormenta,
Desfaz-se a companhia a taes deshoras,
Ninguem vae satisfeito, que os prazeres
Gostos sómente dão em quanto duram ;
Mas a dôr sendo dôr té na lembrança,
A lembrança é tenaz por largos dias !

III.

Todavia, Hymenêo abriu jucundo
O thoro nupcial aos dous consortes :

Elles lá 'stão, seus mimos mutuando...
 Lá, com elles Amor... deixae, deixae-os...
 Assim passou-se a noute, e o dia crástino.

IV.

Que doces, que fagueiros se deslizam
 Suavemente em ondas de ternuras
 Os mui-lindados dias do começo
 Dos amorosos gozos entre ainantes !...
 O mundo encantador de almos affectos
 Delicias idéaes verte em torrentes,
 Que n'um lago de gostos ineffaveis
 Submergem alma, qu'em ardentes extasis
 Evaporar-se pensa em meigos osculos !
 Embevecida em magicos mysterios
 Devaneada em amoraveis estos,
 Em delirios divinos agitada,
 Absolta a phantasia em seus encantos
 Requinta as graças de reaes prazeres
 Extremada em mentaes, magas delicias !
 E... Não mais profanar, penna sacrilega...
 Senti vós, comprehendei !... Penna de humano,
 Ao ang'lo levantar desse véo magico,
 Bruxolear deixando almos segredos
 De Amor, não vence o relatar mimoso
 Dos encantados seus finos mysterios !

V.

Aniquilado o mundo em suas mentes
 Em seu curto universo o tempo vóa !
 Marcam instantes no gozar delicias,

Delicias gozam no fruir de beijos,
Beijos tão doces no apertar de abraços.

VI.

Esquecidos de si um n'outro vive
Vida de amor ; e embebidas mentes
Um n'outro ; Amor idéas lhes absorve
Do mundo inteiro, e no seu curto orbe
Só elles, só Amor, só seus encantos !

VII.

N'esse mundo de Amor não acharieis
Nem outro Deos, nem crenças, e nem cultos !
Alli não ha passados, nem futuros,
Uma idade ! Um lugar ! Um tempo ! Um 'spaço !
É tudo um ponto, e nesse ponto é tudo !
Um instante o produz, outro o dissipa ;
Esse ponto é Amor, e é tudo, e é nada !

VIII.

Era o dia segundo após das nupcias,
Era o terceiro dia do noivado.
Ir todas as manhãs caçar nas matas
Sobria Corimbaba. Alveja a aurora ;
Inda elle esta vez não deslembrou-se
Das religiosas preces, e da pedra ;
E no tum'lo da mãe da esposa cara
As vae lançar com mais ardor agora.

IX.

Cumpre o santo dever, volta á Cabana :
Alli a tiracollo ao lado desce

O polvarinho, e o chumbeiro prenhes
 Das materias mortiferas da caça :
 Aguda faca da cintura pende :
 Ociosa a dextra ; com a sinistra agita
 Espingarda, que longe a morte cursa.

X.

Elle não se exerceu nos tenros dias,
 Que os padres, entre os brancos lhe limaram,
 Aos ares desferir a setta aguda,
 E de certa, no voltar das auras,
 A ponta lhe aguardar n'um ponto dado !
 Mas bem maneja do arcabuz os tiros.

XI.

Do leito o seu erguer foi mansamente,
 Que ama não ver desfeito o somno amado
 Da carinhosa esposa, que gozava
 Dormir tão doce no volver d'aurora !

XII.

E sonhava : ella então sonhava, e via
 Debaixo de seus pés milhões d'estrellas ;
 Lhe embriaga um ignaro aroma exotico
 Enlevados sentidos. Logo a fere
 Lampejar de uma luz, que em campo ethereo
 Resplende mais que o sol. Candidas pombas
 Com suave arrulhar grimpam adejos
 Por sobre nuvens de um fulgor celeste:
 Cadentes vozes psalmeando escuta.
 Sua mãe é com ella. Embalde o esposo
 Se esforça em a seguir ; vamente a chama:

Um louro infante, que seu lado occupa
 No seguir o consorte põe-lhe estorvos ;
 Lhe vertendo estas phrases compassivo:
 « Inda não, inda não; é cedo ainda.»

XIII.

E ella despertou ! Incerta volve
 Per todo o quarto a vagarosa vista,
 Como encontrar querendo ante seus olhos
 Esses vagos objectos, que na mente,
 Accordada, inda finge a phantazia.
 Ah ! tudo foi de imagens fugitivas,
 Que n'um ponto de aligeras se esvaem !

XIV.

Volve-se á achar o esposo ; elle era erguido.
 Percebe então nos ceos o alvor do dia :
 Veste-se á pressa. O tumulto materno,
 Do matutino pranto borrifado,
 Lhe aguarda as preces, e c'um ramo, ou flores ;
 E ella as vae levar. Devolta, encontra
 O marido, e p'ra caça eil-o ja prestes.

XV.

MIRY'BA.

«— Á caça Corimbaba?! . . —»

CORIMBABA.

«—Á caça, amiga. . —»

MIRY'BA.

«—Hoje !. Ainda antes d'hontem.. (Vergonhosa,
 De pudta inclinou p'ra o chão seus olhos.)

XVI.

CORIMBABA.

«—Uma ausencia pequena, um leve susto,
 Entre amantes, meu bem, depois de sobra
 Vem compensar amor. Quando da caça
 Eu voltar, com que ardor ao meu encontro
 Tu irás de contente! Hei-de trazer-te
 Muitas flores, e fructos, caça muita;
 E, que é mais para ti, beijos mais novos,
 Beijos de amor, e beijos de marido,
 Que ausente estive da consorte amada!

XVII.

« Tu então me dirás cousas tão lindas!...
 Que tiveste saudade, e até choraste;
 Que não tiravas do caminho os olhos
 Esperando me vêr a cada instante.
 Me dirás que os momentos de demora
 Te davam sustos, e receios muitos...
 E eu hei te abraçar, sim, muitas vezes...
 Oh! tu verás então, como é tão doce
 O amor, ao depois de certa ausencia!— »

XVIII.

«— Mas não era melhor que amor houvesse
 Sem nunca haver ausencia?.. Não vás hoje..—»
 Miry'ba tristemente assim lhe volve.

XIX.

CORIMBABA.

«— Oh! não. Meus companheiros já na mata
 Esperarão por mim. Minha palavra
 Queres, que em pouco, envergonhada fique?— »

MIRY'BA.

« — Pois manda-lhes dizer... Tens tantos dias...

XX.

CORIMBABA.

« — E elles que dirão de mim, Miry'ba ?
 Que teus encantos, que teus doces mimos
 Meu coração amollescer vieram !
 Mais por ti, que por mim partir me deixa :
 Eu voltarei depressa, sim, Miry'ba ?... — »

XXI.

Miry'ba rasos d'agua abaixa os olhos,
 E um tremulo — sim — morre em seus labios.

XXII.

Elle não viu-lhe as lagrymas, que a vel-as
 Não partira talvez ; porque elle adora-a ;
 Elle estremece desse amor tão fino
 Por ella ; e ama, como amar se póde !
 E partiu. Ella ausente ficou triste !

XXIII.

A mãe do esposo lhe consola as penas :
 Mas sente a dama no seu peito amante
 Um fundo de pavor, fundo de susto.
 Conta o sonho depois ; bem que ella propria
 De terror lhe não dá nem leve nota.
 Não foi sonho de amor, porém foi bello ;
 Nem ella busca pesquisar seus traços.

XXIV.

Elle, já longe dos penates caros,
 Calcando o trilho de um arneiro amplissimo,

Caminho vae do oceano á pria.
 Chega as orlas do mar, vinga de rápido
 Os movediços, arenosos cumes
 De grossas médas de alvejada arêa.
 Juntos de uma canôa os caçadores
 Alli ja todos o esperavam sofregos.
 « Já nasce o sol ! » Diz um, chegar o vendo.

XXV.

CORIMBABA.

« Creio que não vim tarde. »

OUTRO.

Com effeito !...

« Tua casa d'aqui muito não dista,
 E já é quasi dia.... »

OUTRO.

« Custa muito
 Deixar na cama a noiva em madrugada... »

OUTRO.

« Muito mais si é formosa.... »

CORIMBABA.

« Ao mar; peguemos.

XXVI.

E entre estes gracejos mettem hombros
 A' canôa : um esforço, eis ella em nado.
 Metteram remos ; de vogar começam
 Direito á um bosque quatro legoas longe,
 Que em si abunda de avultada caça : (1)
 Assim foi modo de poupar caminho :

Mas lhes burlando o vento o mór empenho,
Quatro legoas p'ra além do ponto os lança,
Ao pé de rocha, que no mar se espelha.

XXVII.

Abicaram ahí á praia. Um delles :
« É o mesmo, é o mesmo : aqui ha caça ;
A' esta mata, nesta mata abunda. »
Dice, e saltaram. Pelo bosque foram ;
Além se espalbam : cada qual procura
Um cerrado, uma senda atraz das prêas.

XXVIII.

Corimbaba embrenhado pelo bosque,
Foi ao mais fundo delle aventureiro.
Achou-se n'um logar, do qual è fama,
Que havia meio sec'lo não trilhado
Era de humano pé, não sendo humano
Aquelle, que o habitava. Nesse fundo
Suppôra o medo o assomar de spectros ;
Se ouvir lamentos, e açoutar de um homem ;
Vagar na selva solitaria sombra ;
Alta noute, no denso da espessura
Um sombrio soar de campainhas ;
Um funebre ulular, mas não de vivos ;
E luz de mortos em funerea gruta ;
E n'uma tarda voz tremulos hymnos !

XXIX.

Ou foi, que Corimbaba o não soubesse,
Ou que vencesse de arrojado a todos ;
Certo foi qu'elle afouto perlustrára
Toda vasta amplidão do espaço horrendo.

XXX.

Quasi ao voltar, acaso os olhos dando
 Sobre um antigo tronco, avista... e estaca...
 N'uma cava, que os seculos abriram
 N'um venerando tronco era assentado
 Um velho secular... Só Corimbaba
 O vira sem correr, não sem receio!

XXXI.

Um tecido de folhas, e de embiras
 Lhe guarda o todo do inferior do corpo :
 Talvez que até os hombros lhe galgasse ;
 Porém grisalhas barbas, que de hirsutas
 Descidas sobre o peito, emmaranhadas
 Com os fios do raro, e mal-distincto,
 Fugitivo cabello, branco, cobre
 A parte sup'rior do corpo todo!

XXXII.

Abrem-se fundos, quasi amortecidos
 Olhos, nos quaes branqueja, bem que incerta,
 Neve, que invernos no passar deixaram.

XXXIII.

Com quanto é cadaverico o seu rosto,
 Ha nelle um não sei que de magestoso,
 Que em logar da aversão, respeito infunde!
 E de tal arte aninha-se na cava
 Que o distinguir custára a vista de homem !
 O velho, anachoreta americano,
 Olhou sem commoção p'ra Corimbaba ;
 Abaixa os olhos : nem mover de labios !

XXXIV.

CORIMBABA.

«— Bom velho, perdoae, si ora interrompo
 Vossas meditações. Tão erma hei visto
 De pégadas humanas esta mata,
 Apesar de abastar-se em caça grossa,
 Que não sei que juizo eu fazer deva... —»

XXXV.

SOLITARIO.

«— Ignoras o que vulgo apreçoára
 Destes desertos? —»

CORIMBABA.

«— Certamente ignoro!... —»

XXXVI.

SOLITARIO.

«— Não sabes, porque mora um penitente
 Nestas selvas, que dellas se tem dito,
 Que em si acoutam pavoroso spectro,
 Duendes, ou vampiros, ou phantasmas;
 Ou almas de outro mundo; ou feiticeiro,
 Que de encantado traz horrído, e triste
 Este bosque assombroso? —»

CORIMBABA.

«— Não, bom velho:

Mas já percebo por que finge o medo
 Tão estranhos mysterios neste bosque.
 Bom velho, permitti-me: — ha quantos annos
 Moraes neste deserto? —»

XXXVII.

SOLITARIO.

« — Antes, dous annos,

Que das imbeceis mãos do Sexto Affonso
 As redeas do Governo Lusitano
 Fossem ás habeis mãos do Infante Pedro; (2)
 E sessenta, e um anno já passados
 Depois que os Portuguezes reduziram
 A' escravidão os Pítagoáres !... premio
 De salvar-os das horridas vinganças
 Dos bravos Aymorés, que a vez terceira
 Desciam sobre a costa; e ao que debalde
 Quiz Filippe, o terceiro, dar remedio !...
 (Mas o poder dos reis não vae tão longe !)
 Des de então neste bosque passo a vida !... — »

XXXVIII.

CORIMBABA.

« — Bom pae, talvez engano haja na conta ;
 Bem póde ser que a edade vos figure,
 Ha poueo tempo, um feito tão antigo !...

SOLITARIO.

Mancebo, que annos tendes ?

CORIMBABA.

Vinte, feitos.

XXXIX.

SOLITARIO.

« — Menino, des do dia em que vinte annos
 Eu fiz, té que do mundo a luz viesses,

Um espaço se estende, e neste espaço
Faltam dez annos p'ra deitar-se um seculo! —»

CORIMBABA (*absorto*).

«—Cento, e trinta annos! Que contar de dias!—»

XI.

SOLITARIO.

«— Quando Robeiro Dias carregado
De prata, de Filippe entrou á corte, (3)
Deste metal, ufano, promettendo
A' velha Hespanha um mar só pelo titulo
De Marquez; e negado (nesse tempo
Um ouro vicioso, um ouro estolido,
Um tit'lo não comprava) inda, até hoje
Se perdeu esse abysmo de riquezas;
Nesse anno, digo eu, á luz fui vindo
Em nosso Portugal. Viagei longo
Pelas tres partes do antigo mundo;
E vim para o Brasil de quarenta annos.—»

XLI.

«— Foi quando da Bahia os habitantes,
Deixando os bosques, onde fugitivos
Os havia lançado armas de Hollanda,
Por capitão Dom Marcos, Bispo illustre, (4)
Collocando ante si, longe expulsaram
As tropas invasoras; bem que morto
O heroico Prelado das feridas,
Não des-vingado fica, que cortados
No campo os inimigos deixa a centos,

E morto o seu van Dort. Debalde intenta
 Soccorrer Balduino aos seus vencidos,
 Por que alem-mar Fradique os expellindo, (5)
 Salva a Bahia do importuno Bátavo.
 Foi pois neste combate que primeiro
 Pelejei neste solo ; e neste anno
 Tinha eu chegado do degredo á terra ! (6)

XLII.

« — Quarenta annos volvi per estes matos ;
 Té que desenganado deste mundo,
 Na edade de oitenta annos (muito tarde
 Me veio o desengano) recolhi-me
 Para sempre a viver neste deserto :
 E d'aqui, ha tres dias, o meu corpo
 Attenuado, secco, e quasi extincto,
 Hade o somno dormir da sepultura... — »

XLIII.

CORIMBABA.

« — Bom pae, por que fallar dessa maneira ?
 Vossos dias nos céos estão contados,
 E Deos só sabe a conta. — »

SOLITARIO.

« — Estão contados,
 E completos estão... — »

CORIMBABA.

« — No quarto dia,
 « — Terminando-se o prazo, eu virei ver-vos. — »

XLIV.

SOLITARIO.

«— Talvez não venhaes mais !. Quem sabe, moço,
Si amanhã vivereis !... — » Com tal accento
Volvêra assim o velho penitente,
Que de horror Corimbaba estremecendo
Os cabellos sentiu se lhe eriçarem !

XLV.

CORIMBABA.

« — Bom velho, sabeis vós prever futuros ? — »

SOLITARIO.

« — Só sei chorar, meu filho, no presente,
Sobre um passado triste e desastroso !...
Dista porém bem pouco deste sitio
A cova da Itaúna, assim lhe chamam
Quantos la nunca entraram ; mas aquelles,
Que iniciados são nos seus mysterios
Dão-lhe um nome maior ; e este nome
É — Das Meditações Caverna Sacra ! —
La o Orac'lo responde á quem o inquire. — »

XLVI.

CORIMBABA.

« — Mas, bom pae, nos Oraculos eu não creio. — »

SOLITARIO.

Tambem eu os não cria em vossa idade.
De presumçosa a mocidade é louca ;
E quanto não entende, ou não explica,
Julga um desaire crer ; e miseravel

Quer antes ignorar nas trevas suas,
 Que indagar, inquirir, só de orgulhosa.
 Mancebo, não penseis que eu, em meus ditos,
 Vituperando unicamente os moços,
 Louve o meu tempo só ; balda é de velhos.
 Ouvi pois um conselho : acolhei tudo,
 De nada duvideis ; mas fê negae-lhe,
 Emitti vosso estudo, e vossa critica ;
 E, si ella não mostrar logo a verdade,
 Nem por isso esfrieis ; deixae ao tempo,
 Que o tempo sabe quanto ignora o homem.
 E mais, que nos mancebos c'r'osidade
 Sempre se louva. Ide... —»

..... XLVII.

CORIMBABA.

« — Irei, bom velho.

Mas, dizei, si é possível : tão perverso
 Crestes o mundo, que fugistes delle
 Para occultar-vos neste fundo bosque ?

SOLITARIO.

« — Não : o mundo era bom, pois que o ser máo
 É sua condição : eu só máo era
 Para nelle viver.

XLVIII.

« — Na mocidade

Corri do antigo mundo as partes todas,
 Fui rico, mas p'ra mim não soube sel-o !
 Fiz sempre por ser bom, honrado, e justo.
 Quanto bem poudes, fiz, não me arrependo,

Fui esposo, fui pae, fiel amigo :
 Si não fui virtuoso, ao menos sempre
 Curei de meus deveres. Um naufragio
 Só me deixou em solitaria praia,
 Sem bens, e sem mulher, ermo de filhos !

XLIX.

« — Passado isto, voltei á sociedade,
 Mas pobre ; e os meus amigos uns, fugiam-me ;
 Outros, não conhecer-me simulavam ;
 Estes, por não valer-me se fingiam
 Tão pobres, como eu, sem naufragarem !... (7)
 Aquelles, si bons votos me mostravam,
 Por pobres, socorrer-me não podiam !...
 Então entrei melhor a vêr o mûndo !...

L:

Quando eu rico, ao dispor meu tendo tudo,
 Os homens me applaudiam. Até mesmo
 Louvavam meus caprichos. Insensato
 Eu, que não conheci de quantos vicios
 O humano coração pejar-se pôde !
 Aquelles, em quem eu antes suppunha
 Mais honra, mais prudencia, e mais justiça,
 Quando os fui invocar, quando de perto
 Os vi, conheci nelles mais defeitos,
 Que n'aquelles, que eu antes reprovára !
 Si os homens, que julgaes mais virtuosos
 Vós antes de os tractar os conheceras,
 Fugirieis de a graça lhes deveres
 De seu sorriso apenas, que dest'arte
 Silencioso pranto evitarias !

Então por seu orgulho mais que insolito
Nunca a humildade vossa se ferira.

LI.

Cobardes... que na minha desventura
Meu triste coração despedaçaram !
Elles pois me hão ferido na humildade,
E Deos tem de feril-os na opulencia !

LII.

Aureo fio tão fino, como a têa,
É do feliz a vida. Elle, incessante
Por essa têa soberboso enfia
Esmeraldas, rubins, diamantes, perolas !
Bem haja em tal colheita ! e feliz encha,
Tê os extremos, seu dourado fio !
Ai delle, si entre as mãos quebrar-se a têa !
Que pela ponta d'entre as mãos perdida
Hade vêr se escoando de uma á uma
Rubins, diamantes, esmeraldas, perolas !
E elle, nem seus filhos novamente
Colherão esse extremo fugitivo,
Per onde se lhe esvae a f'licidade !
Adoremos de um Deos altos Decretos.

LIII.

Depois destes meus ultimos desgostos
« — Descorri pelos serros mais inhospitos
Destes vastos desertos... e nem quero
Memorar os flagicios supportados
Pelos vossos irmãos !... Caro pagavam
A sêde d'ouro dos polidos povos !

LIV.

« — Não vi mais que a injustiça em toda parte!
A côr do homem, accidente mero,
(Fallo pois dos caboucos destas terras)
Foi á perseguição pretexto infame!
Teve-se em menor conta os seus serviços,
E olhou-se com desprezo os seus talentos,
Seus feitos, seu valor, suas virtudes!
E a baça côr da pelle era barreira
Aos empregos, e premios merecidos!

LV.

« — A estupidez, o vicio, e a deshonra,
Empregos tinham bons, em quanto á mingoa
A honra, e a virtude, e a sciencia
Erravam desvalidos sem amparo!
Negava-se á razão, e á justiça
O direito, que posto em praça publica,
O ouro ia comprar. Do cadafalso
Pendia o vil ladrão, que a vez primeira
Furtára, e talvez bem necessitado,
Em quanto as leis julgavam innocentes
Ladrões pejados d'ouro, e de favores!

LVI.

« — As viúvas, e filhos desgraçados
Dos bravos, que na guerra pereciam,
Supplicavam carpindo o pão de esmola,
Em quanto os orphãos, e viúvas nobres
De maridos, e paes, que descanzados
Morreram no seu leito, alegremente

Nas dansas, e nas festas consumiam
 Suas grossas pensões dos regios cofres !
 E os que executar as leis deviam
 Só davam pasto aos odios, ás vinganças ;
 Bem que temendo sempre o dia d'ira
 De seus bens ampliar não se esqueciam !

LVII.

« — Viu-se emfim... (negra affronta a natureza !
 Infando, atroz insulto á humanidãde !)
 Os homens se venderem, se comprarem,
 Só por que a pelle sua era mais baça
 Que a d'aquelles chamados seus senhores ; (8)
 Seus sup'riores só na força bruta,
 E na vasta ambição, nos vastos crimes !
 Escravos viu-se os bravos Pitagoãres !...
 E tal reprovação foi á seus filhos,
 Já livres, por que a baça côr das faces,
 (Diziam elles) revelava a infamia
 D'antiga escravidão dos seus maiores !...
 Como, si á força succumbir é crime !...
 Tornou-se a religião vil interesse,
 Monopolio, e pretexto de conquistas !

LVIII.

« — Debalde estes flagellos, estes crimes,
 Entre lagrymas, preces, e gemidos
 Ao rei mandava o desolado povo ;
 Porque aváros magnates junto ao throno,
 Punham barreira ao ingresso dos lamentos,
 Qu' iam morrer, p'ra sempre desvalidos

No chaos silencioso, e de mysterios
 Das pastas do ministro. Quando esperam
 Os reis, que dos vassallos os gemidos
 Cheguem ao solio seu, de balde esperam !...

LIX.

« — O rei, si o mal, ou bem dos povos busca
 Saber, elle é quem desce de seu throno,
 E vem proprio indagar entre os vassallos,
 Sem esperar que os males, que estes soffrem
 Subam aos regios olhos ; que dest' arte
 Sempre as cousas do povo os reis ignoram !

LX.

« — Mas não ficou o vicio entre os magnates,
 E lavrou, e desceu á infima plebe !
 A falta de moral tornou-se um uso,
 E foi religião vil patronato !...
 Não mais que posições se olha no mundo ;
 Eis-aqui a virtude ; o vicio é este ! — »

LXI.

CORIMBABA.

« — Honrado velho, acerbo na verdade
 Contra o mundo fallaes. Mão é o mundo ;
 Mas ha inda no mundo almas mui boas... — »

SOLITARIO.

« — Meu filho, si podesseis ver no fundo
 O coração dos homens, affianço,
 Que si alli deparasseis dez virtudes,
 Virieis vicios cem p'ra combatel-as !
 São só as posições, e os interesses
 Quem modifica ao homem nos seus vicios :

Posições sociaes são só quem geram;
 Os sentimentos bons, e generosos; ol
 Boa é nossa alma, mas rebelde o corpo;
 E como o mal ao bem supera sempre,
 Ao mal do corpo cede o bem da alma. —»

LXII.

CORIMBABA.

«— Os homens pois são máos por natureza? —

SOLITARIO.

«— Trazem germe do mal, do bem o trazem;
 Mas como o bem no incremento é duro,
 O homem cede ao mal mais promptamente.
 Deos fez o homem bom, é bem verdade;
 Mas sendo ainda bom, (pesae bem isto)
 Quiz audaz, com insana rebeldia
 Contra Deos revoltar-se, e de seu collo
 O jugo divinal lançar por terra....
 Sobre nós, como o mal é pois tão grande!... —»

LXIII.

CORIMBABA.

«— Bom pae, e já melhor que em nossos dias
 O mundo acaso foi ?

SOLITARIO.

«— Nunca, meu filho :
 Só de modificar-se susceptivel,
 Ha tempos de mais crimes, de mais vicios,
 E tempos de mais honras, e virtudes ;
 E nesta alternativa elle envelhece.

Um mundo d'Anjos é o céu somente:
 O mundo em que vivemos é dos homens,
 E p'ra que seja mão isto é de sobra.

LXIV.

«— Os homens são bem mãos. Quando fui rico
 Meus bens lhes franqueei ; quando fui pobre
 Chorei qual outro Job nas portas suas :
 « Piedade de mim, tende piedade...
 Ao menos vós somente, ó meus amigos ;
 Por que feriu-me do Senhor a dextra ! » (9)
 E os homens não me ouviram : eu fugi-lhes,
 Fugi-lhes para sempre, e mais ditoso
 Aqui me entrego a Deos continuamente.
 Tive dos bens do mundo, e já não tenho ;
 E outra vez, como Job, contente exclamo :
 « Deos me deu, Deos tirou, bemdito seja ! » (10)

LXV.

CORIMBABA.

«—O' alma do Senhor, dizei-me ainda,
 O viver meio sec'lo entre estas brenhas
 Vos trazido não tem, um dia ao menos,
 O enojo, a tristeza, o desconsolo,
 Na solidão de vida tão mesquinha ?—»

LXVI.

SOLITARIO.

«—Não, mancebo. Encontrei neste deserto
 O que, ávido, busquei sempre no mundo,
 E sem nunca encontrar. Fui rico, dice ;

Gozei o quanto quiz, (dentro da honra)
 E mal gozava, me affligia logo.
 Formava outros desejos, (nunca injustos)
 Eu os satisfazia, e satisfeitos
 Sentia outros desejos pullulando
 No fundo de minha alma ; e nunca, um dia,
 Eu me julguei feliz !...

LXVII.

«— Ha uma idéa

Tão grande como o todo, a qual nascêra
 No seculo primeiro, e de lá parte,
 De aventureira, com incertos passos,
 Per entre o longo batalhão cerrado
 Dos sec'los, e caminha: irá illusa
 Ao derradeiro secl'o ; e então sobr'esse
 Voltará outra vez, desenganada
 Da brilhante chymera de seus mundos,
 Para se debruçar sobre esse seculo,
 Atomo vertical d'alta pyramide,
 Que os sec'los passados já formaram,
 Além de um horizonte incompre'nsível,
 Deitados a dormir somno de morte
 No abysmo incalculavel dos preteritos !
 É essa a idéa nulla a F'licidade !
 Desenganado assim do mundo, e della,
 Busquei este retiro, onde tranquillo
 Encontrei a suave paz da vida !

LXVIII.

«— Cumpri minha missão. Sinto acabar-se
 De meu cruel exilio o largo tempo.

Sinto que se me escôa a natureza ;
 E languido o meu corpo, e muribundo
 Vae breve, entre a poeira, dar banquete
 (Parco será) aos vermes do sepulchro.
 Deos visitou minha alma ; e o meu Anjo
 Me convida a seguil-o ao Reino—Eterno.
 Sinto um gelado frio confranger-me ;
 É o ar que sacode com as azas,
 Me revoando entorno o Anjo da Morte !
 Deslizou-se, e tardia, n'ampulheta
 Do Tempo a arêa da existencia minha ;
 Sobre a mêda, que quasi vae completa,
 Impende a derribar-se o bago extremo ! — »

LIX.

CORIMBABA.

« — Bom pae, inda outra vez eu virei ver-vos. » —

SOLITARIO.

« — Ide á caverna dos mysterios, ide.
 Na volta eu vos espero neste sitio ;
 E ainda uma vez tereis de vêr-me. — »

LXX.

CORIMBABA.

« — E qual caminho p'ra caverna leva ? — »

SOLITARIO.

« — Segui fronteiro ao mar ; onde elle as furias
 Quebra espumoso n'um rochedo antigo,
 Um declive vereis ; mais que arriscado

Se vae perder no mar. Descei (ha risco)
 Com cuidado. Ao chegar á flôr das ondas
 Ha de arbustos um bosque emmaranhado :
 Alli, cardos, e ortigas se entrelaçam
 Com o duro, espinhoso japê-canga. (11)
 A geito entrae á des-trilhada selva ;
 Após trabalhos penetrae no centro ;
 Apertada acharejs seguida senda,
 Que recorta a espinhoso, alto cerrado :
 *Ahi não cala o sol, não fere a lua,
 *Eterna noute neste sitio impera. (a)

LXXI.

« — Logo crespa garganta entre dous montes
 Arriscada em precipetes fragedos
 Trilhae : um pouco além tereis em frente
 Alto rochedo, que escavada terra
 Impendente do seio á prumo bólça :
 Chegae-lhe junto, e lhe fitae os olhos ;
 A' custo encontrareis, quasi apagado,
 Um circulo sobr'elle ; ahi tres vezes
 Sobre o circ'lo batei, formando os golpes
 Um triang'lo : uma voz tem de fallar-vos :
 Parando, os golpes repeti de novo,
 Ella falla outra vez, e fica muda :
 Batei terceira vez, a voz responde.
 Escala-se o rochedo, é franco o ingresso....
 Sois homem ? —

(a) Tenho uma entre lembrança de ter lido em
 algum estes dous versos, ou cousa mui parecida.

DE UM NOIVADO.

115

CORIMBABA.

« — Tenho animo... — »

SOLITARIO.

« — Avança

Pelo aberto rochedo. Adeos, mancebo. — »

CORIMBABA.

Deos vos salve, bom velho. Até a volta.

FIM DO CANTO 4.º



CANTO V.

Tudo desaparece neste instante
Ao assombro da nuvem, que diante
Da penha condensára o genio astuto.
Um chuveiro cerrado desde o bruto
Cumie da rocha se estendia, e nada
Mais, que a sombra na lobrega morada
Se deixa perceber por tudo quanto
Detivêra o heróe no estranho encanto.

C. M. DA COSTA.

Honra ás cinzas de dôr de injurias cheias,
Qu' inda fumando a morte, o roubo, o engano
Clamam vingança as tégidas aréas.

J. E. DA GAMA.

I.

Corimbaba, parando ante o rochedo,
A vista lhe afirmou. Mal-apagado
Sobr'elle o circ'lo viu, do qual dirieis
Ter por elle passado a fria esponja
Do tempo. Apenas longes se avistavam
Quasi extinctos vestígios. Olha em torno,
Roliço seixo vendo, ergue-o da terra,
E com elle soar fez, sobre o circulo
Pancadas tres em fórma de um triangulo.

II.

Como, que sobre um eixo se volvesse
O circ'lo se voltou sobre si mesmo.
Julgareis que ávida empolgava
Uma serpente a cauda, e que sedenta

De tragal-a, famelica a seguia,
Balda em desejos sem suste-r-lhe a fuga.

III.

Volver-se o circ'lo, cambiar de côres
Um tempo foi! Tão branco, como a neve,
Primeiro se mostrou : mudado logo
Se tingiu de um incerto aperolado ;
Depois de côr de rosas. Neste tempo
Medonha voz se ouviu, como de tumulos :
— Eia, mortal, estuda, e te conhece ! —

IV.

Corimbaba outra vez bateu tres golpes :
O circulo não pára, e perde as côres
Por outras de improviso restauradas :
Agora é côr de fogo, e fogo intenso,
Até que degenera em verde-pallido :
Outra vez faz-se ouvir a voz dos tumulos :
— O' mortal, te conhece, e te possui ! —

V.

Tres pancadas depois soaram logo.
Não pára o circ'lo, e de amarello é feito ;
Depois de um roixo-escuro ; e a voz repete :
— Mortal, possui-te, e indaga a consciencia ! —
Se ennegreceu o circ'lo, e após sumiu-se!...

VI.

Era tudo um silencio mortuario !
Sem o menor rumor volveu tardia,
Não sei si sobre quicios, mas pesada,

Serodia em seu abrir, porta de pedra.
 Além de seu tardo no amplo da furna
 Nada amostrou, que horrenda noute cega!
 Corimbaba tremeu; mas dito houvera
 Ao solitario, ha pouco, que tinha animo.

VII.

E elle vança de animoso á gruta;
 Para no meio dessa noute horrivel;
 Cerca com a vista o ambito teterrimo,
 Parece-lhe volvendo esbranquiçados,
 Ante os olhos, phantasmas fugitivos,
 Tão prestes no assomar, que no esvaer-se.
 Alguns lhe são tão perto, que elle estende,
 Sedenta de os tocar, dextra robusta,
 Mas era inutil, que tocava embalde!

VIII.

Alonga a vista pelo avante espaço...
 Lá no fundo da cova, e mais que longe,
 Arde, mal-percebida luz phosphorica,
 Que as vezes desaparece, e as vezes brilha;
 Lucivago dirieis, entre as sombras
 De espesso bosque, pyrilampo incerto.

IX.

Corimbaba enfiou direito ao lume;
 Andou, cançou caminho, e lhe foi força
 Resfolelor no meio. Cobra os animos,
 Trilha de novo em frente á luz de mortos.
 Assaz andou. Talvez que lá consigo
 Dicesse então: — O' Deos, como e possivel

Da terra no int'rior tão vasto espaço
Só de medonhas trevas povoado! —

X.

Mas perto então a luz se lhe afigura ;
Sente della o calor, é mais brilhante ;
No andar aperta de esperanças pleno.
Ao passo que do lume se approxima
Vae perdendo o calor, e o brillantismo,
E fica, qual primeiro era tão parco !

XI.

Chegou-se em fim, é fogo de mysterio !
Morrente, e sem calor a chamma triste
Arde nas auras, nem materia alenta-a,
Que combustivel seja. Elle afoutou-se
De no lume roçar dedo exp'riente ;
E toca... mas... oh pasmo ! oh maravilha !
O lume é frio de um montão de gelo ;
E ao segundo roçar treme, e se extingue !...

XII.

Mal a flamma expirou, trôa improviso,
Pelas duras abobadas de pedra
Trovão longo-ruidoso. Convulsiva
A terra vacillou. Após se ouviram,
Pela longa extensão d' ampla caverna,
Grasnar de corvos, e silvar de serpes,
Berrar de sapos, regougar rapousas,
Coachar de rãs, e o rugir das onças,
Guinchar de c'rujas, rebater de itanhas ! (1)

XIII.

Volta-se a parte deste horror ouvido,
 Nada alcança ; mas longe se lhe antolha
 Arder no ponto d'onde, ha pouco, é vindo,
 (Lá na porta da entrada) amortecida
 A luz mysteriosa. Receioso,
 Já de desconfiado, vem sobr'ella:
 Qual o primeiro foi prodigio ignoto,
 Agora repetiu-se ; a luz é gelo,
 E a leve toque se perdeu nos ares !

XIV.

O ribombo se ouviu, tremeu a terra ;
 Dos brutos outra vez o estrondo é hórrido !
 Foi então o seguir destes horrores
 Silencio sepulchral, sombras do tumulo !

XV.

No meio deste horror só elle estatua
 Nem, de per onde entrou, dá tino agora :
 Nem sabe onde caminhe. A fuga é nulla.
 Defender-se... de quem?... Ninguem o ataca !
 Que fará ? entregar-se á Deos sómente,
 E de prompto elle o fez : resou devoto
 O Credo muitas vezes. Em sua alma
 Só roda, e lhe contrista um pensamento
 De amor, e de saudade ; e é doloroso !
 E esse pensamento é sua vida,
 E o seu coração, seu universo !
 Sim, que o objecto delle é só Miry'ba !

XVI.

Em quanto assim da esposa se alebrava,
Com um meigo apertar sentiu descer-lhe
Dous braços, que o affagavam sobre os hombros
O collo lhe estreitando em terno abraço.
Sentiu na face lhe poisarem beijos,
E era a face sinistra. Ouviu suspiros,
E um doce respirar tão junto á bocca,
Que um oscilado ar sentiu quebrar-se,
Do anciado anhelito amoroso,
Por sobre os labios seus. Mas que mysterio !
Dous donos teem os braços, que lhe apertam !

XVII.

Elle ergue ambas as mãos, tactêa ás trevas,
Duas pessoas são, ambas o abraçam !
A que lhe occupa a esquerda, a que o beijava
Suave no tocar, ao tacto embebe
Encantado transporte de alegria !
A da dextra porêm áspera ao toque
Dava ao tacto arriptos de desgostos !
A suave creatura então fallava,
E fallava de amor, e de prazeres,
De riquezas, de gostos, e de encantos !

XVIII.

Tão doce é seu fallar, é tão mavioso,
Tão tocante, tão meigo, e apaixonado,
Que quem o escutasse um só momento,
N'um logar mais ameno, e mais propicio
A' ternura de amar, de enternecido,

De enamorado, derretido todo,
 Cahira nos seus braços insensível
 N'um desmaio de amor suave, e doce !

XIX.

É fallar de mulher ; e quem tal falla
 Ou é demonio, ou anjo disfarçado
 Em feminimas formas delicadas !

XX.

O ente da direita era em silencio
 Des que o outro ao colloquio deu começo.
 Marmóreo resistir á tantos mimos,
 No desprezar de affagos melindrosos,
 Mal á mancebo cabe ; e assim já quasi
 Seu brando coração vae de vencida
 Levado de rendido por encantos !
 Mas esse coração já não é delle ;
 Una o occupa, e outra lhe não cabe !
 O ente da direita neste ponto
 Murmurou surdamente um ai de penas !

XXI.

E á elle pareceu que ouvira a esposa
 Chorando, e lhe dizendo—E assim trahir-me?!—

XXII.

Enfurecido então, de generoso,
 Para longe de si sacode a dama,
 Que nas sombras se perde confundida !
 Mas indo a repellir, sentiu picar-lhe
 A' mão a ponta de ferrenho espinho ;

E da ferida a dôr mui penetrante
 Sentiu no coração ; e de sentida
 Sua alma estremeceu. Em seu ouvido
 Alguem verteu-lhe então este segredo :
 — Parte direito á luz. —

XXIII.

Olha, e avista

Uma luz ; nem tem ares da primeira :
 Maior, e mais brilhante, longe manda
 Ferir as sombras o clarão dos raios.
 Si é triste, é só porque unica ondulava
 Neste alcáçar de noute pavorosa.
 Tal é fronteira ao altar, brilhante, e triste
 A solitaria luz d'ardente alampada
 Pendente das abobadas do Templo !

XXIV.

Caminha, e chega a bella luz, que intensa,
 Não só as trevas da caverna espanca,
 Mas em torno o calor longe é sentido.

XXV.

Debaixo de seus pés soou tremenda
 Voz pavorosa, como voz nocturna,
 Em ermo cemiterio, em som funéreo,
 De irmão, que ao gemebundo echo tristonho
 De grave, e solitaria campainha :
 — Pelos mortos orae !... — diz tristemente... (2)
 E o echo assim a trouxe á seus ouvidos :

A VOZ.

«—Que procuras, mortal, entr'estas sombras?..

CORIMBABA.

« — Em meus futuros fados instruir-me... — »

XXVI.

A VOZ.

« — Quem não dispara o tiro sem primeiro
Sobre o alvo cuidar, dará a vida
A' pombinha innocente, e morte á cobra !...
.....

Sem querer, á innocente elle deu morte,
Mas sobr'ella o infeliz viveu bem pouco !...
O ciume é a cobra, o amor a pomba !...
.....

Elle a vida lhe dera, elle a matára..... — »

XXVII.

Um silencio ao depois reinou na gruta ;
Durou pouco ; e a voz de novo falla :

A VOZ.

« — Alli mesmo da pomba a mãe morrêra,
Junto do seu primeiro amante ninho !...
E aquelle mesmo, que deu vida á pomba
Junto ao ninho da mãe lhe deu a morte !... — »
E cala-se outra vez, e outra vez falla :

XXVIII.

A VOZ.

« — O mesmo ferro, que lhes dera vida
Entre essas proprias mãos lhes dera morte !
.....
Uma arv're secca de um só ramo murcho,

Com esse ramo, que á só mãe cobrira
Agora cobre o matador, e a pomba !...

.....

Ai de quem da serpente a voz escuta !...
Ai de quem não prender impetos d'ira
Nos sabios diques da feliz prudencia !... —»

XXIX.

Cala-se o Oraculo, um trovão estoura !
Rasga-se a terra, pela fenda surge
Pallida, descarnada mão defuncta,
E com mirrado dedo ao tecto aponta.
Corimbaba o olhou, e viu passando
Uma nuvem tão grande, como a furna ;
E passava, passava, era infinita !
Tornou então a voz de um tom pesado :
— E sou quem sou ! — Dice ella, e se fez muda !
Outra voz mais humana inda repete :
— Meditae, meditae — !... Qual, si ferido
De uma vertigem, Corimbaba cahe
Sentado em terra, e sobre os seus joelhos
A cabeça cahiu-lhe ; e adormecia :
Mas de terra um tremor quebrou-lhe o somno...

XXX.

Ergue a cabeça, e vê... céos !... que mysterio !...
Nem luz, nem mão, nem nuvem, nem caverna !
Assentado se vê sobre o rochedo,
Que o declive p'ra o mar leva arriscado !

XXXI.

Elle indaga, e vê bem que não se illude :

Confuso enfia o des-trilhado bosque ;
E vae caminbo, que dirige ao velho.

XXXII.

Corimbaba seguiu quantos vestigios,
Na vinda, elle atraz si deixou nos troncos,
Golpes, que guiam ao sahir dos bosques
Aos que percorrem embrenhados serros.
Eil-o em fim ante o velho anachoreta.

XXXIII.

SOLITARIO.

« — Mancebo, fostes pois ?

CORIMBABA.

Sim, fui, bom velho. — »

SOLITARIO.

« — E então ?

CORIMBABA.

« — Muito vi, mas tudo ignoro. — »

SOLITARIO.

« — O que vistes ! dizei, dizei, meu filho. — »

CORIMBABA.

« — Oh ! mysterios, bom pae, mysterios tudo!.. —

XXXIV.

Corimbaba contou de prompto ao velho
Quanto viu ; e que nada entender pôde.
Para junto de si o velho o chama.

XXXV.

SOLITARIO.

« — Ouvi : sobre o rochedo, que é o pórtico
 Dessa gruta terrível, ha um circulo ;
 Quando o tocastes sobre si volveu-se,
 E sem parar, tomou côres diversas ;
 Eis o emblema alli da vida nossa !
 É serpente que busca a propria cauda,
 (O homem procurando a f'licidade !)
 Que mal a toca, a empolgar não pôde !
 É um fim, que no seu prinçipio toca :
 É um perfeito circ'lo, e percorrel-o
 É do nada sahir, e entrar no nada !

XXXVI.

« — A branca côr é simbolo da infancia ;
 O aperolado emblema a puericia ;
 A rosea côr signal da adolescencia ;
 A intensa côr de fogo é juventude ;
 Mostra a virilidade o verde-pallido ;
 É a longevidade esse amarello ;
 O roxo ao pê do tumulo recorda
 A já decrepitude moribunda ;
 Logo o negro, é a morte... Após sumiu-se
 O circ'lo !... Esquecimento dos passados !...
 Eis o todo do home' em breve quadro !

XXXVII.

« — Ouvistes uma voz ; fallou tres vezes :
 — Estuda ; te conhece ; e te possui ;
 Entra na consciencia — Sim, meu filho .

Feliz o que se estuda, e se conhece !
 Feliz quem se possui ! É só dest'arte
 Que o homem entra em si, que em si medita,
 E que conhece o mundo, e que se julga !

XXXVIII.

«— Tarda em volver se abriu silenciosa
 Pesada porta : sim, entre o silencio
 Das paixões, vagorosa se abre a porta
 Da nossa consciencia ; e ahí descemos
 Para as meditações do nosso esp'rito,
 Para nos conhecer, para julgar-nos !

XXXIX.

«— Entrastes à caverna pavorosa,
 Só vistes trevas, e ignorastes tudo...
 Tentastes de entre as mãos colher phantasmas,
 Que entre as sombras fugentes se esvaessem !
 E que sabeis de vós ? O que da vida ?
 O que sabeis do tum'lo, e dos mysterios,
 Que por todo o universo se disarzem ?
 Um systema formaes, outro o annulla ;
 De systema em systema andaes errando !
 Vindes de trevas, e habitaes em trevas !
 Sahis das trevas, e tornaes á ellas !
 Si estudaes tantas cousas, que vos cercam,
 Debalde as estudaes no vosso exame,
 E ficaes entre as sombras de mysterios !...

XL.

«— Vistes pequena luz, e a luz buscastes :
 Era da flicidade **este** o emblema.

Cançastes de a buscar, e após seguistes :
 Quando maior desejo lhe mostrastes
 Ella augmentou de brilho, e junto della
 Minorou-se, e ardia sem materia :
 Tocaste-a, foi n'um gelo de sepulchro,
 E logo se extinguiu ! Então bramiram
 Na immensa lapa revoltados brutos :
 É alli o bramar das perigosas
 Paixões do peito humano. Outra vez arde
 Na parte opposta a luz ; inda seguistes,
 E debalde a buscastes. É dest'arte
 Que entre esse das paixões murmurio fero
 O homem vae, e vem ; anda, e desanda
 Sem jámais alcançar a f'licidade !

XLI.

« — No meio deste horror ficastes pedra,
 Nem soubestes de vós : assim o homem
 No meio das paixões de si nem sabe !

XLII.

« — Duas damas então correram prestes
 Para vos abraçar : uma fez timbre
 De agradar-vos por preço das baixezas ;
 Em quanto a outra respeitosa, e grave
 Só vos quiz agradar per meios nobres !
 Repellistes a vil, e ao repellil-a
 Um farpão vos feriu !... ella era o Vicio,
 E o farpão seus remorsos sempre certos !
 A outra era a Virtude : ella vos dice
 — Parte direito á luz. — e a luz brilhava,

Todo o amplo da gruta esclarecendo;
 É da sabedoria a luz prestante,
 Que bella ás nossas almas allumia,
 E que a Virtude sempre nos indica.

XLIII.

«— Ouvistes ao depois a voz prophetica !
 Pensae no que ella dice... sim, mancebo...
 Por que a vida tem casos bem pequenos,
 Que são imagens dos eventos grandes !
 E o mal com o bem tal se mistura,
 Que o homem distinguil-os não lhe é dado !

XLIV.

«— Ouvistes um trovão ; voz da Verdade !
 Rasgou-se a terra, e lhe partiu do fundo
 Pallida mão de morto, e ao tecto aponta :
 Assim do fundo d'alma, ó filho, parte
 Intima convicção d'alta verdade !

XLV.

«— Nuvem, que não tem fim no tecto volve.
 — Eu sou quem sou — ouvistes : eis o emblema
 D'aquelle, que só sabe, e que só póde !
 Ah sim ! — Eu sou quem sou ! — Só Deos é grande !

XLVI.

«— Essa mão descarnada significa
 Qu é só entre a miseria, entre as desgraças
 Que o homem mais medita, e que mais caras,
 Mais profundas, mais sabias, mais sublimes
 São as meditações ! Lá voz ouvistes

—Meditae.. meditae!.. — Tivestes somno...
 Assim quando é tranquilla, quando é pura,
 Em nós repousa a consciencia alegre!
 Depois tremor de terra... e nem mais gruta!...
 Ah! das Meditações a Gruta Sacra
 É em nossa alma consciencia nossa! — »

CORIMBABA.

« — E os tres vêzes tres golpes vibrados
 Sobre o circ'lo? — »

SOLITARIO.

Que em nós tres faculdades
 Primitivas, são ellas quem nos levam
 A bem nos estudar, e a conhecer-nos :
 E que uma vez não só, mas vezes muitas
 Nós a devemos pôr em movimento. — »

XLVII.

CORIMBABA.

« — Mas, bom pae, as palavras desse Oraculo? — »

SOLITARIO.

« — Não escuteis as fallas da serpente.
 O resto Deos o sabe, e o tempo amostra... — »

XLVIII.

Dice o velho, e deu costas ao mancebo :
 Pelo fundo do bosque desaparece.

XLIX.

Era já tarde. Os moços caçadores
 A pressa vovem pela selva em gritos

Corimbaba buscando de cuidadosos.
 Elle encostado sobre o forte tronco
 De um cabui (a) era então meditabundo !
 E bem que perto lhe volvessem gritos,
 'Stava em si proprio alli tão abysmado,
 Que só deu fê do mundo, quando grave
 Mão d'homem lhe desceu sobre um dos hombros !

L.

UM DOS CAÇADORES.

« — Que fazes ? — »

CORIMBABA.

« — Oh !... — »

OUTRO.

« — É tempo de partirmos... — »

OUTRO.

« — Aonde a caça ? — »

CORIMBABA.

« — A caça ?!... Ah !... sim... cahiu-me
 « — Aberto o polvarinho dentro d'agua,
 Molhou-se a polvora, mais caçar não poude... — »

LI.

Riram-se os companheiros d'aventura.

UM DELLES.

« — É tempo ; vamos. Nossa casa é longe... — »

(a) Uma arvore, cuja madeira é optima para construcções.

«— Vamos —» Diceram todos ; e partiram.
 Ligeiros sahem do bosque, ao mar chegaram :
 A canôa desceu de presto ás ondas ;
 Não sopra o vento, e de vogar é força.

LII.

Por sobre os picos do Tinguy (*a*) deitado
 Mandava apenas reflectir nas ondas
 Incertos raios de uma luz já frouxa
 O decadente sol sobre o horizonte.
 Desceu a noute, e os colheu nos mares,
 E sobre elles estão, crescida a noute.
 Eram já horas outo, inda remavam,
 Mas pouco longe de abicar-se a praia.

LIII.

Chegaram. Cada um leva caminho
 De sua habitação : não andam, correm ;
 Vão saudades matar, prender cuidados :
 Sahiram á matina, e são nove horas !

LIV.

Em quanto trilham a arenosa senda,
 Corimbaba lhes narra o succedido
 Com o velho, e caverna. Após se apartam.

LV.

Que faria Miry'ba, ausente o esposo ?
 De saudades chorou, cuidados teve ;
 Estudou ternas cousas p'ra dizer-lhe ;

(*a*) Serra do Tinguy, no municipio de Saquarema.

Guardou dos fructos o melhor, que achára ;
 Colheu flores no valle, as poz no seio !...
 Tão queridas alli, tão desveladas,
 Nesse logar de amores tão bem-quistas...
 Ah ! são p'ra o seu marido, são p'ra 'quelle,
 Por quem vive feliz vida amorosa,
 Que n'um ponto lhe encerra o mundo inteiro !

LVI.

Vem a noute, e lhe traz móres cuidados,
 D'involta com receios de quem ama !
 Cresce a noute, os cuidados se lhe apuram.
 Já se arrepende de o ter ir deixado.
 Talvez no coração dizendo esteja :
 « — Não ha-de ir outro dia ; eu não o deixo ;
 E, si acaso teimar, heide ir com elle. — »
 Não se assenta, não pára, não descança :
 Qualquer breve rumor crê que são passos ;
 Corre á porta, abre, e vê ; ninguém encontra.
 Des da entrada da noute até dez horas
 Passou a triste afflicta. Então soaram
 Tres pancadas na porta — » É elle, é elle !... — »
 Dice ; correu ; abriu. — Ah !.. — Solta um grito..
 E cahe nos braços de estrangeiro vindo,
 Que na porta bateu..

LVII.

Elle, tomada

A falla quasi por um grosso pranto,
 « — Minha filha !... — » dizer podia apenas !
 A mãe de Corimbaba, que chegava,
 As palavras lhe ouviu, pára com susto..

LVIII.

ESTRANGEIRO.

«— Vinde, boa mulher, o Céu vos guarde...
 Não vêdes? desmaiou!... Trazei soccorro....

LIX.

Pouco tempo depois voltou Miry'ba
 A si, e no estrangeiro os olhos crava :
 Elle terno a abraçava. Receiosa,
 Tremendo de pavor ella lhe falla :

LX.

MIRY'BA.

«— A alma de meu pae!.... —»

ESTRANGEIRO.

«— Não, minha filha ;
 Teu pae, mesmo teu pae, teu pae é vivo!...
 Miry'ba então beijando a mão paterna :
 «— Oh meu pae!... —» exclamava pranteando!

LXI.

A VELHA.

«— N'um naufragio se dice que ereis morto!... —

ESTRANGEIRO.

«— Ah ! tal naufragio houve, e alguns morreram!
 Os que escaparam nus, pobres, e miseros,
 Ficaram da miseria acabrunhados !
 Pois n'um momento as vagas enguliram
 O grosso fructo de mui largos annos !
 Voltei em fim da patria, pois ca tinha,

Na mulher, que deixei, minha ametade ;
 E na filha a minha alma toda inteira !
 E lá, no peito meu me palpitava
 O fiel coração de um bom marido,
 E o terno coração de um pae amante !

LXII.

« — Do Rio-de Janeiro á terra chego,
 Sei a noticia, que por lá vagára
 Da morte minha, e que por ella a esposa,
 Pobre, e triste buscára a patria terra !
 E ahi soube então desse naufragio,
 Que deu morte infeliz á esposa minha ! — »

LXIII.

Quem contaria as dolorosas lagrymas,
 Que Miry'ba soltava neste instante !
 Contou ao pae a historia do naufragio,
 Da mãe a morte ; e como generoso
 Corimbaba a salvára : o desamparo
 Em que na terra miseranda viu-se :
 Em fim seu casamento : e debulhada
 N'uma torrente de sentido pranto,
 Pela mão toma o pae, a um quarto o leva,
 (Por que aquelle logar era o mais proximo)
 Uma janella abrindo, foi por ella
 Que o sepulchro, e a cruz da mãe mostrára !

LXIV.

Tinha-se, neste ensejo, retirado
 A velha, e fazer vae cêa p'ra o hospede.

LXV.

Corimbaba já perto abrir-se vira
 A janella, e chegar a esposa, e um homem !...
 Quanto é maior o amor, mais se receia...
 O grande amor tão perto é do ciume
 Quanto, ociosidade, o estás do crime !
 Elle viu... e não crêu... mas de si proprio
 Estremeceu de susto !... Aperta o passo,
 Chega... encostada a porta é des-trancada...
 Ninguem vê, nem a mãe, suppõe que dormem...
 Passo ante passo para o quarto avança...

LXVI.

Miry'ba sobre um banco depozéra
 A luz, que na mão tinha, quando abriera
 A janella fatal, com o pae ao lado.
 Abraçada com o pae neste momento,
 Sobre o esposo fallava, e assim dizia :
 «— Eu em fim amarei sempre constante... —»

LXVII.

Ah ! Corimbaba ouviu-lhe essas palavras,
 Que em seu furor um crime lhe revelam !
 A consorte entre braços de estrangeiro !...
 A que não tem parentes nesta terra !...
 É seu antigo amante !... Oh raiva ! oh furias !
 Oh ! toda essa candura era ficticia !
 Era tanta innocencia em tudo apócrypa !
 Era artimanha, o vicio da Cidade !...
 É seu amante !... Oh dôr ! E elle ouviu-lhe
 Prometter um amor sempre constante !...

LXVIII.

Leva a faca mortifera do cinto,
 Cego, desesperado, e vingativo
 Entra, e crava no peito delicado...
 No peito, que é só seu, a ponta aguda ;
 E deu morte á quem deu outr' hora vida !...
 Ella lança de dôr um grito, e cabe ;
 E cahindo, do pae os pés abraça !...

LXIX.

Corimbaba a brandir o agudo ferro,
 Novo golpe aprestando ao pae investe ;
 Mas este, o corpo atraz fugindo ao golpe,
 Levou da espada em mão de cavalleiro...
 Vae-se entr'elles brigar briga de morte !...

LXX.

Eram em frente já, já sequiosos
 De no sangue contrario afogar furias,
 Quando os rancores lhes frustrou tal grito :
 « —Perdoae-lhe, meu pae, é meu marido...—»
 Foi Miry'ba !... E se ouviu ao mesmo tempo
 Com horroroso accento resoando
 Nos labios de um, e d'outro, enfurecidos :
 «—Seu marido!. «—Seu pae!. —» Foi simultaneo
 O das mãos lhes cahir a morte, e as armas !...

LXXI.

Correndo a velha mãe, chega... e estaca !...
 Olha o caso, e lhe falla o estrangeiro :
 « — Vêde qual paga vosso filho ha dado
 A quem muito o amou, mui ternamente !...

LXXII.

A mãe fita-lhe os olhos implacaveis :
 « — Maldição... maldição, barbaro filho !...
 Assim acabes... — » Mais dizer não poude
 Que um grito piedoso de Miry'ba
 Assim lhe fere o intimo do peito :
 « — Minha mãe, que fazeis ?!.. Perdão p'ra elle! »
 Corimbaba tambem cahido havia
 Já sem accordo, no soltar de um grito !...

LXXIII.

O consternado pae, a mãe magoada,
 O moribundo corpo de Miry'ba
 Depoem chorando na visinha cama.
 Corimbaba tornado á 'si encara
 A triste, que elle mata, e que elle perde !
 Não ha nos olhos seus nem uma lagryma !
 De estoico o sentimento era em sua alma !
 Então memora do Orac'lo as vozes,
 A serpente, e a pomba, e o menino ;
 E o ferro, que é de vida, e que é de morte !...

LXXIV.

« Quem não dispara o tiro sem primeiro
 « Sobre o alvo cuidar, dará a vida
 « A' pombinha innocente, e morte á cobra !...
 « Sem querer, á innocente elle deu morte,
 « Mas sobre ella o infeliz viveu bem pouco !...
 « O ciume é a cobra, o amor a pomba !...
 « Elle a vida lhe déra, elle a tirára !... »

LXXV.

Elle agora compr'ende essas palavras...
 Essa cobra fatal era o ciume,
 E a pombinha innocente era Miry'ba !...

LXXVI.

« Alli mesmo da pomba a mãe morrêra,
 « Junto de seu primeiro, amante ninho !
 « E aquelle mesmo, que deu vida á pomba
 « Junto ao ninho da mãe lhe deu a morte !... »

LXXVII.

E de feito, d'alli perto morrêra
 A mãe de sua esposa. Sim, foi elle
 Que a essa terna esposa déra a vida,
 No horror da tempestade : é elle proprio,
 Que junto á terra, aonde a mãe nascêra
 Morte agora lhe dá tão despiedada !

LXXVIII.

« O mesmo ferro, que lhes déra vida,
 « Entre essas proprias mãos lhes déra morte !... »
 Esse ferro elle tem, foi esse ferro,
 Que no horror do naufragio lhe servira
 Para salvar-se a si, salvar Miry'ba !
 É esse ferro com que deu-lhe a morte !...

LXXIX.

Nem mais do Orac'lo a voz recordar tenta :
 Só os sons, que por fim elle escutára
 Agora dão-lhe abalo aos seios d'alma :
 « Ai de quem da serpente a voz escuta !... »

« Ai de quem não prender impetos d'ira
 « Nos sabios diques da feliz prudencia !... »
 E — Ai de Corimbaba ! — ajuntou elle ! —

LXXX.

Fita os olhos na esposa miseranda,
 E n'alma angustiada lhe vislumbra
 De esperança fallaz lampejo incerto !
 O' tu, Virtude, ão christão theologo,
 Vida do coração, sustento d'alma,
 Querido enlevo de saudoso amante,
 Suave refrigerio de infelices,
 Astro primeiro de um raiar fulgente,
 Que o home' encara com fitar amigo,
 No céo encantador da adolescencia,
 Co'a mente plena de illusões angelicas,
 Se antolhando effectivos no futuro
 Mil romanticos sonhos, que tão doces
 Em gostosa effusão, sonhados foram
 Pela mui deleitada phantasia !

LXXXI.

Tu, da rigida Fé mimosa filha,
 Da pura Caridade, ó mãe fecunda !
 O' Esperança, emprego de infelices,
 Tu em nossos primeiros bellos dias
 Nasces no coração, comnosco partes
 Quasi sempre enganada entre falsias ;
 E apenas sobre o leito do sepulchro
 Vae morrer teu suspiro derradeiro !
 Alma Esperança, doce engano d'alma,

Si tu não foras que seria aquelle,
 Que nunca achou no Fado um só sorriso !
 Tu pois por um momento lampejaste
 Nos olhos do inditoso Corimbaba !

LXXXII.

Recolhido em si proprio após medita.
 Despeitoso sorriso então soltando,
 Ironia de interno sentimento,
 Sorrir de triste, dolorosa idéa,
 Enxugando uma lagryma, exclamava :
 « — Não, terrivel Orac'lo, não mentiste !... — »

LXXXIII.

Dizendo, caminhou p'ra junto ao sogro,
 Que á filha sobre o leito pranteava...
 Ao chegar-lhe, tomou-lhe a mão, beijou-lh'a.

LXXXIV.

CORIMBABA.

« — Senhor, eu sei assaz qual é meu feito !...
 E bem compr'endo a enormidade sua !...
 Para o castigo meu, vingança vossa
 Não ha supplicios, si os não ha eternos !
 É tão grande o meu crime, que nem ousou
 Recorrer ao Senhor neste momento !... »

LXXXV.

« — Por que suaves gozos, por que angustias
 Nestes tres dias só... nestes tres dias...
 Meu triste coração não tem passado !...
 Si vós podesseis ver, neste momento,

O que se passa dentro de minha alma,
 Morrerieis de horror no mesmo instante !...
 Sou o mais infeliz dos homens todos !...
 Mas inda fôra mais, fôra mais impio
 Meu barbaro supplicio, si a existencia
 Inviolavel lei hoje me fosse !

LXXXVI.

«— Senhor, a dôr do crime, a dôr da esposâ,
 Me darão cruel morte... Eu vos conjuro,
 Que este monte de pó descance eterno
 Aonde o corpo de Miry'ba jaza !... —»

LXXXVII.

Depois chegando ao leito da consorte :

CORIMBABA.

«— Eis aqui teu algoz...

MIRY'BA.

Ah ! Corimbaba !...

Meu algoz !... isso nunca... o meu marido !...
 O que amei, o que amo ; e, si na gloria
 Os amores do mundo não se perdem,
 Eu p'ra sempre amarei !... O' Corimbaba...
 Eu morro... inda morrendo sou ditosa,
 Por que morro te amando, e morro amada !...

LXXXVIII.

«— O' meu amigo, Deos me está chamando...
 Fica na terra tu, e em quanto vivas
 Olha p'ra nossos paes, esses, que temos !...:
 Eu te rogo que a minha sepultura

(Vendo que elle chorava). Não, não chores...
Deos hade perdoar-te... — »

LXXXIX.

(Aqui, mui perto
Della adejava já o Anjo da morte...)
«— Deos hade perdoar-te... e algum dia
Nos céos nos uniremos... Ah!... já sinto
Uma fraqueza... Deos... será da morte...
Boa mãe... terno pae... adeos... eu morro...
Adeos... adeos... Corim... — »

LXL.

Esse querido

Nome tão doce, neste instante acerbo
Dividiram por si a Morte, e a Vida!
Em seus labios já frios se encontraram
Estas duas irmãs; e no momento,
Em que de despedida o osc'lo deram,
Metade desse nome foi da Vida,
Metade desse nome foi da Morte!...

LXLI.

Corimbaba sahiu... Nem ais, nem pranto!...
Poupae á mim, poupae-vos, por piedade,
Narrar de um pae tão terno a dôr, e as queixas!...
Narrar da velha o doloroso pranto!...

LXLII.

Pouco tempo depois se ouviu um tombo...
Cahir de morte foi d'um corpo de homem!
Arripia-se a mãe, o pae se assusta...
19

Gritam os fam'los — Acudi depressa... —
 Correram todos... Corimbaba é morto !...
 Tem cravado no peito, involto em sangue,
 O mesmo ferro, que deu morte á esposa !...

LXLIII.

Levam os fam'los o troncado corpo,
 E ao lado de Miry'ba o poem no leito.
 Era então meia-noute, e se findava,
 Depois das nupcias, o segundo dia !...
 Antes d'hontem, talvez, nesta hora mesma,
 Esse leito de amor foi tão ditoso !...
 Hoje é leito de dôr, de pranto, e morte !...

LXLIV.

Poupae á mim, poupae-vos, por piedade,
 Narrar de um pae tão terno a dôr, e as queixas !.
 Narrar da mãe o doloroso pranto !...
 Figurae ver Jacob tendo ante os olhos
 Tinta de sangue de José a tunica !
 Figurae vendo Resfa pranteando (3)
 Sobre os murchos cadav' res de seus filhos...
 Á vós, que não sois paes, estas imagens !...
 E aprendei a sentir á vista dellas !...
 E á vós, que sois paes... nada ; si tendes
 Um coração de pae... isto vos sobra !...

LXLV.

De Miry'ba a vontade foi completa,
 E a foi de Corimbaba. Ambos descançam

Na mesma terra em que descança aquella,
Que foi mãe de Miry'ba !... E tudo é feito !...

LXLVI.

— Uma arv're secca, de um só ramo murcho, —
Com esse ramo, que a só mãe cobria —
Cobre agora a Miry'ba, e a Corimbaba !...

LXLVII.

Sob um braço da cruz a mãe descança ;
E os consortes dous, tão desgraçados
Defronte jazem sob o braço opposto.
Fama foi que ao depois dextra piedosa
Lhes lavrou sobre a cruz este epitaphio :
— Neste logar, de pó descança um monte !
— Metade deste pó foi Corimbaba,
— Metade deste pó já foi Miry'ba !
— O' Viandante, pára ; ora por elles...
— E aos infortunios seus deixa uma lagryma !.. —

LXLVIII.

Si á velha tradição mentir não cabe,
Dito foi, que ao depois deste successo,
Gemia pela selva de continuo,
Alta noute, um spectro esbranquiçado,
— P'ra onde irei ? — dizendo. Alguem mais conta,
Ser vista algumas vezes, (bem que raras)
Lhe seguindo, adejar branca pombinha.

LXLXI.

Alma descrida, fugitiva á Igreja,
Desbotada da Fê, perdida quasi ;

Dizem, que dura respondêra á sombra :
 « Vae-te aos Infernos ! » Com profunda magoa
 O spectro gemeu : e a branca pomba
 Esvoaçara pelo horror tomada !...
 Então voz maviosa o impio ouvira :
 (Talvez do Anjo-Guarda, o qual velasse
 Sobre áquella alma, que cumpria um fado)
 « — Inda não, inda não... é cedo ainda...
 Appello desse aresto despiedado
 Para uma alma melhor, christão mais puro !—»
 Foi o peregrinar do spectro avante !

C.

Quem co' o impio fallou dicêra delle,
 Que se tornou seu rosto cadaverico,
 Medonho, e com só ar de um condemnado ;
 Ou de quem desertou das mãos da Morte, (4)
 Ou assistiu banquete de finados !... (5)

CI.

Ninguém mais passar quiz nesta floresta ;
 Até que um caçador perdendo o trilho,
 Meia-noute, surgiu da cruz bem perto :
 Ouviu do spectro a voz, e arripou-se ;
 Mas fazendo um esforço assim lhe volve :
 —Vae-te p'ra o céo, irmão!—Se ouviu no bosque
 Um, como respirar d'altos prazeres !
 Mas não findou a sombra o seu fadario ;
 Como, que de tres vivos a sentença
 Essa alma penitente aguardar deve.

CII.

Annos longos volvéra alli o spectro,

Tal era o medo, que inspirára o sitio !
Até que bem-fazeja tempestade
Arrojou sobre a praia um navegante,
Que insciente entranhou-se pelo bosque :
Ouve o spectro gemer, ouve a pergunta,
—Vae-te p'ra o Céu, irmão !—Responde o pio !..

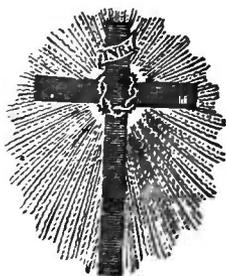
CIII.

Como de Constantino a Cruz l'ilhante,
Tal a Cruz, que dos tres mostra os sepulchros,
De uma chamma do céu foi abrasada,
Cujos raios em torno tremularam ;
Repentino clarão brilhou na selva ;
Suave briza susurrou nas folhas :
E, per entre a celeste claridade,
Adejou para o céu branca pombinha.

CIV.

Nunca mais esse spectro, nem gemidos ;
Nem a pomba se viu. A fama dice
Que alma de Corimbaba era o spectro,
E a mimosa pombinha a de Miry'ba !

FIM.



NOTAS.

NOTAS.

CANTO I.

- (1) Assás o sabe a Historia, e nem disputa
Aos padres de Jesus a palma egregia.

Qualquer pessoa, que tenha lido a Historia do Brasil verá que não fallo dos primeiros actos do Culto Catholico-Romano praticados na terra de Santa-Cruz; pois sabe-se, que no primeiro porto em que desembarcára Cabral, fazendo erigir alli um altar, celebrou nelle, o Santo Sacrificio da Missa, Frei Henrique, natural de Coimbra; onde notou-se a attenção com que os selvagens assistiam a um acto de uma Religião, tão estranha, como os seus hospedes: mas fallo dos importantes serviços prestados à Religião, à humanidade, e ao rei, pelos Jesuitas, na catechização dos selvagens, convidados pelo illustrado governador Thomé de Sousa.

- (2) Crespa d'hirtos certões ingreme serra.

Esta serra, toda cercada de mar, está separada da Ilhoa de terra chamada—Cabo-Frio—per um estreito de cem palmos, pouco mais, ou menos, a que dão o nome de —Boqueirão-do Sul— A serra é bastante alta, ingreme, e terminada por um recortado, que apresenta sette pontas. Hoje está collocado em uma dellas o pharol de Cabo-Frio.

- (3) Tomba, borbulhonando, sobre as grutas
De copiosa chuva a grossa enchente.

Ha longos annos reinavam alli as tempestades; e poucas vezes se via os cumes da serra limpos de nuvem.

(4) Extremo portentoso até ás nuvens.

Porque a serra é o extremo do Cabo.

(5) Dirieis qu'acanhado em seus dominios.

A ficção é, que a terra se julgando acanhada em seus limites, avançou pelo mar dentro.

(6) Quando perdido um grão recuado tinha.

Depois de o mar recuar um grão, parou, e per seu turno tambem avançou contra a terra.

(7) De cem palmos um golpe lhe rompendo,
Que elle soube occupar com as vagas suas.

Allusão ao dito Boqueirão-do Sul. Vede nota (2)

(8) Entre montanhas duas duas vezes.

Por que no meio deste ultimo estreito, chamado da Ponta-Grossa, ha uma pequena ilha que divide-o em dous. Toda esta ficção se reduz á isto : O mar entrando pela terra dentro, como por vingar-se de a terra o invadir por desoito legoas ; tendo feito entre montes a estreita barra da cidade de Cabo-Frio, formou um estreito do sul ao norte, de 100 palmos pouco mais ou menos, de largura, e de 60 a 80 braças de comprimento, no fim das quaes, como impedido por montanhas, voltou para as partes d'occidente conservando quasi sempre a mesma largura, e depois d'outro tanto, embaraçado por uma montanha, voltou outra vez ao norte; e da mesma largura, fez outro igual estreito, e então espralou-se em uma bahia de meia legoa de largura, pouco mais ou menos: depois, caminhando sempre ao occidente, e ao longo do mar, formou um estreito, que não tem de comprido nem um quarto de milha : segue-se una bahia de uma legoa de diametro, pouco mais ou menos; e logo o pequeno estreito da Ponta-Grossa, adiante a larga bahia de Araruama, a quem outros chamam — lagoa, — a qual termina no logar chamado Tiririca, distante da barra nove legoas.

(9) Ata península, qu' ao oriente avança.

Entre o oceano, e o mar, que entra pela terra firme, ha uma tira de terreno arenoso, que cercado de mar por todos os lados, excepto pela parte occidental, fórma uma península que começando da largura de 60, á 80 braças, da parte oriental, vae successivamente augmentando até duas, ou tres legoas de largura, depois estreitando-se até ficar em isthmo de 20 a 30 braças de largo, quando muito: diz-se geralmente, que quando o oceano tempestuosamente se quebra na praia, nesse logar, as ondas fazendo voar alguns bagos d'agua por sobre este isthmo, os lançam na bahia do mar interno, ao que alludem os versos :

..... é tão estreita,
Que as procellosas ondas d'oceano
Vingando-a... etc.

Esta pequeniua península terá, des da ponta oriental, onde está a mui pequena cidade de Cabo-Frio, até este diminuto isthmo, quatro a cinco legoas, ou mais.

(10) Appellidaram — Frio — antigos nautas.

O Cabo-Frio, na provincia do Rio de Janeiro.

(11) Para 'hi de Loyola os sabios filhos
O submisso rebanho transplantaram.

Ha no municipio de Cabo-Frio, entre o rio de S. João, e o Macahé um logar chamado — Aldeia-Velha — ; uma tradição verbal diz que ahi fôra n'outro tempo uma taba, ou aldeia de Guaranis, a qual fora mudada pelos Jesuitas para onde hoje se acha a aldeia de S. Pedro. Como poeta servi-me da tradição; mas como annotador de factos historicos não afflanço, por isso que os auctores, que consultei, á respeito nada dizem.

(12) Dos priscos Aymorés desfecha a serra.

A mesma tradição diz que a tal Aldeia-Velha ficava na encosta, ou fralda occidental de uma serra, que vio morrer na villa de Macahé, e que parece um ramo da Serra dos Orgãos, ou dos Aymorés.

(13) Vem na Cidade eterna achar glorioso.

A Cidade de Roma.— Alguns criticos, e mesmo alguns padres creem que Cephas não é o mesmo S. Pedro, que antes foi chamado Simão, a quem o Senhor dice—Tu es Petrus etc., mas esta lição tem sido assaz recebida.

(14) beberam pelos craneos.

E' sabido o que os selvagens fazlam dos seus prisioneiros. Entre os Tupis, e outras nações, o prisioneiro, que devla ser mais tarde sacrificado, gozava até o dia do sacrificio de todos os prazeres da vida, a qual lh'a tiravam ao depois entre horriveis soffrimentos; mas antes não se poupavam a liberalisar aos prisioneiros toda sorte de prazeres, até mesmo lhe dando uma mulher d'entre as donzellas mais distinctas em belleza. Esta escravidão tão cheia de prazeres, e que um dia seria terminada tão tragica, e horriavelmente, durava mezes, e dizem que as vezes annos: por que como o sacrificador era ao depois sobremodo honrado, alguns guerreiros reservavam esta honra à seus filhos. Vede, a respeito deste captivo, e sobre o beberem nos craneos de seus inimigos, a Atala de Mr. Chateaubriand. Ha historiadores, que querem que os Tapuyas não immolassem seus prisioneiros, o que parece pouco provavel. Todavia os Caboculos, parece que eram menos cruels nestas ceremonias, por que, como consta, não mutilavam, nem insultavam os seus prisioneiros, na acção do sacrificio, o que só praticavam para com os Pagés inimigos.

(15) Que estende por tapiz nevada arêa.

Toda esta pequena peninsula é coberta d'arêa.

(16) De Lerma o duque, etc.

Ministro d'aquelle rei, em cujo nome governava, como queria.

(17) Dest'arte a Menelaia começando.

O documento abalxo, que por intermedio do Hlm. e Revm. Sr. Conejo Januario da Cunha Barbosa, insigne litterato nosso, hoje bibliothecario, alcancei da bibliotheca publica, é sem duvida a melhor nota à esta passagem.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1615, aos 13 do mez de novembro da dita era neste logar chamado a casa da pedra, 20 leguas do Rio de Janeiro, junto à Cabo-Frio, tendo o capitão governador Constantino Menelau botado desta casa cinco nãos Inglezas com muita gente, e artilheria, e queimado casas de faxinas e a fortaleza, que com ella tinham feito já em terra para a guarda da carga de pão brasil, que começavam a carregar, que tudo tinha avisado ao governador geral da Bahla Gaspar de Sousa por uma carta que teve de S. M. em a qual o avisava das ditas cinco nãos inglezas, e da fortaleza que deterravam fazer na dita costa, pelo que lhe ordenou que fuesse esta povoação, fortaleza com artilheria, e soldados pagos à conta da fazenda real, e assim mais tratasse de conquistar por paz, ou por guerra o gentio Goytacazes, que estavam entre a Capitania do Espirito Sauto, e a do Rio de Janeiro, que se não tinham sido dornados com grande prejuizo das embarcações que nesta costa faziam naufragio tratando com estrangeiros em prejuizo da real fazenda do pão Brasil, sendo os ditos Indios vassallos de S. M. e da sua repartição. O que visto logo elle capitão e governador Constantino de Menelau com alguns portuguezes, e moradores do Rio de Janeiro que voluntariamente o quizeram acompanhar, e 100 indios da aldeia de Sepitiba se veio à dita costa indo elle pessoalmente por mar com muito risco da sua pessoa, e visto todos os sitios daquella costa, escolheu por melhor fazer uma fortaleza no logar da casa da pedra, que já dissemos, que estava 20 leguas do Rio de Janeiro para a parte de leste chamado assim este logar por terem antigamente os francezes feito neste logar uma casa de pedra de grande fabrica para o commercio de pão brasil, que os inglezes lhe davam, a qual casa elle capitão, e governador Constantino de Menelau logo mandou derrubar por voto de todos, que o acompanhavam, e escolheu para melhor, e mais conveniente logar aquella costa, assim por ter uma barra muito formosa, que pôde entrar nella navios de 200 toneladas, como por ser muito defensivel na boca da dita barra, e não haver na dita costa outra barra aonde os nossos navios se possam recolher para escapar a muitos corsarios que ao chelro de pão brasil, e navios do Rio da Prata nella acodem por entrar pela dita barra o mar quasi 12 leguas pela terra dentro, e de uma, e outra banda haverem excellentes terras para mantimentos.

cannaviaes, e gado em proveito de S. M., que fóra os dizimos, que della se podem tirar, ficará a sua fazenda accrescentada principalmente sendo todos aquelles matos de uma, e outra banda cheios de páo brasil, e não haver junto outra barra, onde se possa carregar com segurança de mar, e inimigos, senão este dito logar da casa da pedra, em que a dita fortaleza com 7 peças de bronze ficou posta, chamando-lhe fortaleza de Santo Ignacio. E visto o donatario destas terras o Conde Vimioso não tratar dellas tomou logo posse por El-Rei D. Philippe III. que então governava Portugal, e fez o dito governador nas ditas terras esta povoação, e lhe poz o nome de Santa Helena, e ponte de Erccitiba, que serão 12 leguas pouco mais ou menos, e pela parte do norte até os Goytacazes, que o dito governador conquistou, indo até o rio dos Bagres, que está adiante da ilha de Santa Anna, e para a parte do sertão, que tem esta povoação tudo aquillo aonde chegar a repartição da costa de Portugal, e tambem ordenou o dito governador assentar uma aldeia de Indios na parte dos buzios duas leguas da dita fortaleza para a parte do Nordeste para maior segurança das ditas terras, e costa. E para a todo tempo constar fiz este auto, etc.

Consta o exposto igualmente de um velho livro do Archivo de Cabo-Frio, e de uma carta escripta a El-Rei de 30 de abril de 1712, que diz assim «Desta Capitania pela Real Coroa de V. M. não só judicial com dons tabelliães do Rio de Janeiro, mas tambem militarmente a som de caixas por ter restaurado em guerra Constantino de Menelau; deste caso deu logo parte ao procurador geral do Estado da Bahía, o qual logo proveo pela Real Coroa de V. M. a Estevão Gomes por Capitão mór com os poderes em cumprimento do regimento de V. M.; em virtude das quaes ordens logo se lhe fez um reducto pondo-lhe artilheria, vindo do Rio de Janeiro tudo á custa da real fazenda, e tambem por ordens dos Srs. Reis antigos, como já se disse, se conduziram de muitas aldeias indios para esta Capitania, etc.

(18) Sobre este arneiro então á pesca idóneo.

Allusão aos muitos pescados de toda Bahía d'Araruama.

(19) ...Capro travêso, audaz de aventureiro.

Co' cabrito saltão, que pendurado
Treme no agudo serro aventureiro.

FILINT. ELYS. 6D. TOM. 5.º

(20) o etê mais bello

O cará etê, ou formoso.

(21) Com mago estudo, com diversas côres.

No seio destas placidas campinas,
Que bordou Flora com mimoso estudo.

FILINT. ELYS. 1D. 1D.

(22) Ao moço, que das praias da Phinicia etc.

Allusão a Cadmo, que dizem fora inventor da escripta, ou
ao menos que ampliára as letras.

(23) Sobre a média bahia estende os olhos.

Isto é, sobre a bahia que fica no meio, por isso que são
tres.

(24) Canôas quatro em par, que varejavam.

Como em muitas partes destas duas primeiras bahias,
e estreitos ha muitos baixos, as pessoas que por ahí navegam
usam de umas compridas varas, que carregadas sobre o
fundo do mar impellem as canôas para ao diante, e chamam
isto *varejar*.

(25) Por Helena, ou Campaspe a tomariam.

Todos sabem as desgraças de Priamo, e de sua familia, e
de Troia, por causa de Helena, mulher de Menelau,

que se dizia ser a mais formosa dama d'aquelle tempo, a qual foi roubada por Páris, do Peloponeso, e levada á Trola; e igualmente que o celebre Apelles ao retratar a Campaspe, predilecta de Alexandre, se viu tão enamorado della, que o heroe do Hydaspe o conhecendo lh'a deu.

(26) Um Calender, Derviche... ..

Certos phanaticos, mendicantes religiosos da setta musulmana.

(27) Charlatão impostor d'annosa Meca.

Mahomet, que nasceu em Meca em novembro de 570, jactava-se de descendente de Ismael, filho de Abraham, e por consequente de Agar, mãe de Isnael. Entre muitas cousas promettia aos seus seguidores, no seu paraiso, o gozo de umas moçoilas, cujo semblante nunca passaria, ao parecer, da idade de 15 annos. Ora, fallemos serio, a ser verdade, valia a pena de ser-se musulmano.

(28) Bardo Sycambro.

Mr. Chateaubriand: allusão á sua Alata.

(29) Pagé inimigo.

Os Pagés eram uns certos Sacerdotes, cujo poder, excepto no governo, era extraordinario. Antes porém de receberem o poder sacerdotal, passavam pelas mais horriveis provas; e a tal abstinencia eram subjeitos, que alguns se viam privados pela morte, da dignidade, que aspiravam. Cre-se que entre os Pagés havia uma convenção, e todo o fito era o illudir os povos; como quer que fosse, o seu segredo foi sempre religiosamente guardado. Para dizer tudo de uma vez, era tal a preponderancia dos Pagés que os miseraveis que eram victimas do seu odio, julgavam não poder escapar-se a morte, e aterrados pelos pavorosos anatheas dos Pagés, abandonados á desesperação, realisavam com a propria morte as maldições dos Pagés. D'isto se pôde colligir qual a sua influencia sobre o povo.

CANTO II.

(1) Formosa andu-oçú.....

Andu-oçu, ou anduassu, como vem na Corographia — Brasília — arvore alta, que antigamente a gente do campo usava plantar nos terreiros, para gozar-se de sua bella sombra.

(2) Quarenta dias, dura penitencia.

Allusão ás antigas predicas em algumas aldeas, na qua-resma, em consequencia das quaes alguns indigenas se maceravam penitenciando-se.

(3) Camarotes, fogão, lenha, e calabres.

As pequenas embarcações de cabotagem costumam trazer sobre o convez dous camarotes, ou beliches, a ré, um de bom-bordo, e outro d'este-bordo, atados de encontro ás amuradas, ou bordas: quando naufragam estas pequenas embarcações sobre a Costa, junto della, o mar, entrando pela poppa impetuosamente a sahir pela proa, fazendo estalar os cabos, que prendem os ditos beliches, os leva, com o fogão, que do mesmo modo é sobre o convez, a lenha, e outras cousas.

(4) — á praia, á praia... —

Estas pequenas embarcações não podendo, muitas vezes, resistir as tempestades do vento sul, navegam sobre a Costa, onde a tripolação busca salvar-se.

(5) Junto da salvação morte de naufrago.

Quasi sempre os naufragos, dos navios perdidos sobre esta praia, encontram a morte nella; por que as ondas jogando-os sobre a prala, e tornando-os a levar, acontece á mór parte d'elles o se afogarem sobre a praia.

(6) Faca de aguda ponta, e assaz comprida.

Em consequencia do que fica dito em a nota acima, alguns destes naufragos lançam-se ao mar com uma faca atravessada na bocca: logo que alcançam terra, tiram a faca, e cravando-a n'aréa, seguram-se ao seu cabo, até que a onda, que os trouxe, os deixe em salvo, depois do que correm para os combros.

(7) Alta noite nas portas dos visinhos.

Ainda hoje costume é nos logares onde não ha casas de expostos lançarem crianças nas portas dos visinhos; é ao que Míry'ba allude.

CANTO III.

(1) Quantos ramos lá 'stão são da piedade.

Uso é dos passageiros lnda hoje, ao menos alguns, lançarem uma pedra, ou ramo, junto ao pé de cruz á beira de estrada, em veneração á pessoa que alli foi sepultada.

(2) Nas festas dos visinhos, etc.

« Heureux ceux qui n'ont point vu la fumée de fetes de
« l'étranger, et qui ne se sont assis qu'aux festins de leurs
« pere!

« Si le geai bleu du Meschacébé disoit à la nompareille de
« Florides: Pourquoi vous plaignez-vous si tristement?
« n'avez-vous pas ici de belle eaux et de beaux ombrage, et
« toute sortes de patures come dans vos forets?—Où,
« repondroit la nompareille fugitive; mais mon nid est
« dans le jasmin: qui me l'apportera? Et le soleil de ma
« savane, l'avez-vous?»

« Hereux ceux qui etc.

E' na bocca da desditosa Atala, que o celebre Mr. de Chateaubriand colloca este triste, e melancholico canto, cuja primeira estancia, e que serve de estribilho ás outras lmitel.

(3) De leite o rosto seu se fez de sangue.

Este verso, que sahio na MINERVA FLUMINENSE, em alguns fragmentos allí publicados, deste modo—*E o rosto de jasmins se fez de rosas*—foi por mim desprezado pelo que se vê acima.

(4) Esses de Cuyaté sertões vastissimos.

A historia nos relata que no anno de 1693 Antonio Rodrigues, nascido em Tauhaté, levando em sua companhia cincoenta homens, depois de ter atravessado os sertões do Cuyaté em busca de ouro, surgiu na capitania do Espirito Santo com tres oitavas de ouro pouco mais ou menos.

(5) E Fernando de Sá

O primeiro donatario da capitania do Espirito Santo Vasco Fernandes Coutinho, estabeleceu-se nella em 1534, e entre as mais pessoas que levou em sua companhia, foram: D. Jorge de Menezes, D. Simão de Castello-Branco, fidalgos que vinham degradados. Depois de estabelecer-se, desejoso do florecimento de sua capitania voltou a côrte deixando em seu logar a D. Jorge de Menezes, que morreu em um combate com os naturaes do paiz; Castello-Branco que lhe succedeu, teve a mesma sorte; por que tendo-se confederado os Goytacazes com os Tupiniquins, levaram á nascente colonia o terror, a devastação e a morte, destruindo tudo a ferro, e fogo. Os que escaparam aos confederados, cheios de pavor, e de medo, se refuglaram nas margens do rio Cricaré.

Voltado Coutinho do reino, e achando a capitania deserta, a vista do successo, pediu o soccorro do governador, que era então Mendo de Sá, que não só lh'o mandou, mas poz á sua frente seu filho Fernando de Sá: este uniu-se aos refugiados no Cricaré, e hateu aos donos do paiz: na occasião porém de embarcar os federados cahiram sobre elles com tal impeto, que lhes não deram quartel; ficando morto neste assalto, entre outros o mesmo Fernando de Sá.

(6) assesta o punho d'arma.

Chama-se punho do hodoque aquella parte mais grossa do arco, bem no meio d'elle.

CANTO IV.

(1) —Que em si abunda de avultada caça—

O verbo—abundar—diz respeito ao numero da caça, e o particípio avultada— ao tamanho.

(2) Fossem ãs habeis mãos do infante Pedro.

Foi no anno de 1667 que o infante D. Pedro recebeu as redeas do governo do reino de Portugal; porisso que o povo estava cançado da irregular conducta do rei D. Affonso VI: e o nosso solitario dous annos antes (em 1663) se tinha retirado a viver no deserto; vem justamente isto ser sessenta e um annos depois que os colonos portuguezes, ingratos aos serviços que recebido tinham dos Pitagoares, na terceira invasão dos feroces Aymorés, em premio deste, servilços os reduziram a escravidão; de nada servindo para evitar esta tyrannia, as providencias de Filippe III.

Carregado

(3) De prata, de Filippe entrou á corte.

Em 1585, Robeiro Dias apresentou-se á corte de Filippe, e ahi se compromettia de mostrar um logar do Brasil onde havia, segundo elle, tão prodigiosa quantidade de prata, metal, que possuia em grande copia, que excedia a Biscaya, em ferro; isto pelo titulo de Marquez, o que lhe sendo negado, e guardando elle profundo silencio sobre este logar de tantas riquezas, ficou até hoje ignorado. E' neste anno, que diz ter nascido o solitario, que até o anno de 1715 no qual fallou com Corimbaba conta-se 130 annos.

(4) Por capitão D. Marcos, Bispo illustre.

Foi em 1625 que os habitantes da Bahia resolveram sahir dos sertões, para onde os tinham lançado os Hollandezes, e pondo á sua frente o Bispo D. Marcos Telxeira, este os animando com discursos cheios de um eloquente fogo

cahiram sobre os inimigos com tal denodo, que nelles fizeram horrivel matança. O general van Dort, perdeu a vida alli, e o mesmo D. Marcos: mas Francisco Nunes Marinho que lhe succedeu, conservou-se sempre ante o inimigo, até que D. Fradique de Toledo, com uma grande força de voluntarios portuguezes surge defronte de S. Salvador. Apesar da habil defeza do inimigo, ao cabo de 30 dias, é constringido a capitular, e jurando não tomar mais armas contra Hespanha, e seus dominios, evacua a Bahia. O Almirante Balduino Henrik, chegado então com grande reforço, quiz debalde soccorrer aos seus compatriotas; e o capitão Hespanhol o obriga a regressar.

O solitario, que diz ter combatido nesta batalha, devia então ter 40 annos.

(5) Fradique os expellindo.

Consultando uma historia do Brasil, em abreviação acho Fradique de Toledo, e Vandort. Em um opusculo porem da Historia d'America acho Frederico, e van Dor. Bcm que isto seja de pouca monta, todavia para obviar qualquer engano, que nomes historicos possam por ventura accarretar, ponho aqui a nota a respeito; e ver-se-ha qual fição adoptei.

(6) Tinha eu chegado do degredo á terra.

Por que nesse tempo o governo portugucz mandava os seus degredados para as Indias orientaes, e para o Brasil.

(7) Tão pobres como eu, sem naufragarem.

O sentido do verbo—naufragar—é aqui empregado no sentido de qualquer desgraça: isto é—Tão pobres como eu, sem soffrerem desgraça alguma. O solitario o usa em relação ao seu naufragio.

(8) Que a d'aquelles chamados seus senhores.

Ô solitario fallando dos Pitagoares, d'aquelle povo que se havia alliado aos portuguezes, e que tantos serviços lhes

tinha feito, irritado pela ingratição de seus compatriotas, prorompe nestas palavras; porisso que elle julgava que o unico motivo por que os Pitagoares foram escravizados era a sua cor.

A historia nos diz que a Hespanha Intervelo, com algumas leis philanthropicas em favor dos selvagens, sollicitadas pelo Jesuita Antonio Vieira, que só a isso fôra a Madrid: e um Breve do Santo Padre excommungava a qualquer, que reduzisse a escravidão á algum americano.

- (9) Piedade, me mim tende piedade...
 Ao menos vós sómente, ó meus amigos;
 Porque feriu-me do Senhor a Dextra.

Miseremini mei, miseremini mei! saltem vos, ancti mei,
 quia manus Domini tetigit me!

JOB.

- (10) Deos me deu, Deos tirou; bemdito seja.

Dominus dedit, Dominus abstulit, sit Nomen Domini
 benedictum.

JOB.

- (11) Com o duro, espinhoso Japê-canga.

Japê-canga, um certo cipó mul forte, e espinhoso.

CANTO V.

- (1) Guinchar de c'rujas, rebater de itanhas.

O verbo — rebater — foi o unico que julguei mais capaz de exprimir o grito da itanha, cujo som limita o rebater de um martello sobre metal rachado, e pouco soante.

- (2) Pelos mortos orae.

Allusão a certos devotos, que em algumas noutes de Qua-

resma cantavam, e resavam certas orações pelas almas, não só nos cemiterios, mas também junto ás cruzes de estradas frequentadas: elles usavam, nos intervallos destas orações, tocar uma campainha, e pedirem suffragios pelas almas. A isto ouvia eu chamar, na minha meninice—Cantar as Almas.

(3) Figurae vendo Resfa pranteando.

Tão citado é o caso de Jacob, e seu filho José, que me julgo dispensado de nota á respeito.

Em quanto á Resfa, para intelligencia do logar em que nella fallo, basta dizer que sendo entregues seus dous filhos aos Gabaonitas, Resfa depois de baldar rogos, e lagrymas, viu seus dous filhos serem cruxificados em um monte, e seus cadaveres lançados no campo. O amor maternal não abandonou os corpos d'aquelles desgraçados principes! A sentida Resfa velando sobre os cadáveres de seus filhos, fazia com que, durante o dia, as aves, e durante a noute, as feras, não devorassem aquelles corpos: sabido isto por David, mandou sepultal-os.

(4) Ou de quem desertou das mãos da morte.

Allusão a certa crença vulgar, que aquelles que foram julgados mortos em consequencia de algum desmaio, e de cujo funeral já se tratava, que ao depois que tornam a si, nunca mais tomam a mesma côr, si antes eram corados, mas sempre o seu rosto se mostra pallido, e triste.

(5) Ou assistiu banquetes de finados, etc.

Allusão a certa crença vulgar de um libertino que ceára com uma alma do outro mundo.

DESENFADO.

Si por ventura atiegar posso algum motivo, que me determinasse a emprender este (a quem eu chamo) Poema, tres foram elles; e aqui os refiro: 1.º, o pediram-me duas pessoas, que me não desse exclusivamente ás composições fugitivas; mas que me arrojasse a composições de maior escala. 2.º, o querer eu proprio me fazer costume de escrever obras de mais quilates, que lgeiros canticos.

Depois de longo duvidar sobre a escolha do assumpto, lembrei-me que em uma das praias do oceano que banha a costa do Cabo-Frio ha uma cruz, que se diz plantada sobre a sepultura de uma indigena, e porisso chamada — *A Cruz da Cabocla* —

Conta-se (e passa por verdade) que uma embarcação para alli fora lançada, e que entre os mais, que morreram, contára-se uma india tambem victima desse naufragio, e alli mesmo sepultada fora, attenta a circumstancia de achar-se já o corpo corrupto.

Aproveitel-me deste naufragio, mudando porem o logar não só delle, como o em que se cravou a cruz.

Uma antiga tradição conta que pouco depois desse naufragio, um vulto mysterioso fora visto vagando nessa praia das onze horas da noute até o terceiro canto do Gallo, e com voz sepulchral perguntando — *P'ra onde tret?* — Esta popular tradição tenho-a ouvido attribuida a varios logares do Brasil, e até de Portugal; e mesmo em Cabo-Frio a attribuem a diversos logares d'aquella cidade. Não concordam porem os contadores deste caso na resposta que ouviu o vulto que perguntava — *p'ra onde tret?* — Uns dizem que um homem, que passava o mandára para o céu, outros que para o inferno.

Para dar pois a isto uma fôrma mais regular imaginei os amores de Corimbaba, e de Miry'ba, e o ciúme d'aquelle

como acção principal do Poema: e juntei-lhe varios episodios historicos.

Ora, nem na fórma do Poema, nem no seu machuismo, nem nos pensamentos, procurei imitar escriptor algum; e si por ventura alguma imitação por ahí houver, foram cahidas do bico da penna, sem que nisso entrasse menor proposito.

Busquei ser moral, e religioso em toda a minha obra, e sempre que o poude, o dar-lhe um character, ou typo nacional, isto é, escrevi como brasileiro: quanto a parte que tem de moral, se ve nes. as duas paixões, acção principal, e uma dellas tão vulgar, que, de todos conhecida, nasce, cresce, vigora, arde, destroe, consome, arrasa, aniquilla, e em fim causa tudo quanto é de destruição... e isto por que?... por causa de um nada! Ora pois: vms. viram pela leitura do Poema, que estas duas paixões são, uma o ciúme; e esta é de tal calibre, que supponho que não ha por ahí alguém tão ditoso, que lhe não tenha visto a ponta da cauda!... Quando eu... quanto mais os que frequentam ballies, assembleas, e em fim amam!

A outra é o amor.

Ornei toda esta arenga com uns pedaços a que os senhores litteratos chamam — Episodios —: escrevi em luthas a que elles chamam — versos — dividi estes em grupos, a que os mesmos dão o nome de — Cantos —; e a estes cinco grupos, que bem mal arranjet, tambem eu por minha vez chamei — Poema ou Romance —

Agora si vms. me perguntam a que genero pertence o meu Poema; não se admirem do meu desembaraço em lhes responder, que á nem-um: lá isso fique ao desgosto, ou gosto do piíssimos, e sapientíssimos leitores; na certeza de que, por vms. lhe chamarem — Classico, ou Romantico; Ultraclassico, ou Ultraromantico; Anticlassico, ou Antiromantico; ou de nem-um genero; ou monstro; ou em fim o que quizerem; nem porisso nos havemos de enfadar, por que pela parte de vms., uma meia-duzia de vintens; pela minha, uma meia-duzia de horas, durante uma meia-duzia de dias, que neste divertimento gastei, não valem a pena de uma disputa: de mais, o tempo que vms. empregarem em ler estes máos versos será tão pouco, que não merece o trabalho de fallar-se em tal bagatela. Quanto mais que vms. são generosos, estou certo disso; eu não sou vil, posso lhes

afiançar; concordes nós nisto, a conclusão é que gente de bem não briga por ninharias.

Não se espantem vms. em me ouvirem dizer, que á nem-um genero pertence este meu—Poema—; eu fallo muito serio.

Ainda bem não cahi na saliente differença que extrema a este mancebo robusto, e atrevido, que campa tanto por travesso; e a este pæato velho a quem os senhores litteratos chamam, aquelle Romantico, e a este Classico.

Houve quem me dicesse que a esbola, ou genero, ou o que na verdade seja, chamado Romantico, que não só se approximava mais á natureza das cousas, copiando-as fielmente, mas que tambem se confessava, sacramentava-se, unglia-se, ouvia missas, penitenciava-se, etc.; isto si era Catholico-Romano, e a não ser, que cumpria todos os deveres religiozos da Seita á que pertencia: em quanto que o Velho-Classico acreditava ainda em Jupiter, Juno, Marte, Minerva, Venus, Vulcano Diana, e em toda essa sucia libidinosa, dissoluta, eiumenta, vngativa, e Incestuosa da Imaginação de Hesiodo, e de Homero.

Ora, si o sujeito que tal me dice não caçoou do mim, o que póde muito bem ser, attenta a minha boa fé, ou antes por apanhar-me tolo; bem se vê que eu, por similhança de cultos, e talvez de costumes, devo mais sympathisar com o Romantico do que com o Classico; porem, como sou um pouco cauteloso em amizades, e não as tomo mesmo sem muito ter tractado com o sujeito com quem sympathiso, por isso inda me não fiz do Romantico amigo de cama, e mesa, apezar de andar, ha algum tempo a esta parte, desconfiado, e de pontas com o Classico, que em fim sempre é gentio, pagão, e idolatra!

Com tudo, si apezar das minhas mui serias considerações, vms. assentarem que o meu Poema é Classico, eu já o dice, chamem-lhe Classico, que eu porisso não darel cavaco, apezar de ser o meu tanto desconfiado!

Uma cousa lbes posso eu affiançar, e vejam vms. que não minto, pois sou pessoa de mui boa fé, e é, que seja qual for o genero a que quiciram que pertença o meu Poema, ou neste, ou n'aquelle lbe hão-de encontrar não pouca porção de moral; não desta de palavras, de salões, de cortezias, de zumbaias, e de caras, mas desta de coração, e d'aima, que importia tanto como dizer, de acções!

O outro motivo que tive, e pelo qual estão vms., sofregamente esperando, e com razão, por que o prometido é devido, é o seguinte... (Entre parenthesis. Este motivo é bem pequenino, e bem frivolo, mas sempre faz seu peso na concha da balança das considerações).

Na epocha em que os Bardos Europeos attingindo aos mais reconditos mysterios do sublime da Poesia, executando as mais brilhantes, e magestosas concepções, espalham escriptos cheios desta Poesia terna, e sentimental; desta Poesia da natureza verdadeiramente tocante, bella, e chela de espirito; desta Poesia em fim que arrebatava nossa alma quasi até á Divindade, per meio destas sublimes scenas da natureza; os Poetas brasileiros, formando de retaguarda, lá vão arrastando seus pequenos escriptos, inda que alguns bellos, destas composições passageiras!

Ellas, que lançando, no dia em que apparecem, um raião frouxo de uma incerta luz, talvez lhes não reste uma scintilla um seculo depois!

Não pertendo dizer que as grandes obras sejam immortaes; pois que com Horatio digo—*Mortalia facta peribunt*—mas que, quando as pequenas composições lançarem de si a derradeira scintilla de uma espirante luz, as grandes composições inda terão uma vigorosa chamma, que atravessando milhões de dias vá calar na ultima hora de alguns seculos, que sobre ellas terão passado, sem deixar em suas paginas os vestigios de sua passagem.

Entre os motivos, que alleguel para emprehender este pequeno Poema, um foi o querer me fazer costume de escrever obras, que de alguma circumspecção carecem; e quem isto ler não duvidará que me proponho a escrever alguma obra grande. Todavia, ha não pouco tempo que este desejo assalta o meu coração: mas, como dar-se a composições desse genero um moço, que, nem porisso dispõe lá de grandes meios? fallando serio, elles não deixam de ser precisos a um escriptor: e, si não, vejam vms. o que diz Bocage, Bocage, aquelle estravangantão, eis-aquí; ora icam: é n'uma Epistola do 3.º Tomo:

Mas ah, Vincenio! Se os haveres, o ouro,
Puchando-nos á Terra, origem sua,
O adejo á Fantasia ao Genio prendem,
Obstaculo mais duro é a Indigencia.

E um pouco mais abaixo.

Sim, Vincenio, a Penuria, morte do Estro,
 Se alguns deixou viver, medrar na Fama,
 Genlos mil, Genlos mil tem submergido
 No Pego avaro que as memorias sorve.
 E' peste, é corrupção Fortuna immensa,
 Della provem dureza, orgulho, Insania,
 Que aos olhos do Mortal Mortaes avilita,
 E outros vicios provem; mas a ventura
 Moderada, tranquilla, é dom do Eterno,
 Util ao Sablo, necessaria a todos.

Os Litteratos europêos, ignorantes do nosso estado de cousas, dizem, que os Brasileiros são preguiçosos, porisso que nascidos, e criados em um palz todo poetico, elles se não arrojam á brillhantes composições a que os Inspiram as scenas poeticas da terra de Santa-Cruz! Ah! que elles não sabem que aqui só se dá consideração á quem escreve sobre politica, e nada mais... elles não sabem que á respeito dos outros escriptores, lá, a gloria; aqui a pena! lá, o lucro; aqui a miseria! lá, a consideração; aqui o desrespeito! lá, a estíma; aqui o desprezo! E, si um moço de algum talento faz de si uma idéa mais elevada que aquelle, que apenas assigna seu nome, tracta-se logo de humilhai-o, querendo-se lançal-o, na escala dos homens sem merito, sem prestimo, e sem nome de qualidade alguma!... Com effeito, toda regra soffre a sua excepção; nem todos os homens depreciam as lettras aqui.

Não pense pois pessoa alguma que não haja entre nós quem escreva; há, mas escrever para que? Excepto os periodicos politicos, pouco se lê no Brasil; as Impressões caras, os theatros brasileiros não representam sinão Dramas francezes, ou de outro qualquer idioma, bons, ou máos, com tanto que sejam estrangellos, apezar de os haver nacionaes, etc. etc.

E' na verdade maravilhoso que n'uma epocha em que o *positivismo* queima todos os seus incensos sobre os aitaes das realdades, haja quem ainda embeba a sua mente nas abstracções poeticas!... Será isto destino?... E que hei-de eu fazer? No apertado circulo do meu sombrio horizonte eu não tenho outra assembléa que a de meus poucos livros,

uma luz, um tinteiro, com seus pertences; e não é pouco! eu não tenho amigos com quem me desabafe, s'não os meus livros; eu não tenho em fim outra perdillecta, que escute os meus ais, que ouça os meus suspiros, que console os meus gemidos, que dê lenitivo ás minhas penas, si não a Poesia!... Graças a Deos!

E esta!... Como é que eu estando hoje de tão bom humor dei tanto cavaco?

Vamos ao caso. Pensando nos progressos da Poesia europea, eu o confesso, não gostei; e por isso lancei mão do dito caso e escrevi o tal Poema, a exemplo dos Poetas europeos. Não sahlu um Poema, mas um monstro, me dirão; eu bem o sei; mas os monstros lá tem a sua serventia, ao menos, para os senhores physicos, ou naturalistas, ou o que na verdade sejam. Alem disto, crelo mesmo que o meu Poema, si outro prestimo não tiver, servirá ao menos de estímulo a qualquer melhor escriptor, para que com melhor composição metta-me no chinello: mas nesse chinello em que me lancem, por pequeno que seja, hade caber comigo a pequena gloria de ser o primeiro que no Brasil apprehendi unia tal obra.

O primeiro canto do Poema, sendo gasto quasi todo em narrações, ou antes descripções locais, pouco interesse pôde offerer; eu mesmo não gosto lá muito delle; e quasi que podla servir de prologo ao Poema, si tal asneira admissivel fosse.

Em quanto algumas palavras indigenas que por ahí acharão, como nomes proprios de algumas arvores; Tupana, Pagé etc.; rogo a vms. que não se arriplem com ellas. Olhem, pertencem a um idioma, que fallado foi na terra dos Tupinambás, Guarany, Tamoyos, etc. no tempo em que ahí havia ouro ao granel, e liberdade as direitas!

Talvez haja alguem que me diga que o nimlo desejo de fallar no paiz do meu nascimento, me fez produzir mais um canto, porisso que o Poema dispensava bem o primeiro canto; abrindo eu a scena no casamento dos heróes, reunindo o que d'ahí vae até o fim, ao segundo canto, que ficaria sendo primeiro, e assim se escusava tantas descripções, que antes estão; ao que respondo: 1.º que eu tenho tanto direlto de, em minhas obras, fallar do meu paiz, como tiveram de fallar, nas suas, Virgilio em Mantua sua patria, e Horatio na sua quinta de Tivoli, ou Phalerno, ou lá onde for; por que eu esqueci estas cousas quando esqueci o Latim: 2.º, que sendo assim, ficava o primeiro canto não um canto, mas um cantão,

o que era incompativel com o Poema, porisso que elle não é Suisso.

Tambem haverá quem não sympathise com o modo por que falla do mundo o Solitario... mas tenham paciencia, são rabuges da idade; e de mais, com duas palavras se lhe responde, e são estas:—Está caduco!...

Em quanto ao estylo do Poema, declaro que quando escrevo não estudo estylos, e é o que sahe.

Ora eu podia allegar algumas circumstancias valiosas a bem de alguns erros, que por ventura commettidos fossem neste Poema; bem como, que sou ainda moço, que esta é a vez primeira que escrevo uma obra deste qullate etc., mas dir-me-hão vms., perguntando-me com alguma razão;—E quem lhe encommendou o sermão?—Ninguem, ninguém, eu bem o sei, mas os grandes escriptores assim principiaram.

Em fim, si algum senhor sobremodo delicado não gostar, ou mesmo levar a mal alguma palavra, ou phrase desta obra, desde já declaro, que prompto estou a dar tantas, quantas satisfações me pedir: não me peçam dinheiro, por que não dou; satisfações, quantas quizerem.

Creio que dito tenho quanto sufficiente é.

Saude, meus senhores.

FIM.

ERRATAS.

| PAG. | LIN. | ERROS. | EMENDAS. |
|------|------|--------------------------------|-----------------------|
| 10 | 6 | frabricas | fabricas |
| 20 | 12 | Sentanda | Sentada |
| 31 | 8 | fuginte | fugente |
| 38 | 21 | E | E' |
| 64 | 9 | ecuto | escuto |
| 73 | 12 | fictados | fitados |
| 74 | 5 | hamens... | homens... |
| 78 | 20 | dissoluções | desolações |
| 79 | 22 | ficto ! | fito ! |
| 96 | 1 | pria. | praia. |
| 107 | 3 | cabouelos | caboclos |
| 123 | 6 | feminimas | femininas |
| 126 | 14 | E sou | Eu sou |
| 168 | 3 | o pediram-me | o pedirem-me |
| " | 24 | tração | tradição |
| 170 | 11 | que não so se appro- ximava | não só se approximava |
| " | 21 | do mim, | de mim, |
| 171 | 13 | retaguarda, | rectaguarda, |
| 173 | 3 | perdilecta | predilecta |

LISTA DOS SRS. SUBSCRIPTORES.

| | |
|---|---|
| Agostinho José Vieira Pinheiro..... | 1 |
| Alexandre Joaquim de Siqueira (Dr.) | 1 |
| Amaro Emilio da Veiga..... | 1 |
| Amaro José Gomes da Silva..... | 1 |
| Amaro Pacheco Sobrosa..... | 1 |
| Anna Barbosa Ribeiro e Silva (D.) | 1 |
| Antonino Duarte Silveira..... | 1 |
| Antonio Rodrigues da Silva..... | 1 |
| Antonio da Costa Nunes | 1 |
| Antonio dos Santos Porto Rocha..... | 1 |
| Antonio Francisco Dutra e Mello..... | 1 |
| Antonio Maria de Miranda (Dr.)..... | 1 |
| Antonio Rodrigues da Costa e Sousa..... | 2 |
| Antonio Rodrigues da Cunha..... | 1 |
| Antonio dos Santos Cardoso..... | 1 |
| Antonio Rodrigues Nunes..... | 1 |
| Antonio José Ribeiro | 1 |
| Antonio Theodoro da Rosa Gama (2.º Ten.)..... | 1 |
| Antonio de Azevedo Gomes..... | 1 |
| Antonio Martins Lopes..... | 1 |
| Antonio da Costa Oliveira Gonsalves. | 1 |
| Antonio Joaquim de Andrade Leite | 1 |
| Antonio José de Azevedo..... | 1 |
| Antonio José Cardoso Santos..... | 1 |
| Antonio Jose da Cruz Coimbra..... | 1 |
| Antonio José do Rego Pereira..... | 1 |
| Antonio José Pereira de Mello..... | 1 |
| Antonio Jose Tinoço de Araujo..... | 1 |
| Antonio Pinto Ribeiro..... | 1 |
| Antonio Lopes de Oliveira Araujo..... | 1 |
| Antonio José Ferreira da Silva..... | 1 |
| Augusto Xavier Maia..... | 1 |
| Augusto Celestino Osorio (Rev.)..... | 1 |
| Aureliano José Rangol..... | 1 |
| Aureliano Felix Pereira..... | 1 |
| A. Felix Martins (Dr.) | 1 |
| A. José de Araujo (Capitão) | 2 |
| A. J. V. de Burrs..... | 1 |
| B. lbina Gomes da Silva (D.)..... | 1 |
| Basilio Ferreira Gualte..... | 1 |
| Basilio José de Oliveira Pinto..... | 1 |
| Benedicto Joaquim Ribeiro..... | 1 |

LISTA DOS SRS. SUBSCRIPTORES.

| | |
|--|---|
| Bento Thomaz da Silva Coelho..... | 1 |
| Bento Joaquim Pereira Castiço..... | 1 |
| Bernarda Maria da Porciuncula (D.)..... | 1 |
| Bernardo Joaquim d'Oliveira..... | 1 |
| B. G. V. Mahy..... | 1 |
| B. B. Brasileiro..... | 1 |
| Caetano José Gomes..... | 1 |
| Campos..... | 1 |
| Candida Maria Lopes (D.)..... | 1 |
| Carolina Augusta de Oliveira (D.)..... | 1 |
| C. L. Japi-Assu de Figueredo e Mello (Dezemb.).... | 2 |
| Candido Matheus de Ferreira Pardal..... | 1 |
| Candido Martins Lopes..... | 1 |
| Candido José da Silva..... | 1 |
| Candido Emilio dos Santos Falcão..... | 1 |
| Celestino Mauricio Quintanilha..... | 1 |
| Cypriano Gomes da Guia..... | 1 |
| Custodio de Almeida Coelho..... | 1 |
| Dionisio da Cunha Ribeiro Feijó..... | 1 |
| Domingos Gonsalves dos Santos..... | 1 |
| Domingos José Gonsalves de Magalhães (Dr.)..... | 2 |
| David Gomes Jardim..... | 1 |
| Emilio Joaquim da Silva Maia (Dr.)..... | 1 |
| Emilio Adet..... | 1 |
| Eugenio Aprigio da Veiga..... | 1 |
| Eusebio de Queiroz Coutinho Matoso da C. (Dezemb). | 1 |
| E. A. J. Soulier de Sauve..... | 1 |
| E. de Azevedo C. de Aguiar..... | 1 |
| Felicissimo da Costa Gomes..... | 1 |
| Feliciano Gonsalves Negreiros..... | 1 |
| Feliciano Gomes de Freitas Junier..... | 1 |
| Felisberto José da Cunha..... | 1 |
| Fernando Rodrigues Silva..... | 1 |
| Firmino José da Silva Veiga..... | 1 |
| Firmino Antonio Dias..... | 1 |
| Firmino Leocadio de Mello..... | 1 |
| Florindo Alves da Costa..... | 1 |
| Francisco Galdino Ferreira..... | 1 |
| Francisco Manoel e Silva..... | 1 |
| Francisco Crispiniano Valdetaro..... | 1 |
| Francisco Antonio Teixeira..... | 1 |
| Francisco José Ferraz Durão..... | 1 |
| Francisco Garcia da Rosa Terra..... | 1 |
| Francisco da Cunha Lopes..... | 1 |
| Francisco Antonio Alves de Carvalho Cassanata..... | 1 |
| Francisco José do Paço..... | 1 |
| Francisco Soares Marques..... | 1 |
| Francisco Carneira de Assis..... | 1 |
| Francisco de Paula Menezes (Dr.)..... | 4 |

LISTA DOS SRS. SUBSCRITORES.

| | |
|---|----|
| Francisco de Paula Brito..... | 10 |
| Francisco de Paula Martins e Silva Filho..... | 2 |
| Francisco Corrêa Albuquerque..... | 1 |
| Francisco Joaquim Catete (1.º Tenente)..... | 1 |
| Francisco Antonio Martins..... | 1 |
| Francisco Luiz Machado..... | 1 |
| Francisco Theodoro da Rosa Gama..... | 1 |
| Francisco Julio Xavier (Dr.)..... | 1 |
| Francisco José de Sousa Silva..... | 2 |
| Francisco Lopes de Oliveira Araujo..... | 1 |
| Fructuoso José da Cruz..... | 1 |
| F. J. A. Leite filho..... | 1 |
| F. Leitão de Almeida..... | 1 |
| Fernando Mendes da Costa..... | 1 |
| Geraldo da Silva Corrêa..... | 1 |
| Germano Francisco de Oliveira..... | 1 |
| Guilherme José Manso..... | 1 |
| Gertrudes da Silva Lopes (D.)..... | 1 |
| Herculano Luiz de Lima..... | 2 |
| Hercules Octaviano Muzzi..... | 1 |
| Henrique Cesar Mujó..... | 2 |
| Henrique José Pires..... | 1 |
| Ignacio José Nogueira Gama..... | 1 |
| Januario da Cunha Barbosa (Rev.º Conego)..... | 1 |
| Jeronimo Barbosa Ferreira..... | 1 |
| Jeronimo Jorge de Mello..... | 1 |
| João Manoel A. Corte Real..... | 1 |
| João de Araujo Marinho (Rv.)..... | 1 |
| João Antonio da Motta..... | 1 |
| João Pedro de Faria..... | 1 |
| João dos Santos Lima..... | 1 |
| João da Rocha Mazarem..... | 1 |
| João Antonio da Trindade..... | 1 |
| João Baptista Lopes (Guarda Roupa)..... | 1 |
| João Henrique Ulrich..... | 1 |
| João Antonio Dantas da Gama..... | 1 |
| João Antonio de Oliveira Silva..... | 1 |
| João Baptista Taloni..... | 1 |
| João Cordeiro Alves..... | 1 |
| João de Oliveira Marques... .. | 1 |
| João Nunes Barroso..... | 1 |
| João Alves Loureiro (Dr.)..... | 1 |
| Joaquim Marinho de Queiroz Junior..... | 1 |
| Joaquim Marques da Cruz..... | 1 |
| Joaquim Pereira de Araujo (Dr.)..... | 2 |
| Joaquim da Rocha e Sousa..... | 1 |
| Joaquim Gonsalves Maia Marcanzol..... | 1 |
| Joaquim José da Cruz Coimbra..... | 1 |
| Joaquim Pinto Pereira da Silva..... | 1 |

LISTA DOS SRS. SUBSCRIPTORES:

| | |
|---|----|
| Joaquim Ferreira da Cruz..... | 1 |
| Joaquim Ribeiro Lopes da Silva..... | 1 |
| Joaquim Candido Soares de Meirelles (Dr.)..... | 20 |
| Joaquim José de Carvalho..... | 1 |
| Joaquim de Sá Charem..... | 1 |
| Joaquim da Silva Albuquerque Diniz..... | 1 |
| Joaquim de Sousa Borges Accioly..... | 1 |
| Joaquim Antonio de Barros..... | 1 |
| Joaquim Ferreira Lopes Ramos (Major)..... | 1 |
| Joaquim Alves de Brito..... | 1 |
| Joaquim Antonio de Carvalho..... | 1 |
| Joaquim Gomes Ferreira Leite..... | 1 |
| José Joaquim Marquez de Castro..... | 1 |
| José L. de Govêa Faria..... | 1 |
| José Joaquim d'Avila..... | 1 |
| José de Castro e Silva..... | 1 |
| José Joaquim Meirelles..... | 1 |
| José de Araujo Coutinho (Dr.)..... | 1 |
| José da Silva Guimarães (Dr.)..... | 1 |
| José Bento da Rosa (Dr.)..... | 1 |
| José Antonio Freire (Cap.)..... | 3 |
| José Antonio Ferraz..... | 1 |
| José Norberto de Souza e Silva..... | 1 |
| José Antonio dos Guimarães..... | 1 |
| José de Andrade Motta..... | 1 |
| José Alexandre de Araujo Pontes Junior..... | 1 |
| José Mauricio Nunes Garcia (Dr.)..... | 1 |
| José Pereira Tavares..... | 2 |
| José Henrique Martins de Oliveira..... | 4 |
| José Silveira Azevedo..... | 1 |
| José Narciso Cruz..... | 2 |
| José Vieira d'Almeida (Dr.)..... | 1 |
| José Francisco do Amaral..... | 1 |
| José Luiz da Costa..... | 2 |
| José Cardoso Fontes..... | 1 |
| José Rufino Rodrigues de Vasconcellos..... | 1 |
| José Ferreira da Silva..... | 1 |
| José Theodomiro dos Santos..... | 1 |
| José de Paiva Magalhães Calvete..... | 2 |
| José Romualdo de Noronha..... | 1 |
| José de Assis Alves Branco Muniz Barreto (Dr.)..... | 1 |
| José Maria Gomensor e Alvim..... | 1 |
| José da Silva Nazareth..... | 1 |
| José Ferreira dos Santos (Rv.)..... | 1 |
| José Antonio Bastos..... | 1 |
| José Antonio da Veiga..... | 1 |
| José Custodio Bessa..... | 1 |
| José Joaquim Ferreira Paranhos..... | 1 |
| José Izidro Mendes de Vasconcellos Bicancora..... | 1 |

LISTA DOS SRS. SUBSCRIPTOES.

| | |
|--|---|
| José Veloso de Menezes Guimarães..... | 1 |
| José Maria da Silva Paranhos..... | 1 |
| José Maria de Noronha Feital (Dr.)..... | 1 |
| José Pinto Leite..... | 2 |
| José Leite da Costa de Faria..... | 1 |
| José Manoel do Rozario..... | 1 |
| José Joaquim do Couto (Major)..... | 1 |
| José Joaquim de Oliveira..... | 1 |
| J. R. Pereira Rego..... | 1 |
| J. M. Jacobina..... | 1 |
| J. José da Rocha (Dr.)..... | 1 |
| J. M. de Mascaranhas..... | 1 |
| Juvenio Pereira Ferreira..... | 1 |
| Juvenio Manoel Cabral de Menezes (2.º Ten.)..... | 1 |
| J. J. do Nascimento..... | 1 |
| J. M. P. de Lacerda..... | 1 |
| J. B. Lisboa..... | 1 |
| J. C. dos Santos .. | 1 |
| Ignacio Felisardo Fortes (Rv.)..... | 1 |
| Leocadia de Marins Rangel (D.)..... | 1 |
| Luiz Antonio Passos..... | 1 |
| Luiz Augusto Ferreira d'Almeida..... | 1 |
| Luiz Manoel d'Almeida..... | 1 |
| Luiz Alves de Castilho..... | 1 |
| Luiz Vicente De-Simoni (Dr.)..... | 1 |
| Luiz Legey (Ten.)..... | 1 |
| Luiz Gomes de Mello..... | 1 |
| Ludgero da Rocha Freire Lapa (Dr.)..... | 1 |
| Ludgero Luiz de Alcantara..... | 1 |
| Luiz José dos Reis Alpoim (Ten.)..... | 1 |
| Maria Francisca de Marins Rangel (D.)..... | 1 |
| Malaquias José da Silva..... | 1 |
| Manuel Odorico Mendes (Comm.)..... | 1 |
| Manuel Luiz Lopes de Carvalho..... | 1 |
| Manuel José d'Almeida e Silva..... | 1 |
| Manuel Duarte Moreira..... | 1 |
| Manuel Rodrigues Fernandes..... | 1 |
| Manuel Barbosa Ribeiro..... | 2 |
| Manuel Pedro dos Santos..... | 1 |
| Manuel Scutinho Barreto..... | 1 |
| Manuel Alves Veludo..... | 1 |
| Manuel Silva Pereira..... | 1 |
| Manuel Carvalho de Sá..... | 1 |
| Manuel Alexandre dos Santos (Al eres)..... | 1 |
| Manuel dos Santos Romano..... | 1 |
| Manuel Gaspar de Magalhães..... | 1 |
| Manuel Ventura Teixeira Pinto..... | 1 |
| Manuel de Araujo Porto-Alegre..... | 1 |
| Manuel Marques da Cruz..... | 1 |

LISTA DOS SRS. SUBSCRIPTORES.

| | |
|---|----|
| Manoel Pereira da Silva Ubatuba..... | 1 |
| Marcellos (Dr.)..... | 1 |
| Mariano Antonio Dias..... | 1 |
| Matheus Lourenço Pereira..... | 1 |
| Miguel José dos Santos Junior..... | 1 |
| Miguel Joaquim de Nazareth..... | 1 |
| M. J. Amaral..... | 1 |
| M. P. B. Fonceca de Brito..... | 1 |
| Narcez G. de Carvalho..... | 1 |
| Nisia Floresta Brasileira Augusta (D.)..... | 1 |
| Nogueira (Dr.)..... | 1 |
| Paulino José Soares de Sousa (Exm. Cons.)..... | 40 |
| Portella (Dr.)..... | 1 |
| Pedro Antonio Gomes..... | 1 |
| Pedro Pinto de Araujo Correa..... | 1 |
| Pedro Felix Dias d'Almeida..... | 1 |
| Rosa Maria da Conceição (D)..... | 2 |
| Rufina Rodrigues da Costa e Brito..... | 1 |
| Raphael Pereira de Carvalho..... | 1 |
| Rego..... | 1 |
| Roberto Emery..... | 1 |
| Rosa Maria do Nascimento (D.)..... | 1 |
| Santiago Nunes Ribeiro..... | 1 |
| Sabino Julio Xavier..... | 1 |
| Salvador da Silva Fidalgo..... | 1 |
| Saturnino Duarte Silveira..... | 1 |
| Senhorinha Rodrigues Nunes (D.)..... | 1 |
| Severiano Rodrigues Martins (Dr.)..... | 1 |
| Silvino José d'Almeida..... | 2 |
| S. M. Guevêdo de Lacerda..... | 1 |
| Timotheo Elauterio da Fonceca..... | 1 |
| T. C. Conceição..... | 1 |
| Theodoro Jansen Muller..... | 1 |
| Thomaz Antonio Alves de Matos..... | 1 |
| Vicente Xavier de Carvalho..... | 1 |
| Vicente Ferreira da Costa Piragibe (Tenente)..... | 1 |



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).